

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

LÍVIA MIRANDA DE LIMA SANTOS ALENCAR

**PLANOS DISCURSIVOS EM TEXTO BÍBLICO: O FUNDO NARRATIVO NAS
VERSÕES ALMEIDA REVISTA E CORRIGIDA (ARC) E NOVA VERSÃO
INTERNACIONAL (NVI)**

BELO HORIZONTE

2017

LIVIA MIRANDA DE LIMA SANTOS ALENCAR

**PLANOS DISCURSIVOS EM TEXTO BÍBLICO: O FUNDO NARRATIVO NAS
VERSÕES ALMEIDA REVISTA E CORRIGIDA (ARC) E NOVA VERSÃO
INTERNACIONAL (NVI)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: 1C - Estudos da Língua em Uso.

Orientadora: Professora Doutora Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira

BELO HORIZONTE
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG

2017

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

A368p

Alencar, Livia Miranda de Lima Santos.

Planos discursivos em texto bíblico [manuscrito] : o fundo narrativo nas versões Almeida Revista e Corrigida (ARC) e Nova Versão Internacional (NVI) / Livia Miranda de Lima Santos Alencar. – 2017.

188 f., enc. : il., tabs (p&b)

Orientadora: Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudos da Língua em Uso.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas

Gerais, Faculdade de Letras.

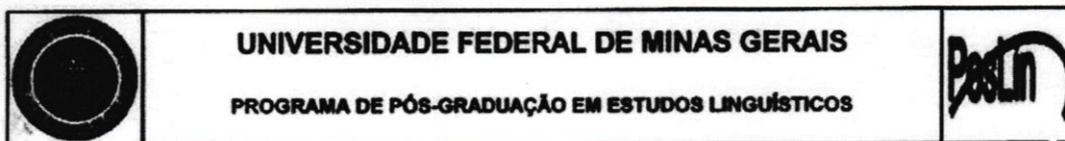
Bibliografia: f. 146-149.

Anexos: f. 150-185.

Apêndices: f. 186-188.

1. Bíblia – Teses. 2. Equivalência (Linguística) – Teses. 3. Narrativa na Bíblia – Teses. 4. Língua portuguesa – Tempo verbal – Teses. 5. Traduções – Estudo e ensino – Teses. 6. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 7. Funcionalismo (Linguística) – Teses. I. Oliveira, Ana Larissa Adorno Marciotto. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.5



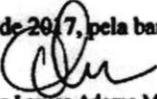
FOLHA DE APROVAÇÃO

PLANOS DISCURSIVOS EM TEXTO BÍBLICO: O FUNDO NARRATIVO NAS VERSÕES ALMEIDA REVISTA E CORRIGIDA (ARC) E NOVA VERSÃO INTERNACIONAL (NVI)

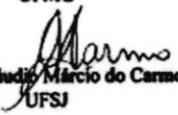
LÍVIA MIRANDA DE LIMA SANTOS ALENCAR

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos da Língua em Uso.

Aprovada em 29 de setembro de 2017, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Ana Larissa Adorno Marciotto de Oliveira - Orientador
UFMG


Prof(a). Larissa Santos Círculo
UFMG


Prof(a). Cláudio Márcio do Carmo
UFSJ

Belo Horizonte, 29 de setembro de 2017.

*Para o maior contador de histórias de todos os tempos,
àquele que fez Jonas viver uma grande aventura!*

AGRADECIMENTOS

A Ana Larissa que, desde o primeiro contato, se mostrou uma excelente professora e, nos últimos anos, se revelou uma ainda mais excelente orientadora. Seu apoio, paciência e orientação foram essenciais para que este trabalho fosse realizado!

A meu marido, Sérgio, que muito me amou, ajudou, apoiou e cuidou de mim para que eu pudesse chegar bem até aqui!

A meus pais, Cássio e Sílvia, que foram os primeiros a me fazerem interessada pela leitura bíblica, que sempre me apoiaram em meus estudos e que, diferentemente de mim, nunca duvidaram que eu conseguiria terminar meu Mestrado!

A meus avós, Roque e Alzirina, que afloraram ainda mais meu amor pelas Letras!

A Marina e June, que tanto me apoiaram a trabalhar e estudar com excelência!

A Sônia, que me fez enxergar que eu seria capaz de escrever essa dissertação!

A Raquel, que me ajudou e motivou na realização deste trabalho!

A professora Adriana Tenuta, que me inspirou a estudar os planos discursivos!

A todos os meus amigos e familiares que entenderam minha ausência em reuniões, encontros, e até conversas!

A meus queridos colegas de orientação, Edelvais, Giovana, Fernando, Raquel, Fernanda, que tornaram essa jornada do Mestrado mais feliz!

RESUMO

Este trabalho teve como alvo analisar comparativamente duas versões de uma história narrativa bíblica na Língua Portuguesa. Para nossa análise, baseamo-nos nos estudos de Hopper (1979), Reinhart (1984), e Azevedo (1995) sobre os planos discursivos em narrativas. Com o objetivo de perceber a existência de diferenças significativas de seleção de sentenças de Figura e de Fundo narrativo ao comparar duas versões de uma mesma história narrada, seguimos três questionamentos geradores desta pesquisa. Questionou-se se duas versões de uma mesma narrativa preservariam a mesma quantidade de seleção de sentenças, unidades oracionais, de Figura e de Fundo, o que nossa análise demonstrou que proporcionalmente aconteceu. O segundo questionamento visava a averiguar se a seleção de Fundo narrativo entre as versões analisadas seria diferente, e este trabalho demonstrou que, numericamente, não houve diferença significativa entre as traduções. Além disso, uma das versões se apresentou com verbos muito mais diversificados em Tempo e Aspecto verbais do que a outra. Nossa pesquisa também atestou que as sentenças de uma narrativa tendem a ser estruturadas no Modo *Realis*. O último questionamento deste trabalho considerou se haveria diferença nos níveis de Fundidade, propostos por Silveira (1990), entre as sentenças de Fundo narrativo das duas versões trabalhadas. Novamente, as versões apresentaram diferenças ao ser analisadas. Os estudos deste trabalho comprovam que uma mesma narrativa pode vir a apresentar diferentes estruturas de Fundo narrativo. Também se constatou que a legibilidade textual de uma narrativa parece estar ligada à utilização mais frequente do modo verbal *Realis* e de sentenças de Fundo em níveis mais profundos, que estão mais voltados em auxiliar a compreensão do leitor sobre a história narrada. Finalmente, os resultados deste trabalho se apresentam em conformidade à Teoria Gestalt de que quanto mais conseguimos diferenciar os planos discursivos, mais conseguimos enxergar a imagem ou a história narrada.

Palavras-chave: Planos discursivos; Figura e Fundo; Narrativa; Unidades oracionais; Tempo, Aspecto e Modo verbal.

ABSTRACT

This work aimed to comparatively analyze two versions of a biblical narrative story in the Portuguese language. In our analysis, we based on the studies of Hopper (1979), Reinhart (1984), and Azevedo (1995) on Foregrounding and Backgrounding in narratives. In order to perceive the existence of significant differences in the selection of sentences from Narrative Foreground and Narrative Background while comparing two versions of the same narrated story, we followed three questions that inspired this research. It was questioned if two versions of the same narrative would preserve the same amount of sentence selection, clause units, Foreground and Background occurrences, which our analysis revealed that did occur. The second questioning was to determine if the selection of the narrative Backgrounding between the analyzed versions would also be different, and this work demonstrated that, numerically, there was not significant difference between both translations. In addition, one of the versions attested verbs much more diversified in Verb Tense and Aspect than the other. Our research also attested that the sentences of a narrative tend to be structured in *Realis* Mode. The last questioning of this work had to do with the presence or lack of difference in terms of the levels of Backgrounding, proposed by Silveira (1990) between the sentences of Narrative Background of the two versions accounted. Again, the versions presented differences when analyzed. The analysis of this work prove that the same narrative may encompass different structures of Narrative Background. It was also observed that the textual legibility of a narrative seems to be linked to a more frequent use of the verbal mode *Realis* and Background clauses in deeper levels, which focus on working as auxiliaries to the reader's comprehension of the story told. Lastly, the results of this paper are in compliance with Gestalt Theory - the more we are able to distinguish discursive plans, the more we observe the picture or story that is being narrated.

Keywords: Foreground and Background; Narrative; Clause units; Verb Tense, Aspect and Mode.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1-Tabela comparativa de verbos das versões ARC e NVI dos versículos 1 e 2 de Jonas 1	150
TABELA 2 - Tabela comparativa de verbos das versões ARC e NVI do versículo 3 de Jonas 1	151
TABELA 3 – Tabela comparativa de verbos das versões ARC e NVI do versículo 4 de Jonas 1	152
TABELA 4 – Figura narrativa – NVI	153
TABELA 5 – Figura narrativa – ARC	154
TABELA 6 – Sentenças de Figura, de Categoria Intermediária, de Fundo, e de Discurso Direto no texto bíblico de Jonas na NVI	157
TABELA 7 – Sentenças de Figura, de Categoria Intermediária, de Fundo, e de Discurso Direto no texto bíblico de Jonas na ARC	162
TABELA 8 – Tabela comparativa das unidades oracionais da ARC e da NVI	81
TABELA 9 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Figura de Jonas 1 na versão NVI	83
TABELA 10 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Categoria Intermediária de Jonas 1 na versão NVI	85
TABELA 11 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Discurso Direto de Jonas 1 na versão NVI	86
TABELA 12 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Fundo de Jonas 1 na versão NVI	90
TABELA 13 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Figura de Jonas 1 na versão ARC.....	92
TABELA 14 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Categoria Intermediária de Jonas 1 na versão ARC	95
TABELA 15 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Discurso Direto de Jonas 1 na versão ARC	96
TABELA 16 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Fundo de Jonas 1 na versão ARC	99
TABELA 17 – Nova Tabela comparativa das unidades oracionais da ARC e da NVI	116
Tabela 18 - Pretérito perfeito – NVI	169
Tabela 19 - Pretérito imperfeito – NVI	170
Tabela 20 - Pretérito mais-que-perfeito NVI	170
Tabela 21 - Presente do indicativo – NVI	170
Tabela 22 - Forma nominal: Infinitivo – NVI	171
Tabela 23 - Forma nominal: Gerúndio – NVI	171
Tabela 24 - Futuro do presente do indicativo – NVI	171
Tabela 25 - Imperativo – NVI	171

Tabela 26 - Presente do subjuntivo – NVI	172
Tabela 27 - Pretérito perfeito – ARC	172
Tabela 28 - Pretérito imperfeito – ARC	173
Tabela 29 - Pretérito mais-que-perfeito – ARC	174
Tabela 30 - Presente do indicativo – ARC	174
Tabela 31 – Forma nominal: Infinitivo – ARC	174
Tabela 32 - Forma nominal: Gerúndio – ARC	174
Tabela 33 - Futuro do presente do indicativo – ARC	175
Tabela 34 - Imperativo – ARC	175
Tabela 35 - Pretérito imperfeito do subjuntivo – ARC	175
Tabela 36 - Presente do subjuntivo – ARC	175
Tabela 37 - Aspecto Imperfectivo – NVI	176
Tabela 38 - Aspecto Perfeito – NVI	177
Tabela 39 - Aspecto Perfectivo – NVI	177
Tabela 40 - Aspecto Imperfectivo – ARC	178
Tabela 41 - Aspecto Perfeito – ARC	180
Tabela 42 – Aspecto Perfectivo – ARC	180
Tabela 43 - Modo <i>Realis</i> – NVI	181
Tabela 44 - Modo <i>Irrealis</i> – NVI	182
Tabela 45 - Modo <i>Realis</i> – ARC	183
Tabela 46 - Modo <i>Irrealis</i> – ARC	185

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tempo verbal no texto da NVI.....	108
Gráfico 2 – Tempo verbal no texto da ARC	109
Gráfico 3 – Aspecto verbal no texto da NVI	111
Gráfico 4 – Aspecto verbal no texto da ARC	112
Gráfico 5 – Modo verbal no texto da NVI	113
Gráfico 6 – Modo verbal no texto da ARC	113
Gráfico 7 – Tempo verbal no texto da NVI sem Discurso Direto	118
Gráfico 8 – Tempo verbal no texto da ARC sem Discurso Direto	119
Gráfico 9 – Aspecto verbal no texto da NVI sem Discurso Direto	120
Gráfico 10 – Aspecto verbal no texto da ARC sem Discurso Direto	121
Gráfico 11 – Modo verbal no texto da NVI sem Discurso Direto	122
Gráfico 12 – Modo verbal no texto da ARC sem Discurso Direto	123
Gráfico 13 – Tempo verbal no Fundo global da NVI	124
Gráfico 14 – Tempo verbal no Fundo global da ARC	125
Gráfico 15 – Aspecto verbal no Fundo global da NVI	126
Gráfico 16 – Aspecto verbal no Fundo global da ARC	127
Gráfico 17 – Modo verbal no Fundo global da NVI	127
Gráfico 18 – Modo verbal no Fundo global da ARC	128
Gráfico 19 – Porcentagem de ocorrências dos níveis de Fundidade na NVI	133
Gráfico 20 – Porcentagem de ocorrências dos níveis de Fundidade na ARC	137

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARC *Versão bíblica Almeida Revista e Corrigida*

LFCU *Linguística Funcional Centrada no Uso*

NVI *Versão bíblica Nova Versão Internacional*

TAM *Tempo, Aspecto e Modo verbais*

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS INICIAIS	14
1.1 O texto bíblico.....	14
1.2 A motivação para este estudo.....	20
2 ESTUDOS DA NARRATIVA E A LINGUÍSTICA FUNCIONAL.....	24
2.1 A Narrativa e o texto bíblico aqui analisado	24
2.2 Figura e Fundo na Linguística Funcional.....	37
2.2.1 FIGURA	39
2.2.2 FUNDO	41
2.2.2.1 Os níveis de Fundidade	42
2.2.3 CATEGORIAS SECUNDÁRIAS	45
2.2.3.1 Discurso Direto	45
2.2.3.2 Categoria Intermediária	45
3 O VERBO	47
3.1 O verbo, a unidade oracional	47
3.2 O Sistema TAM	51
3.2.1 TEMPO	55
3.2.2 ASPECTO	59
3.2.3 MODO	66
4 METODOLOGIA	69
5 ANÁLISE INICIAL E RESULTADOS	81
5.1 Comparação numérica das unidades oracionais entre as duas versões bíblicas.....	81
5.2 Análise das unidades oracionais no capítulo 1 de Jonas na Nova Versão Internacional (NVI)	83
5.3 Análise das unidades oracionais no capítulo 1 de Jonas na versão Almeida Revista e Corrigida (ARC)	92
5.4 Regularidades encontradas nas quatro categorias discursivas: Figura, Categoria Intermediária, Discurso Direto, Fundo	101
5.4.1 O TEMPO VERBAL NAS DUAS VERSÕES BÍBLICAS	107
5.4.2 O ASPECTO VERBAL NAS DUAS VERSÕES BÍBLICAS	110

5.4.3 O MODO VERBAL NAS DUAS VERSÕES BÍBLICAS	113
6 ANÁLISE E RESULTADOS SEM A CATEGORIA DISCURSO DIRETO	116
6.1 Resultados das categorias TAM no Fundo Narrativo Global	124
6.2 Análise dos Níveis de Fundidade	128
6.2.1 NÍVEIS DE FUNDIDADE NA VERSÃO NVI	129
6.2.2 NÍVEIS DE FUNDIDADE NA VERSÃO ARC	133
7 RESULTADOS GERAIS	139
7.1 Números de ocorrências nos planos discursivos	139
7.2 Os resultados de TAM nos Fundos narrativos	139
7.3 Os níveis de Fundidade nas duas versões bíblicas	140
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
REFERÊNCIAS	146
APÊNDICE A: Tabelas comparativas da análise piloto	150
APÊNDICE B: Separação dos planos discursivos das versões bíblicas	153
APÊNDICE C: Separação das sentenças no Sistema TAM	169
ANEXO 1: Primeiro Capítulo do livro bíblico de Jonas na versão NVI 2000 – Versão Impressa (Reimpressão 2012), com a numeração dos versículos mantida	186
ANEXO 2: Primeiro Capítulo do livro bíblico de Jonas na versão ARC 95 – 4ª edição 2009 - Versão com os versículos mantidos	187

1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS INICIAIS

A concepção de planos discursivos, Figura e Fundo, a ser trabalhada nesta pesquisa, provém das influências dos estudos da psicologia da Gestalt, a partir do século XIX. Em resumo, essa psicologia compreende que, em todo e qualquer conjunto, seja de imagens, sons, palavras, há uma parte que é mais saliente e que normalmente chama primeiro a atenção do analisador desse conjunto. Nesse mesmo conjunto, há outra parte que fica subjacente à primeira mais saliente. Para que a percepção e compreensão de qualquer conjunto então ocorra, em um escopo mais amplo de informações, é necessário que haja foco em algum aspecto e se deixem em segundo plano outros elementos, mesmo que, em outro momento, esses elementos alternem-se entre si, de forma que um aspecto que estava antes em segundo plano tome o lugar de foco principal aos olhos, ouvidos, ou a outros sentidos, do receptor. Esse segundo plano, menos saliente, que fica subjacente ao primeiro, é chamado de Fundo. O primeiro plano, que recebe o foco inicial do analisador de qualquer conjunto, por sua vez, é denominado Figura. Além de presentes nos estudos da psicologia da Gestalt, as nomenclaturas Figura e Fundo também aparecem no trabalho com a linguagem, mais especificamente, em estudos voltados para aspectos da estrutura de textos narrativos. A concepção de Figura e Fundo como planos discursivos na construção de narrativas será abordada neste trabalho a partir de estudos linguísticos funcionais.

Os estudos linguísticos funcionais apresentam-se como corrente teórica que analisa a linguagem como emergente do uso. Isso significa que os padrões gramaticais de certa língua se estabelecem, em grande parte, por causa de uma função comunicativa específica, ou seja, a forma linguística sofre pressões comunicativas e cognitivas, advindas do contexto social e da intenção comunicativa do falante, entre outros fatores. Givón confirma essa perspectiva quando ressalta que a linguagem não pode ser descrita ou explicada adequadamente como um sistema autônomo¹ (GIVÓN, p. 55, 1995). Mais recentemente, a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU),

¹ Givón afirma que “Todos os funcionalistas subscrevem, pelo menos, uma assunção fundamental *sine qua non*, o postulado de não autonomia: essa linguagem (e gramática) não pode ser descrita nem explicada adequadamente como um sistema autônomo. Para entender o que é a gramática, e como e por que é assim, deve-se fazer referência aos parâmetros naturais que moldam a linguagem e a gramática: cognição e comunicação, processamento do cérebro e da linguagem, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução.” (“All functionalists subscribe to at least one fundamental assumption *sine qua non*, the non-autonomy postulate: that language (and grammar) can be neither described nor explained adequately as an autonomous system. To understand what grammar is, and how and why it comes to be this way, one must make reference to the natural parameters that shape language and grammar: cognition and communication, the brain and language processing, social interaction and culture, change and variation, acquisition and evolution.”). GIVÓN, p.xv, 1995.

apresentando-se como uma espécie de fusão entre funcionalismo e a linguística cognitiva, reforça o papel da linguagem como resultado do uso de capacidades cognitivas desenvolvidas nas experiências do ser humano. Dessa forma, “a gramática é vista como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua; portanto, ela pode ser afetada pelo uso linguístico” (FURTADO DA CUNHA *et. al.*, 2013, p.14). Nessa linha de pensamento, Furtado da Cunha *et. al.* salientam que as construções de uma língua estão ligadas à sua frequência de uso pelos falantes e a seus “objetivos comunicativos” (2013.p.16).

No Brasil, os estudos funcionalistas, portanto, centram suas análises na identificação de padrões nas ocorrências de certas estruturas na Língua Portuguesa, buscando também respostas para essas regularidades nas motivações dos falantes ao usarem determinada estrutura. Oliveira e Cezario (2007) salientam que a língua é produto e instrumento comunicativo, persuasivo, expressivo das manifestações dos falantes e explicam que o funcionalismo busca, no contexto, nos participantes e no objetivo da comunicação, a motivação para que os fenômenos linguísticos examinados. As autoras também ressaltam, semelhantemente a Hopper e Thompson (1980), Furtado da Cunha *et.al.* (2013), que o discurso do falante tem sua forma determinada pela intenção comunicativa deste; o texto, assim, é construído de determinada maneira a partir de objetivos funcionais pré-existentes.

Nessa direção, Hopper (1979) constrói uma conexão entre as noções de Figura e de Fundo da psicologia da Gestalt e os tipos de sentenças em narrativas. A partir dessa conexão, são iniciados os estudos sobre Figura (“Foregrounding” – primeiro plano discursivo) narrativa e Fundo (“Backgrounding” – segundo plano discursivo) e seus aspectos distintivos formais. Diante dessa distinção, é possível transpor uma concepção originária da psicologia da Gestalt para a Linguística Funcional.

Hopper e Thompson (1980) também postulam que o falante constrói seus enunciados considerando dois pontos: seus objetivos em sua comunicação e as necessidades de seu ouvinte. Concomitantemente, nesse processo de construção de enunciados, quem fala, ou escreve, constrói dois tipos de sentenças. Aquelas sentenças que não são intrinsecamente ligadas aos alvos comunicativos centrais do falante são concebidas como enunciados de segundo plano discursivo, ou de Fundo. Já aqueles enunciados ligados diretamente aos objetivos comunicativos referentes ao progresso da narrativa do falante, ou do escritor, estabelecem-se como primeiro plano discursivo, ou seja, a Figura.

Sobre a distinção entre os conceitos de Figura e de Fundo, Silveira (1994) aponta que alguns fatos serão percebidos como mais salientes em relação a outros, e esses eventos mais destacados são transformados em narrativas, quando são reportados. Pode-se dizer, portanto, que os planos discursivos na linguagem ocorrem mais evidentemente em narrativas. Também nessa direção, Azevedo (1995) diz que, com base nessa teoria extraída do campo da psicologia, compreende-se que, em nossa percepção do mundo ao redor, ressaltamos alguns elementos dentre outros e essa apreensão reflete-se linguisticamente. Oliveira e Cezario (2007) referem-se aos pontos principais de uma história narrada como sendo a Figura, e aos elementos secundários como sendo o Fundo, sabendo que o falante, mais uma vez visto como o foco da análise linguística, estabelece uma hierarquia entre o que é principal e o que é secundário em sua narrativa. Esses autores dissertam em acordo com a Linguística Cognitiva Funcional que postula que a forma gramatical advém de uma pressão comunicativa.

Além desses autores citados, Chedier (2007), em seu trabalho com narrativas de falantes do Português Brasileiro, utilizou as noções dos planos discursivos para analisar o nível de interpretação de textos por crianças com dificuldades na escola e por crianças sem essas queixas. A partir do trabalho dessa autora, acredita-se também que leitura e escrita podem ser desenvolvidas se forem trabalhadas as compreensões de o que é Figura e de o que é Fundo em uma narrativa. Como afirma Chedier (2007), uma “pesquisa calcada na linguística funcional, que relacione transitividade e figura/fundo com leitura e escrita, pode tornar-se um importante instrumento e até servir de parâmetro para outros pesquisadores” (CHEDIER, 2007, p.13).

De forma semelhante, Pereira (2008) também demonstra como esses planos são importantes para a comunicação efetiva: “A fim de que a comunicação se processe satisfatoriamente, o emissor orienta o receptor para o que é periférico e o que é central na sua construção discursiva” (PEREIRA, 2008, p.60). Essa orientação se dá na separação entre planos discursivos de um texto, mais especificamente, de uma narrativa.

O papel dos planos discursivos de orientar os interlocutores fica mais claro, dessa forma, quando é possível estabelecer as dificuldades que os receptores de um certo enunciado podem apresentar. Chedier (2007), em seus estudos sobre o nível de captação e recontagem de histórias, demonstrou que crianças com queixas escolares apresentavam menor apreensão de estruturas mais complexas na narrativa, em sua maioria estruturas de Fundo narrativo. Semelhantemente,

Conceição (2010) realizou pesquisa com alunos de diferentes faixas etárias do ensino básico e constatou que estudantes em níveis mais avançados conseguiram retomar e recontar estruturas de Fundo da narrativa à qual tiveram acesso. Ou seja, quanto mais avançado no ano escolar, mais estruturas de Fundo o estudante conseguia recontar. Esse resultado indica que a absorção das estruturas de fundo pode demandar um maior amadurecimento cognitivo do ouvinte. Ademais, é importante enfatizar que o estudo dos planos discursivos Figura e Fundo em narrativas e a compreensão destes por falantes e ouvintes pode levar a um entendimento e a uma compreensão mais aprofundados do conteúdo narrado.

Os estudos linguísticos funcionais têm demonstrado que é possível analisar as formações de Figura e de Fundo em qualquer narrativa. Contudo, como se dá essa análise, se a narrativa apresentar duas ou mais versões? Acredita-se que, nesse caso, podem ser analisados de maneira mais aprofundada os planos discursivos para identificar como esses padrões são apresentados nas diferentes versões de uma mesma narrativa, caso deste presente estudo.

Esta dissertação se propôs a trabalhar com as noções de Figura e Fundo, com os planos discursivos em narrativa bíblica. A narrativa selecionada está presente no livro de Jonas, que é um dos 66 livros que compõem a Bíblia. A análise se deu em duas versões do texto bíblico, traduzido do Hebraico para a Língua Portuguesa: a versão Almeida Revista e Corrigida (ARC), de 1995, e a Nova Versão Internacional (NVI), de 2000. Objetivou-se, assim, evidenciar as implicações da formação das estruturas dos dois tipos de planos discursivos, Figura e Fundo, com respeito à noção do grau de legibilidade do texto. Ademais, também visamos a identificar possíveis padrões na relação Figura e Fundo para uma mesma narrativa, apresentada em versões diferentes para a Língua Portuguesa. Tendo em vista que o material de análise deste trabalho é uma narrativa de um texto sagrado e histórico muito relevante, é importante fazer a contextualização que demonstre uma breve explicação de conhecimentos básicos, mas esclarecedores, sobre a Bíblia.

1.1 O texto bíblico

A Bíblia tem duas divisões: Antigo Testamento e Novo Testamento. A primeira divisão, o Antigo Testamento, possui 39 livros, escritos originalmente em Hebraico e Aramaico. O texto desse Testamento foi produzido completamente até 400 a.C. aproximadamente. A segunda parte

da Bíblia, o Novo Testamento, possui 27 livros, escritos em Grego. Esses textos bíblicos foram escritos no século 1 d.C. Foi somente no século 17 d.C. que o texto começou a ser traduzido para a Língua Portuguesa pelo português João Ferreira de Almeida. Atualmente, no Brasil, há diversas versões em Português da Bíblia completa, ou seja, do Antigo e do Novo Testamento.

A Bíblia, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, contém diversos livros que podem ser classificados como textos narrativos, contudo também apresenta outros gêneros textuais. Portanto, o texto bíblico é heterogêneo em relação a gêneros textuais. Há textos poéticos como os Salmos ou as orações e cânticos encontrados em livros como Cantares. Há provérbios não só no livro denominado Provérbios, por exemplo, também há no livro de Eclesiastes. Há textos descritivos e injuntivos, que apresentam as leis judaicas ou que apresentam as diretrizes e regras de convivência na igreja cristã. O Novo Testamento também contém inúmeros livros que são cartas dos apóstolos tratando de questões particulares de igrejas diferentes do início do século 1 d.C. Há textos narrativos que podem compor um livro bíblico inteiro, como o livro que trata da história de Jonas, ou podem haver narrativas dentro de um livro, como as parábolas narradas por Jesus, que aparecem nos Evangelhos (a saber, os quatro livros bíblicos de Mateus, Marcos, Lucas e João), ou como a recontagem da história de Israel em livros proféticos do Antigo Testamento. Há ainda diversos outros tipos e gêneros textuais como as genealogias, as profecias, que estão dentro de livros tanto do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento. A opção pela análise do texto do livro de Jonas se deu justamente por se tratar de um livro narrativo.

No Português, a versão Almeida Revista e Corrigida (ARC), publicada em 1995, é creditada por alguns como mais tradicional. A Sociedade Bíblica Trinitariana define a ARC como a versão para o Português mais fiel ao texto bíblico original. A Nova Versão Internacional (NVI), publicada por completo em 2000, é uma das versões mais recentes para o Português, no Brasil, porém ainda é bem aceita, entre teólogos, como fiel ao texto original. Abaixo há o contraste entre duas versões de um mesmo versículo do livro narrativo de Jonas, presente no Antigo Testamento:

E Jonas se levantou para fugir de diante da face do SENHOR para Társis; e, descendo a Jope, achou um navio que ia para Társis; pagou, pois, a sua passagem e desceu para dentro dele, para ir com eles para Társis, de diante da face do SENHOR.
(Primeiro capítulo de Jonas, versículo 3 [Jonas 1.3] na ARC).

Mas Jonas fugiu da presença do Senhor, dirigindo-se para Társis. Desceu à cidade de Jope, onde encontrou um navio que se destinava àquele porto. Depois de pagar a passagem, embarcou para Társis, para fugir do Senhor.
(Primeiro capítulo de Jonas, versículo 3 [Jonas 1.3] na NVI).

A análise do texto bíblico do livro narrativo de Jonas proposta neste trabalho, se faz com o intuito de comparar as unidades oracionais de Fundo narrativo em cada uma das versões e sua complexidade formal, a partir do sistema de análise de Tempo, Aspecto e Modo verbais (TAM). Espera-se que, havendo uma versão que apresente uma estrutura discursiva com uma quantidade maior de níveis mais profundos de Fundo narrativo, seja possível indicar se há uma versão mais simples/legível do que outra para seus leitores. Além disso, é importante ressaltar que, se há uma construção da narrativa a partir de um esqueleto, como Labov propôs e que como Reinhart (1982) também concebe, as duas versões bíblicas do Português Brasileiro poderão preservar as mesmas unidades oracionais de Figura.

Retomando a noção de que os textos bíblicos atualmente são divididos em Antigo Testamento e Novo Testamento, e que esses Testamentos são divididos em livros, ressalta-se que os livros bíblicos são divididos em capítulos, e os capítulos, por sua vez, são separados em versículos. Como dito anteriormente, o Antigo Testamento possui 39 livros, enquanto o Novo Testamento possui 27 livros. Cada livro possui número variado de capítulos, o livro de Salmos possui 150 capítulos e o livro de Filemom possui apenas um, por exemplo. O livro de Jonas está no Antigo Testamento e possui quatro capítulos: o primeiro capítulo apresenta 17 versículos; o segundo, 10; o terceiro, também 10; e o quarto e último capítulo é dividido em 11 versículos.

Os versículos não são equivalentes a versos em uma poesia, por exemplo. Muitas vezes, porém nem sempre, os versículos representam um parágrafo do texto. Podem ser encontrados versículos dispostos em menos de um parágrafo, apenas em parte dele, ou ainda em mais de um parágrafo. Os exemplos do excerto 1 abaixo comprovam que não há uma padronização ao aplicar a separação em versículos ao texto bíblico. Os versículos 4, 5, 6, 7 do primeiro capítulo de Jonas na versão NVI foram reproduzidos abaixo.

Excerto 1 - (Jonas 1:4,5,6,7 – NVI) – (Para acesso ao texto na íntegra, ver Anexo 1.)

“4O Senhor, porém, fez soprar um forte vento sobre o mar, e caiu uma tempestade tão violenta que o barco ameaçava arrebentar-se. 5Todos os marinheiros ficaram com medo e cada um clamava ao seu próprio deus. E atiraram as cargas ao mar para tornar o navio mais leve.

Enquanto isso, Jonas, que tinha descido ao porão e se deitara, dormia profundamente. ⁶O capitão dirigiu-se a ele e disse: "Como você pode ficar aí dormindo? Levante-se e clame ao seu deus! Talvez ele tenha piedade de nós e não morramos".

⁷Então os marinheiros combinaram entre si: "Vamos lançar sortes para descobrir quem é o responsável por esta desgraça que se abateu sobre nós". Lançaram sortes, e a sorte caiu sobre Jonas."

Como se pode observar, o versículo 4, iniciando em "O Senhor" e terminando em "arrebentar-se." é constituído de um período, mas não de um parágrafo completo, ele é apenas metade do parágrafo. Já no caso do versículo 5, sublinhado, iniciando-se com "Todos os marinheiros" e terminando em "dormia profundamente", fica evidente que os versículos não são delimitados pelo fim de um parágrafo. O versículo 5 é iniciado em um parágrafo e só termina no meio do parágrafo posterior. Em negrito, o versículo 7, por sua vez, é exemplo de um versículo equivalente ao tamanho e separação de um parágrafo; o parágrafo começa e termina o versículo 7, e o versículo 7 inicia e finaliza o parágrafo em que está. Considerando os exemplos do excerto 1, atesta-se que não há padronização na divisão dos versículos. Dessa forma, sabe-se que eles não separam as unidades oracionais adequadamente, por exemplo. Como a análise dos planos discursivos se deu a partir da separação do texto em unidades oracionais, a divisão do texto bíblico em versículos foi desconsiderada como fator metodológico nas análises definitivas deste trabalho. Todavia, faz-se necessário expor mais claramente as razões para este trabalho com duas versões para a Língua Portuguesa de uma narrativa bíblica.

1.2 A motivação para este estudo

A motivação para este estudo surgiu a partir da observação de como leitores de textos bíblicos em Português tendem a conceber cada uma das duas versões analisadas. No meio cristão-evangélico, a versão Almeida Revista e Corrigida é considerada mais tradicional e, para muitos, ela apresenta mais dificuldades em sua leitura. Já a Nova Versão Internacional, apesar de não ser considerada tão tradicional como as versões bíblicas provindas da tradução para o Português de João Ferreira de Almeida, é, geralmente, vista como capaz de proporcionar uma leitura mais

facilitada/simplificada do que a leitura da ARC. Um ponto relevante a se colocar aqui é que cada uma dessas duas versões foi obtida por meio de métodos de tradução diferentes. A versão Almeida Revista e Corrigida foi gerada a partir de tradução por equivalência formal, que consiste basicamente numa tradução mais literal e menos contextualizada à cultura da língua alvo da tradução. Já a Nova Versão Internacional fez a sua tradução por meio de equivalência dinâmica, que considera fatores culturais em suas traduções e, algumas vezes, não apresenta tradução literal por causa disso². Dessa forma, alguns teólogos preferem uma a outra tradução dependendo de seu objetivo prático; para estudos aprofundados da cultura bíblica, a ARC se revela muito eficaz, já para a aplicação do ensinamento bíblico ao leitor atual, a NVI se mostra bem eficiente.

A comparação dos textos em Português dessas duas versões bíblicas pode comprovar ou desmistificar a noção de que um texto obtido por meio de tradução por equivalência formal irá apresentar estruturas mais complexas, menos contextualizadas, e, portanto, uma leitura mais dificultada. Ademais, se uma tradução vier a apresentar mais estruturas de Fundo narrativo do que a outra, pode-se questionar se de fato essa tradução é menos facilmente compreendida seguindo o raciocínio de Conceição (2010), que comprovou que a recuperação de orações de Fundo narrativo exige um maior amadurecimento de seu leitor. Conceição (2010) demonstrou que crianças e adolescentes, sendo ouvintes ou leitores de uma narrativa, tendem a recuperar estruturas de Fundo proporcionalmente à sua idade. A pesquisa dessa autora mostrou que, quanto mais maduro era o receptor da narrativa, mais estruturas de Fundo esse receptor era capaz de recontar. Dessa forma, os resultados obtidos nesta pesquisa podem vir a confirmar, ou a ampliar, as descobertas de Conceição (2010) sobre Fundo narrativo.

² O conceituado teólogo brasileiro Augustus Nicodemus explica essa diferença de processos de tradução em uma Conferência da Editora Fiel, que reúne vários nomes relevantes dos estudos teológicos.

Portanto, levantam-se as seguintes perguntas de pesquisa:

1. As duas versões bíblicas de uma mesma narrativa apresentarão o mesmo número de sentenças de Figura e de Fundo?
2. Haverá diferenças de seleção de Fundo narrativo entre as versões? Elas apresentaram usos diferenciados de Tempo, Aspecto e Modo verbal?
3. Havendo diferenças entre os Fundos narrativos das duas versões bíblicas, os níveis de Fundidade³ também serão diferentes entre essas duas versões? Qual o possível impacto dessas diferenças para a legibilidade dos textos analisados?

As perguntas aqui propostas advêm, principalmente, dos estudos de Hopper (1979), que postula que os verbos das estruturas do primeiro plano discursivo tendem a apresentar mesma forma, no pretérito perfeito, justamente por contribuírem na progressão e no sequenciamento da narrativa. O que se percebe é que há uma regularidade na distribuição dos elementos nas estruturas de Figura, porém isso não parece ocorrer nas estruturas de Fundo. Por isso, a análise deste trabalho considerará que as estruturas de Figura narrativa são mais regulares, com verbos no pretérito perfeito, aspecto perfectivo e modo *realis*⁴, e se centrará, portanto, na variedade das estruturas de Fundo narrativo.

Com esse enfoque no Fundo narrativo, buscou-se, então, empreender uma análise que identificasse se há mais ocorrências de graus de fundidade (SILVEIRA, 1990) em uma versão do que em outra. Para isso, foi feita a análise, principalmente, dos verbos utilizados nas estruturas de Fundo das duas versões. Após essa análise, foi feita a comparação desses verbos, de forma a constatar quais as diferenças entre as versões Almeida Revista e Corrigida e a Nova Versão Internacional, com relação à ocorrência desses verbos dentro do sistema TAM (tempo, aspecto, e modo). Havendo diferenças, nos propusemos a discutir a repercussão destas para o entendimento do texto bíblico, com respeito à legibilidade imputada pelo grau de fundidade presente nas duas versões em análise. Por fim, uma meta deste trabalho foi descobrir qual das versões apresenta menos estruturas de Fundo, ou então, qual apresenta estruturas de Fundo menos complexas

³ Na subseção 2.2.2.1 Os níveis de Fundidade, apresentaremos essa noção de níveis de Fundidade.

⁴ As noções de modo *realis* e modo *irrealis* serão apresentadas na subseção 3.2.3 MODO.

formalmente e, portanto, cognitivamente. Para isso, foi considerada a comparação entre os graus de fundidade encontrados em cada uma das versões bíblicas analisadas.

Este trabalho foi organizado na estrutura que é apresentada agora. O capítulo dois trata dos aspectos formais das narrativas, dos estudos linguísticos funcionais e planos discursivos. O terceiro capítulo aborda definições sobre a categoria Verbo e seu sistema TAM. O quarto capítulo detalha os passos tomados para a coleta e estrutura da análise dos textos bíblicos. O quinto capítulo apresenta o processo da análise das unidades oracionais dos planos discursivos nas versões bíblicas em Português, bem como traz o detalhamento dos resultados da análise feita durante todo o trabalho. Finalmente, o sexto capítulo traz as considerações finais após o desenrolar de toda a análise proposta.

2 ESTUDOS DA NARRATIVA E A LINGUÍSTICA FUNCIONAL

2.1 A Narrativa e o texto bíblico aqui analisado

Antes de adentrarmos os estudos sobre os planos discursivos na narrativa, Figura e Fundo, é importante definir o que se entende por narrativa. Labov e Waletzky (1967) definem a narrativa como uma espécie de estratégia linguística utilizada para expor situações do passado, unindo a sequência dos eventos à sequência das orações enunciadas pelo narrador. Além disso, os autores a consideram central em quase todas as conversações, e um evento de fala prototípico, bem formado, apresentando começo, meio e fim. Labov afirma que “as narrativas são formas privilegiadas do discurso que tem um papel central em quase todas as conversas” (1997, p.2).

Labov e Waletzky (1967) apresentam uma formação básica da narrativa, por meio de elementos formais. A primeira parte dessa formação refere-se à sequência temporal. Para eles, a narrativa válida para sua análise é a narrativa que recapitula a experiência na mesma ordem de acontecimentos dos eventos originais. Dessa forma, constata-se que a sequência temporal é muito importante no processo de construção da narrativa. Para Labov e Waletzky, só é considerada oração narrativa aquela que está em sequência temporal com as outras, conseqüentemente, se sua ordem for alterada, a ordem de eventos narrados é alterada e toda a narrativa também. Essas orações podem ser denominadas também sentenças presas.

É importante levantar dois pontos aqui. Essas orações narrativas, que compõem a sequência temporal da narrativa, o seu esqueleto, serão, no caminhar deste trabalho, concebidas como a Figura narrativa. Os exemplos que serão demonstrados para esclarecer melhor a formação básica da narrativa serão extraídos da narrativa do capítulo 1 do livro bíblico de Jonas em ambas as versões analisadas neste trabalho; Nova Versão Internacional (NVI) e versão Almeida Revista e Atualizada (ARC). Dessa forma, abaixo seguem exemplos de orações narrativas, que estão em sequência temporal:

A (NVI). Então, pegaram Jonas

B (NVI). e o lançaram ao mar enfurecido,

C (NVI). e este se aquietou.

A (ARC). E levantaram Jonas

B (ARC). e o lançaram ao mar;

C (ARC). e cessou o mar da sua fúria.

Pode-se observar que as três orações, em qualquer uma das versões bíblicas, estão sequenciadas temporalmente. Se, por exemplo, na versão ARC, se alterasse a ordem das orações para A, C, B, a sequência narrativa seria alterada para:

A (ARC). E levantaram Jonas

C (ARC). e cessou o mar da sua fúria.

B (ARC). e o lançaram ao mar;

Percebe-se, portanto, que, nessa nova disposição das orações, a temporalidade dos eventos seria entendida diferentemente.

A segunda parte da formação básica da narrativa proposta por Labov e Waletzky (1967) trata-se de conjuntos de deslocamento⁵. Esta parte refere-se ao que se constatou após um teste feito com as orações encontradas na narrativa. As sentenças narrativas⁶ podem se deslocar no texto até o limite da outra sentença narrativa, mas elas não podem alternar seus lugares entre si, pois se não a sequência narrativa é transformada. Ou seja, as orações narrativas podem ser deslocadas alternando-as com orações não consideradas puramente narrativas, contudo isso não ocorre com outras orações narrativas. Essas orações não narrativas são chamadas pelos autores de “orações livres”. Labov (1997) afirma que as orações livres são definidas semanticamente, ao invés de sintaticamente (LABOV, 1997, p.5), pois uma “sentença livre é uma sentença que refere à uma condição que seja verdadeira durante toda a narrativa” (LABOV, 1997, p.5).

Outra parte da formação da narrativa proposta por Labov e Waletzky (1967) envolve orações coordenadas, que podem ser orações narrativas, definidoras da sequência da narrativa, mas que, contudo, apresentam o mesmo conjunto de deslocamento. Isso quer dizer que há orações na

⁵ “Displacement sets” Labov e Waletzky (1967).

narrativa, que não são orações livres, mas que, por estarem no mesmo nível de deslocamento, exatamente por serem coordenadas, podem ser alternadas entre si sem problemas. Os exemplos a seguir demonstram orações coordenadas.

D (ARC). Mas o SENHOR mandou ao mar um grande vento,

E (ARC). e fez-se no mar uma grande tempestade,

F (ARC). e o navio estava para quebrar-se.

G (ARC). Então, temeram os marinheiros,

H (ARC). e clamava cada um ao seu deus,

I (ARC). e lançavam no mar as fazendas que estavam no navio (...)

As sentenças D (ARC) e E (ARC) foram colocadas aqui para situar o leitor em sua compreensão das sentenças F (ARC) a I (ARC). É possível observar que as sentenças F (ARC), H (ARC) e I (ARC) estão coordenadas temporalmente. Contudo, devido à presença da sentença G (ARC), apenas as sentenças H (ARC) e I (ARC) poderiam, mais facilmente, alternar entre si.

Labov e Waletzky (1967) ressaltam que todas as orações livres são coordenadas entre si, e por isso podem se alternar sem problemas para a sequência temporal da narrativa. A diferença das orações livres para orações coordenadas que não chegam a ser orações livres é que aquelas podem se deslocar por toda a narrativa, enquanto estas, em semelhança a orações narrativas, possuem limites de deslocamento para que não se altere a ordem dos eventos ocorridos na história narrada.

Há ainda as orações restritivas⁷ que, por sua vez, são orações que se classificam, na narrativa, entre as orações livres e as orações narrativas, segundo Labov e Waletzky (1967). Elas apresentam certa liberdade de deslocamento, maior que as orações narrativas, mas não total, como as orações livres, que podem se deslocar para qualquer posição da descrição narrativa. Diferentemente das orações coordenadas, as orações relativas não estão em coordenação com outras orações em específico e podem se deslocar mais semelhantemente a orações livres. Abaixo, é possível ver exemplo de oração restritiva:

⁷ “Restricted clauses” (Labov; Waletzky, 1967).

D (NVI). Visto que o mar estava cada vez mais agitado,

E (NVI). eles lhe perguntaram: "O que devemos fazer com você, para que o mar se acalme? "

F (NVI). Respondeu ele: "Peguem-me e joguem-me ao mar, e ele se acalmará. Pois eu sei que é por minha causa que esta violenta tempestade caiu sobre vocês".

Nesses exemplos, a oração em D (NVI) é restritiva, pois pode ser deslocada entre as outras sentenças apresentadas, contudo, ela não é uma condição verdadeira em toda a narrativa, mas apenas no trecho apresentado nos exemplos. As orações em E (NVI) e F (NVI) não podem se deslocar e alternar entre si sem afetar a compreensão e lógica da narrativa. Primeiro é necessário ocorrer a ação de perguntar, como em E (NVI), para que então haja a ação de responder, que está em F (NVI). Conseqüentemente, essas duas orações são classificadas como orações narrativas, ou, sentenças presas.

Outro elemento da formação de uma narrativa, segundo Labov e Waletzky (1967), seria a junção temporal⁸ que envolve a separação de duas orações por estarem ordenadas temporalmente entre si. Essa junção, segundo os autores, não envolve as orações livres ou as orações restritivas que poderiam se reordenar entre as orações narrativas, as quais são ordenadas temporalmente entre si. Por fim, um ambiente em que há uma sequência de duas orações que apresentam essa junção temporal já pode ser compreendido como uma narrativa.⁹ Conseqüentemente, os excertos A (ARC) e B (ARC), por exemplo, podem ser considerados uma narrativa por simplesmente apresentarem junção temporal.

A (ARC). E levantaram Jonas

B (ARC). e o lançaram ao mar;

Entretanto, há a ressalva de que "histórias podem ser contadas sem qualquer junção temporal pela incorporação sintática, uso do passado perfeito ou outros artifícios gramaticais. A junção temporal é a maneira mais simples, mais conveniente ou não-marcada de recontar o passado" (LABOV, 1997, p.4). Por isso, é importante lembrar que Labov e Waletzky (1967)

⁸ "Temporal juncture" (Labov; Waletzky, 1967).

⁹ "Any sequence of clauses which contains at least one temporal juncture is a narrative." (Labov; Waletzky, 1967).

também abordam a importância do verbo finito que apresenta marcação de tempo como elemento principal da oração narrativa. Por se tratar de oração narrativa, verbos modais e verbos que não estão no passado simples ou no presente simples dificilmente atuarão como elementos principais desse tipo de oração.

Os autores também apontam, na formação da narrativa, que há sequências de narrativas relacionadas¹⁰, essas sequências se dão pela ordem das orações narrativas ou pelo conteúdo lexical dos verbos dessas orações. Há uma lógica pré-esperada de que, se uma oração narrativa X é falada antes da oração narrativa Y, pode-se entender que na ordem dos eventos ocorra a seguinte relação: “aconteceu A **então** aconteceu B”. Essa relação pode ser concebida como a sequência primária¹¹ das narrativas. O conteúdo lexical dos verbos também pode trazer uma lógica de compreensão da ordem dos fatos. Temos como exemplo, se o verbo de uma oração W é “recebeu” e o verbo de uma oração Z é “deu”, pode-se esperar que a lógica de compreensão da ordem dos eventos narrados seja “Z aconteceu antes de W”. Essa compreensão ocorre pela noção de que antes é necessário que alguém ou algo pratique a ação de dar, para que então outro alguém possa receber.

Labov (1997) acrescenta a noção de “sentença sequencial” (p.4) como elemento da organização temporal na formação básica da narrativa. O autor define sentença sequencial como aquela “que pode ser elemento de uma junção temporal” (LABOV, 1997, p.4) e acrescenta:

Qualquer relação temporal de uma sentença subordinada à sua principal será indicada por sua conjunção subordinativa como *antes* ou *depois*. Outras conjunções subordinativas como *sobre* em (1c)¹² podem somente indicar simultaneidade. Sentenças subordinadas (isto é, dependentes) não podem, então, entrar em junção temporal. (LABOV, 1997, p.4).

Portanto, a sentença sequencial é uma sentença independente sintaticamente, e, como Labov (1997) conclui, “uma sentença narrativa consiste em uma sentença sequencial” (p.4). Por ser sequencial, ela é uma sentença presa, que não pode ser deslocada na narrativa. Temos como exemplo as sentenças abaixo:

¹⁰ “Related narrative sequences” (Labov; Waletzky, 1967).

¹¹ “Primary sequence” (Labov; Waletzky, 1967).

¹² “1c” se refere ao trecho da narrativa trazida por Labov: c — “e, então, ele continuou falando um monte de merda sobre eu estar sentado com a mulher dele.” (Labov; Waletzky, 1967).

G (NVI). Depois de pagar a passagem,

H (NVI). embarcou para Társis,

I (NVI). para fugir do Senhor.

J (NVI). O Senhor, porém, fez soprar um forte vento sobre o mar,

K (NVI). e caiu uma tempestade (...)

Nas cinco orações acima, é possível observar que as sentenças H, J, e K (NVI) são sentenças sequenciais, ou seja, orações narrativas, orações presas por sua junção temporal e não podem alternar entre si sem causar a transformação da ordem dos eventos ocorridos na narrativa. Entretanto, é estabelecida uma relação temporal entre a sentença restritiva G (NVI) e a oração narrativa H (NVI), por meio da conjunção subordinativa “depois”, indicando a ordem de acontecimentos: G (NVI) e **então** H (NVI). A sentença restritiva I (NVI), por sua vez, ilustrando o que Labov disse (1997, p.4), por ser subordinada à sentença H (NVI), **apenas pode ser compreendida em simultaneidade** com a sentença narrativa H (NVI), e não em sequência temporal com ela. As sentenças G (NVI) e I (NVI) apresentam liberdade de deslocamento entre si por serem orações restritivas, mesmo G (NVI) tendo relação temporal de não simultaneidade, mas antecedência à sentença H (NVI). Por isso, além da ordem original G (NVI), H (NVI) e I (NVI), seriam possíveis todas as seguintes distribuições dessas três orações:

A primeira distribuição poderia ser:

G (NVI). Depois de pagar a passagem,

I (NVI). para fugir do Senhor.

H (NVI). embarcou para Társis,

A segunda distribuição poderia ser:

H (NVI). embarcou para Társis,

G (NVI). Depois de pagar a passagem,

I (NVI). para fugir do Senhor.

A terceira distribuição poderia ser:

H (NVI). embarcou para Társis,

I (NVI). para fugir do Senhor.

G (NVI). Depois de pagar a passagem,

A quarta distribuição poderia ser:

I (NVI). para fugir do Senhor.

H (NVI). embarcou para Társis,

G (NVI). Depois de pagar a passagem,

A quinta distribuição poderia ser:

I (NVI). para fugir do Senhor.

G (NVI). Depois de pagar a passagem,

H (NVI). embarcou para Társis,

Essa possibilidade de distribuição de orações não ocorreria se entre elas houvesse mais de uma sentença sequencial.

Finalmente, Labov e Waletzky (1967) apresentam uma estrutura geral das narrativas. Essa estrutura é ordenadamente formada por: Orientação, Complicação, Avaliação, Resolução, e Coda. Labov (1997, p.6) acrescenta o Resumo como primeiro elemento dessa estrutura geral. O resumo trata-se de “uma sentença inicial em uma narrativa que relata uma sequência de eventos da narrativa” (LABOV, 1997, p.6). A narrativa bíblica de Jonas não parece apresentar esse resumo. Entre os seis elementos da estrutura geral das narrativas proposta por Labov (1967), muitos não se mostram obrigatórios ou presentes em todas as narrativas. A complicação parece ser o único elemento essencial para a estrutura narrativa e sempre presente em qualquer narrativa (LABOV, 1972, p.370). A avaliação e a coda, por exemplo, se mostram muito mais ligadas às narrativas contadas em conversações mais informais por apresentarem ligação direta e até pessoal do narrador com a história narrada.

Os textos bíblicos escolhidos neste trabalho são uma narrativa nos termos de Labov, pois a narrativa bíblica da história de Jonas apresenta a maior parte dos elementos apontados por Labov e Waletzky (1967), a saber orientação, complicação, e resolução. Além disso, percebemos a

presença do elemento narrativo clímax, descrito e exemplificado por Chafe (1994) em sua descrição sobre a estrutura das narrativas. Não foram identificados resumo, avaliação e coda na narrativa de Jonas, contudo, sabe-se que nem todas as narrativas apresentam todos os elementos descritos por Labov e Waletzky (1967).

A orientação em textos narrativos, apesar de não ser presente em 100% das narrativas, é considerada uma parte da estrutura geral desse tipo textual por sua alta ocorrência. Ela ocorre por meio de orações livres e orienta o ouvinte sobre pessoa, lugar, tempo, situação comportamental da narrativa que está começando a ser narrada. Em outras palavras, ela situa o ouvinte no contexto em que os eventos narrados ocorreram. Nem todas as narrativas apresentam orientação sobre os quatro itens: pessoa, lugar, tempo, e comportamento inicial dos participantes da narrativa. Em algumas narrativas, as orações livres que apresentam essas quatro informações podem ocorrer em outros lugares ao invés de no começo da narrativa. Os autores dizem que essa orientação tende a não ocorrer em narrativas contadas por crianças, e também por alguns adultos que querem preservar a sequência temporal dos eventos ou que não querem revelar os envolvidos na história relatada. Contudo, essa falta da orientação leva à dificuldade de o ouvinte entender os referentes da narrativa contada.

Foi possível perceber o elemento orientação na narrativa bíblica de Jonas. Os itens encontrados como constituintes da orientação nas versões bíblicas utilizadas neste trabalho foram pessoa e lugar. Os três primeiros versículos de ambas as versões contêm essas informações:

Jonas 1.1-3 (NVI): “A palavra do Senhor veio a **Jonas, filho de Amitai** [*grifo nosso*] com esta ordem: - "Vá depressa à grande cidade de Nínive e pregue contra ela, porque a sua maldade subiu até a minha presença".

Mas Jonas fugiu da presença do Senhor, dirigindo-se **para Társsis. Desceu à cidade de Jope** [*grifo nosso*], onde encontrou um navio que se destinava àquele porto. Depois de pagar a passagem, embarcou para Társsis, para fugir do Senhor.”

Jonas 1.1-3 (ARC): “E veio a palavra do Senhor a **Jonas, filho de Amitai**, [*grifo nosso*] dizendo: - Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim. E Jonas se levantou para fugir de diante da face do Senhor **para Társsis; e, descendo a Jope**, [*grifo nosso*] achou um navio que ia para Társsis; pagou, pois, a sua passagem e desceu para dentro dele, para ir com eles para Társsis, de diante da face do Senhor”

A descrição inicial da narrativa de Jonas contém a orientação sobre o personagem principal Jonas, que é descrito como filho de Amitai e incubido de uma missão divina. Também pode-se depreender informação sobre o local da narrativa que era um barco em Jope em direção a Társis.

A complicação está presente em boa parte do corpo principal das orações narrativas, segundo Labov e Waletzky (1967). Para os autores, em uma sequência de eventos de uma narrativa, pode haver também uma sequência de complicações. Chafe (1994) descreve que “enquanto a linha de base é expressa em termos duradouros [...] a complicação muda para um tempo específico, juntamente com uma localização específica no espaço”¹³ (CHAFE, 1994, p.129). Essa descrição de Chafe sobre a complicação em narrativas abre espaço para que se espere que a complicação surja como Figura narrativa em meio a sentenças de Fundo que estavam descrevendo o ambiente que receberia a complicação da história.

Ainda na complicação, podem ser introduzidos novos participantes à história, segundo Chafe, que diz que “muitas vezes, a complicação também apresenta outras pessoas que participarão dos eventos a seguir. Esses outros podem estar envolvidos em sua própria atividade de fundo, neste caso paralelo ao dos primeiros protagonistas”¹⁴ (CHAFE, 1994, p.130).

A narrativa de Jonas apresenta uma série de complicações, os versículos 4 e 5 do primeiro capítulo desse livro bíblico apontam uma complicação na narrativa, em negrito abaixo:

Jonas 1.4,5 (NVI): “**O Senhor, porém, fez soprar um forte vento sobre o mar, e caiu uma tempestade tão violenta que o barco ameaçava arrebentar-se.** Todos os marinheiros ficaram com medo e cada um clamava ao seu próprio deus. E atiraram as cargas ao mar para tornar mais leve o navio. Enquanto isso, Jonas, que tinha descido para o porão e se deitado, dormia profundamente.”

Jonas 1.4,5 (ARC): “**Mas o Senhor mandou ao mar um grande vento, e fez-se no mar uma grande tempestade, e o navio estava para quebrar-se.** Então, temeram os marinheiros, e clamava cada um ao seu deus, e lançavam no mar as fazendas que estavam no navio, para o aliviarem do seu peso; Jonas, porém, desceu aos lugares do porão, e se deitou, e dormia um profundo sono.”

¹³ “Whereas the baseline is expressed in durative terms (were hiking), the complication shifts to a specific time, along with a specific location in space” (CHAFE, 1994, p.129).

¹⁴ “Often the complication also introduces other individuals who will participate in the events to follow. These others may be engaged in their own background activity, in this case parallel to that of the first protagonists” (CHAFE, 1994, p.130).

É possível ver que a complicação na história acontece quando o mar começa a ficar agitado. Além disso, novos personagens são introduzidos, como os marinheiros da embarcação em que Jonas estava. Assim como Chafe descreve, esses personagens coadjuvantes estão envolvidos em suas próprias atividades de Fundo quando começam a clamar aos seus deuses na história.

Chafe (1994) também aponta como parte da construção narrativa o Clímax, elemento narrativo que não foi descrito, ou pelos menos não foi evidenciado, por Labov e Waletzky (1967). Chafe (1994, p.130) explica que no clímax o evento inesperado, que de fato traz o ápice da tensão para a história, é revelado. Para ilustrar essa definição, o autor diz que “um clímax geralmente é apresentado com sinos e assobios”¹⁵ (CHAFE, 1994, p.131).

A narrativa de Jonas também tem um clímax em seu primeiro capítulo, descrito nos versículos 13 a 15:

Jonas 1.13-15 (NVI): “Ao invés disso, os homens se esforçaram ao máximo para remar de volta à terra. Mas não conseguiram, porque o mar tinha ficado ainda mais violento. Então eles clamaram ao Senhor: "Senhor, nós suplicamos, não nos deixes morrer por tirarmos a vida deste homem. Não caia sobre nós a culpa de matar um inocente, porque tu, ó Senhor, fizeste o que desejavas". Então, pegaram Jonas e o lançaram ao mar enfurecido, e este se aquietou.”.

Jonas 1.13 a 15 (ARC): “Entretanto, os homens remavam, esforçando-se por alcançar a terra, mas não podiam, porquanto o mar se ia embravecendo cada vez mais contra eles. Então, clamaram ao Senhor e disseram: Ah! Senhor! Nós te rogamos! Não pereçamos por causa da vida deste homem, e não ponhas sobre nós o sangue inocente; porque tu, Senhor, fizeste como te aprouve. E levantaram Jonas e o lançaram ao mar; e cessou o mar da sua fúria.”.

O clímax dessa narração bíblica se encontra quando os marinheiros, mesmo tentando ao máximo salvar Jonas, se veem obrigados a lançar o homem ao mar como único meio de impedir que o navio afundasse.

Labov e Waletzky (1967) colocam a avaliação como parte relevante, porém nem sempre presente, na estrutura geral das narrativas. Ela acontece como resposta a estímulo externo sobre o

¹⁵ “A climax is usually presented with bells and whistles.” (CHAFE, 1994, p.131).

narrador, o qual procura demonstrar a relevância do que está narrando. A avaliação revela a atitude do narrador em relação aos eventos que descreve. Labov define a avaliação de um evento narrativo como “a informação sobre as consequências desse evento para as necessidades e para os desejos humanos” (LABOV, 1997, p.7). Os autores explicam que, se o narrador não apresenta, em comentários alternados à descrição dos eventos ocorridos, a importância do que está relatando e apenas retrata uma série de complicações e suas resoluções, chega a ser complexo para o ouvinte diferenciar as complicações de suas resoluções, pois a narrativa parece ser despropositada.

Normalmente, a avaliação encontra-se entre a complicação e sua resolução, e pode ser materializada em orações livres, ou orações coordenadas, ou ainda em orações restritivas. Os autores ainda apontam a conclusão de uma narrativa como uma espécie de colocação avaliativa. Labov (1997) postula que as sentenças avaliadoras são as sentenças presentes na narrativa que se encontram no modo *irrealis*, seja com sentenças com negativas, ou com verbos modais ou no futuro (LABOV, 1997, p.7), seja com sentenças comparativas (LABOV, 1997, p.8). O autor ainda propõe o teorema de que um “narrador avalia eventos comparando-os com eventos em uma realidade alternativa que não foi de fato realizada”. Nesse momento, portanto, há espaço para o uso do modo *irrealis*¹⁶ na exposição narrativa.

A resolução é o que encerra a complicação, podendo haver, logicamente, diversas resoluções no caso de ocorrerem diversas complicações na narrativa. Essa parte da narrativa pode ser encontrada, de acordo com os autores, após a avaliação da complicação narrada. Labov e Waletzky (1967) afirmam que se a avaliação é o último elemento da narrativa, conclui-se que a resolução está unida formalmente à avaliação.

Chafe (1994), retomando a ideia do clímax como o ápice da complicação da narrativa, declara:

Depois de um clímax, o que mais há para dizer? Neste momento, a dinâmica de um narrativa envolve movimentos que retornarão a consciência a **um novo estado de normalidade** [*grifo nosso*] em que as expectativas foram ajustadas para incluir o novo e inesperado conhecimento. O reajuste pode assumir várias formas, e a resolução pode ter várias partes...¹⁷(CHAFE, 1994, p.131).

¹⁶ Givón explica a modalidade verbal (*realis* ou *irrealis*) como a “atitude do falante” em relação ao que diz, se este enuncia uma proposição como fato, está trabalhando com o modo *realis*, se o falante estabelece uma proposição como uma dúvida, possibilidade, negativa, trata-se do modo *irrealis* (GIVÓN, p.300, 2001).

¹⁷ “After a climax, what more is there to say? At this point the dynamic of a narrative involves moves that will return consciousness to a new state of normality in which expectations have been adjusted to include the new and unexpected knowledge. The readjustment can take several forms, and the denouement can have several part” (CHAFE, 1994, p.131).

A resolução, portanto, traz a narrativa para um estado de normalidade e instaura novamente uma descrição de situações de Fundo narrativo. O texto bíblico de Jonas apresenta a resolução para a complicação e clímax do primeiro capítulo. Essa resolução está presente no versículo 16 do primeiro capítulo de Jonas.

Jonas 1.16 (NVI): “Ao verem isso, os homens adoraram ao Senhor com temor, oferecendo-lhe sacrifício e fazendo-lhe votos.”

Jonas 1.16 (ARC): “Temeram, pois, estes homens ao Senhor com grande temor; e ofereceram sacrifícios ao Senhor e fizeram votos.”

O versículo 16 de Jonas 1 demonstra como ficaram os marinheiros e a embarcação após terem lançado Jonas ao mar. A normalidade volta quando os marinheiros se vêem a salvo.

Por fim, a estrutura geral das narrativas pode apresentar a coda, que seria um elemento adicional facultativo no relato dos ocorridos, segundo Labov e Waletzky (1967). Eles descrevem a coda como um dispositivo funcional que traz a perspectiva verbal da narrativa para o momento presente da narração. A coda normalmente é separada da resolução pela conjuntura temporal do que descreve. Ela se refere à narração como um evento no passado e leva o ouvinte a retornar sua referência para o presente, seja pelo aspecto formal com verbos no tempo presente do indicativo na construção da sentença de coda ou com elementos dêiticos, seja pelo conteúdo da coda, que já está desconectado dos eventos da narrativa.¹⁸ Um exemplo de coda seria a expressão “e foi assim” ao final da narrativa que informa ao leitor/ouvinte o fim da narrativa ao mesmo tempo que o relembra de que os fatos narrados já ocorreram e terminaram no passado, trazendo o receptor da narrativa de volta à comunicação de eventos presentes. Não há coda aparente no texto bíblico de Jonas.

Reinhart (1982) alega que a noção que se tem do que é uma narrativa restringe-se bem a um subgrupo específico de textos que relatam eventos marcados por sequência temporal e nesses

¹⁸ Labov (1997, p.2) propõe também o estudo de elementos que envolvem o contexto de produção da narrativa como relatabilidade, credibilidade, objetividade, causalidade, atribuição de louvor e de censura. Contudo esses elementos estão ligados ao tipo de narrativa analisada por Labov, que envolve a narração de eventos que são, como o próprio autor diz, social e emocionalmente avaliados (p.3) pelos envolvidos no processo de narração por se tratar de narrativas de experiência pessoal, em um contexto informal de conversação. Esse não é o caso da narrativa do texto bíblico de Jonas e, por isso, os elementos acima citados não serão discutidos neste trabalho.

textos deve existir conformidade entre a ordem temporal dos eventos relatados e sua ordem de apresentação (REINHART, 1982, p.781). A autora, contudo, ressalta que podem haver saltos temporais ou “flashbacks” até nas mais simples narrativas orais (REINHART, 1982, p.781).

O eixo temporal dessa sequenciação de eventos ligada à ordem da narração dos mesmos eventos é, segundo Reinhart (1982), o que Labov nomeou o “esqueleto” da narrativa. Por outro lado, a “carne” a preencher esse esqueleto seria composta pelos elementos que reconstróem o mundo representado na narrativa e que determinam o sentido e o propósito do texto (REINHART, 1982, p.781). A autora cita outros tipos textuais que relatam os eventos no mundo, mas não se constituem integralmente em narrativas por não apresentarem sequenciação temporal no decorrer de todo texto, por exemplo, uma notícia de jornal. Com isso, Reinhart conclui que a narrativa não é uma propriedade do mundo que ela representa, mas sim, uma propriedade do texto narrativo (REINHART, 1982, p.782).

Silveira (1994), em raciocínio semelhante, conclui que:

Na percepção de eventos, o indivíduo identificará alguns fatos como sendo mais salientes do que outros. Ao reportar tais eventos, atendendo suas intenções comunicativas, ele irá codificá-los linguisticamente, transformando-os em narrativas. **Entendemos, então por narrativa, reportagens linguísticas de um evento passado e acabado, estocado e disponível na memória dos indivíduos.**

Essa consolidação por Silveira está em acordo com Labov e Waletzky (1967), que compreendem como a narrativa “pura” aquelas orações que tratam dos eventos principais, mais salientes formalmente, apresentando verbos no passado ou presente simples. As orações narrativas de Labov e Waletzky (1967) são tão relevantes e salientes que não podem ser transportadas para outro lugar da narrativa sem alterá-la por completo. Halliday aponta que “situações narrativas em geral compartilham estruturas que incorporam sequência temporal, contudo elas diferem em termos de outros elementos estruturais e ainda com respeito a quais fatores ‘dirigem’ a sequência temporal”¹⁹ (HALLIDAY, MATTHIESEN, 2014, p.36).

¹⁹ “narrative situations in general share structures that embody temporal sequence, but they differ in terms of other structural elements and even with respect to what factors ‘drive’ the temporal sequence” (HALLIDAY, MATTHIESEN, 2014, p.36).

2.2 Figura e Fundo na Linguística Funcional

O ponto de partida que tomamos na análise deste trabalho tem como suporte as considerações de autores como Hopper (1979, 1980), Thompson (1980), Reinhart (1984), Silveira (1994) e Azevedo (1995), que demonstram por suas conclusões que o falante salienta formalmente as informações que ele considera mais relevantes para o desenrolar da história narrada. Essa ação de salientar certas sentenças da narrativa pode ser vista e combinada à visão Funcionalista de que o falante constrói e altera seus enunciados para cumprir certos propósitos que têm. O narrador enuncia sentenças de Figura e sentenças de Fundo de forma diferente, pois há motivação funcional ao fazer isso. A saber, essa motivação funcional é destacar para seu ouvinte ou leitor a linha de eventos sequenciados e principais, mas também é de adicionar informações, explicações ou comentários que julga relevantes para o entendimento pleno de seu receptor sobre a história que está sendo narrada.

Hopper (1979, p.213) refere-se às partes da narrativa que tratam da linha principal de eventos da história como “Figura” (“foreground”). Da mesma forma, o autor reporta-se ao material de suporte aos eventos principais da história como “Fundo” (“background”). Reinhart (1982), semelhantemente a Hopper (1979), argumenta que o que Labov costuma denominar o “esqueleto” da narrativa pode ser compreendido como plano discursivo Figura e, por sua vez, o que não seria material narrativo propriamente dito, não compondo, mas preenchendo esse esqueleto, seria o Fundo narrativo.

As duas noções de planos discursivos são diferenciadas por Hopper no quesito sequencialidade. As estruturas de Figura no plano discursivo se apresentam no texto em sequência e organização temporal, ou seja, a ordem em que essas frases do plano Figura aparecem no texto é a mesma ordem cronológica de ocorrência dos eventos que são narrados (HOPPER, 1979, p.214), mesmo raciocínio de Labov e Waletzky (1967) sobre as orações narrativas, ou presas. Reinhart (1982, p.779), em concordância, conclui que a sequência temporal de uma narrativa compõe a Figura desse texto. Nessa mesma direção, Oliveira e Cezario (2007) também apontam que as orações Figura apresentam sequência temporal, enquanto que as estruturas de Fundo são menos padronizadas e não se apresentam interdependentes já que não trabalham para a progressão da história narrada como as estruturas de primeiro plano discursivo trabalham.

Silveira (1994) aponta um traço interessante sobre a diferença entre a narrativa e os eventos ocorridos que são narrados:

Embora a narrativa relate fatos ocorridos nas cenas que constituem o evento, sua estrutura temporal é diferente da do evento que lhe deu origem. Este, por se desenvolver unidimensionalmente, torna-se mensurável. Não admite espaços para retroalimentações, sumários e prenúncios de fatos que ainda irão ocorrer. Porém, na narrativa, existe abertura para todos estes processos que, embora simultâneos ao seu eixo dêitico-temporal, possuem mobilidade, podendo, então, localizar-se em qualquer ponto dessa estrutura. (SILVEIRA, 1994, p.28)

A autora discorre sobre as diversas possibilidades de se relatar um evento. O narrador escolhe um foco narrativo, e os eventos que estão nesse foco tornam-se a linha principal da história, a Figura. Os demais acontecimentos que podem ser simultâneos, anteriores ou posteriores aos eventos da linha principal da história têm a capacidade de ser trazidos ao conhecimento do ouvinte ou leitor da narrativa por mais de uma forma. Por isso, o Fundo narrativo é mais diverso, pois ele é a materialização textual de eventos não sequenciais e muitas vezes aleatórios, que são verdades, possibilidades, hipóteses paralelamente à Figura narrativa.

É consenso entre os autores citados que as estruturas de Fundo não precisam necessariamente apresentar sequencialidade entre si. A razão para haver essa falta de sequencialidade entre as orações Fundo é que muitas vezes essas frases apresentam: comentários do narrador; explicações sobre algo ocorrido na linha de eventos principais da história; informações adicionais sobre o local, tempo ou envolvidos nas situações descritas; entre outros.

Não se pode afirmar que há uma hierarquia de planos discursivos, em que Figura seja mais relevante, apesar de certamente ser mais perceptível, do que o Fundo narrativo. Reinhart (1982) argumenta que não há uma maior importância da Figura sobre o Fundo, quando se entende que a Figura narra os eventos “principais” sequenciados temporalmente na narrativa, mas se sabe que as estruturas Fundo permitem uma melhor compreensão do que é narrado nas estruturas de Figura. Azevedo (1995) reforça esta concepção que não acredita em uma hierarquia Figura-Fundo ao mostrar que, em sua pesquisa, houve mais estruturas Fundo do que Figura. Na análise de planos discursivos em textos opinativos, Araujo e Freitag (2012) constataram o mesmo que Azevedo (1995):

houve um maior número de ocorrências do plano discursivo fundo, com 72 ocorrências de figura e 100 de fundo, corroborando, também, a premissa de Givón (2011) de que há, em um texto, mais fundo do que figura.” (ARAUJO; FREITAG, 2012, p.72).

Se o narrador normalmente opta por recheiar suas narrativas com sentenças de Fundo, deve haver grande relevância em seu uso, ao invés de inferioridade.

Há outras categorias distintivas entre Figura e Fundo apontadas por Hopper (1979), como ordem vocabular, caráter tópico do sujeito, agentividade, e cinese, que não foram consideradas neste trabalho, pois o foco desta pesquisa é a gradação de fundidade das sentenças em uma narrativa.

Podem ser destacadas ainda outras distinções entre Figura e Fundo na narrativa que se aplicam na análise da gradação de fundidade em narrativas. Hopper (1979, p.215) ainda aponta que normalmente as estruturas de Fundo não apresentam verbos no pretérito perfeito como o fazem as estruturas de Figura. Essa constatação se deve justamente por sentenças de Fundo narrativo não estarem normalmente sequenciadas temporalmente como as sentenças de Figura devem estar para que a história seja devidamente narrada. É interessante lembrar também que Hopper (1979, p.215), pelas distinções anteriormente citadas, julga a relação entre as orações de Fundo mais fraca em comparação com a relação entre orações Figura. Além disso, o autor acredita que os verbos das estruturas Figura tendem a ser pontuais e mais ativos e dinâmicos, enquanto que os verbos de Fundo normalmente apresentam-se como estativos, não pontuais e de aspecto imperfectivo (Hopper, 1979, p.215). Por fim, o autor afirma que, de fato, apenas orações de Figura são narradas, enquanto que as orações Fundo suportam, amplificam, ou comentam o que está sendo narrado pelas orações Figura. Essa última consideração também está bem alinhada a Labov e Waletzky (1967), que consideram, no relato narrativa, apenas um tipo de oração como de fato oração narrativa.

Nas seções 2.2.1 e 2.2.2 apresentaremos uma síntese das principais características dos planos discursivos Figura e Fundo, que julgamos importantes para este estudo.

2.2.1 FIGURA

As principais características desse plano discursivo consideradas neste trabalho, a partir do estudo das pesquisas de Labov e Waletzky (1967), Hopper e Thompson (1980), Reinhart (1984), Silveira (1994) e Azevedo (1995), são:

- a) As orações de Figura formam as partes da narrativa que tratam da linha principal de eventos da história. Essas unidades oracionais se apresentam como o “esqueleto” da narrativa.
- b) As unidades oracionais de Figura são sequenciadas temporalmente.
- c) Essas orações de Figura são organizadas e apresentadas no texto narrativo na mesma ordem cronológica de ocorrência dos eventos narrados. A sequência temporal principal de uma narrativa compõe a Figura do texto.
- d) Se as orações de Figura tiverem sua ordem alterada de apresentação no texto, a narrativa será compreendida como uma história diferente.
- e) Por causa do aspecto da sequencialidade da Figura narrativa, a relação entre as unidades oracionais de Figura é mais forte e fixa que a relação das unidades oracionais de Fundo.

Além das cinco características apontadas acima, acredita-se que Figura e Fundo se distinguem por seus pesos cognitivos na comunicação. Assim sendo, as estruturas do plano discursivo Figura tendem a ser mais salientes e perceptíveis ao receptor, por isso, muitas vezes, são formadas por sentenças sintaticamente mais simples e também mais leves do ponto de vista cognitivo. Dessa forma, destacam-se também as seguintes características do plano discursivo Figura:

- f) Os temas das orações de Figura normalmente não são marcados, mas sim, compostos pelo sujeito da oração, informação já conhecida pelo receptor da narrativa.
- g) Os sujeitos das sentenças de Figura tendem a ser o seu primeiro elemento, bem como tendem a ser o agente da ação.
- h) As orações de Figura tendem a apresentar seus verbos no tempo Pretérito Perfeito.
- i) Os verbos das estruturas de Figura narrativa tendem a ser pontuais, mais ativos e dinâmicos (cinese), e tendem estar no aspecto Perfectivo.
- j) Por se considerar que apenas as orações Figura são de fato narrativas, os verbos dessas orações irão se estabelecer no modo *realis*.
- h) Assume-se aqui que, por todas as suas características, as sentenças de Figura se apresentam sintaticamente independentes, ou seja, não subordinadas a outras orações.

Para reforçar a característica assumida na letra h, citamos Labov e Waletzky:

Até agora, discutimos cláusulas em geral como unidades narrativas. Mas pode-se ver rapidamente que **apenas as cláusulas independentes** são relevantes para a sequência temporal. Cláusulas subordinadas (como as cláusulas embutidas (...))

podem ser colocadas em qualquer lugar da sequência narrativa sem perturbar a ordem temporal da interpretação semântica (...) ²⁰(Labov e Waletzky 1967). [Grifo nosso].

2.2.2 FUNDO

O plano discursivo Fundo apresenta inúmeras características, justamente por ser o plano discursivo em que pode haver mais tipos de formações oracionais, bem como mais motivações conversacionais para que esse plano esteja presente em uma narrativa. Também a partir dos estudos de Labov e Waletzky (1967), Hopper e Thompson (1980), Reinhart (1984), Silveira (1994) e Azevedo (1995), elencamos abaixo as principais características do plano discursivo Fundo consideradas neste trabalho:

- a) As orações de Fundo narrativo se apresentam como material de suporte aos eventos principais da história, à Figura.
- b) As sentenças de Fundo podem se tratar de: comentários do narrador; explicações sobre algo ocorrido na linha de eventos principais da história; informações adicionais sobre o local, tempo ou envolvidos nas situações descritas; entre outros.
- c) Essas unidades oracionais servem para suportar, amplificar ou comentar a linha principal dos eventos que estão sendo narrados.
- d) O Fundo narrativo pode se apresentar formalmente subordinado à Figura narrativa, contudo isso não o torna inferior ou menos importante. Certas informações presentes no Fundo narrativo podem levar o ouvinte ou leitor da narrativa a entendê-la melhor, por exemplo, o Fundo pode trazer informações que levaram à compreensão de razões para certas ações na narrativa.
- e) As estruturas de Fundo narrativa não estão necessariamente sequenciadas entre si, pelo contrário, muitas vezes, elas se revelam independentes tanto sintaticamente e semanticamente, quanto em relação à organização temporal da ocorrência de seus eventos.

²⁰ So far, we have discussed clauses in general as narrative units. But it can quickly be seen that only independent clauses are relevant to temporal sequence. Subordinate clauses (like the embedded clauses (...)) may be placed anywhere in the narrative sequence without disturbing the temporal order of the semantic interpretation (...) (Labov; Waletzky 1967).

f) A relação entre as orações de Fundo narrativa não é forte como ocorre com as orações de Figura narrativa. Podem haver narrativas em que nenhuma sentença de Fundo narrativo esteja conectada à outra. Essas orações não são interdependentes como a Figura precisa ser para não alterar a narrativa.

Em relação à forma que essas unidades oracionais de Fundo podem tomar, ressaltam-se as seguintes características:

- g) As unidades oracionais de Fundo narrativo são menos padronizadas do que as unidades oracionais de Figura narrativa.
- h) As sentenças de Fundo narrativo podem e muitas vezes são constituídas sintaticamente mais complexas do que as orações de Figura, apresentando-se, por exemplo, como orações subordinadas.
- i) As orações de Fundo podem ser organizadas pragmaticamente marcadas, apresentando tema com informação nova ao leitor, ao invés desta aparecer no predicado como rema.
- j) Normalmente as estruturas de Fundo não apresentam verbos no pretérito perfeito como o fazem as estruturas de Figura, mas esse tempo verbal pode ocorrer.
- k) Os verbos de Fundo normalmente apresentam-se como estativos, não pontuais e de aspecto imperfectivo.
- l) Muitos sujeitos de orações de Fundo narrativo não são agentivos, devido a muitos verbos serem estativos ao invés de dinâmicos, por exemplo.
- m) O modo *irrealis* pode ocorrer em sentenças de Fundo narrativo, contudo a maioria de ocorrências ainda é no modo *realis* mesmo nesse plano discursivo.
- n) As unidades oracionais de Fundo, diferentemente da Figura narrativa, apresentam variedade de classificação ‘modo-temporal’ de seus verbos entre o Indicativo, Subjuntivo e Imperativo.

2.2.2.1 Os níveis de Fundidade

Além da divisão binária Figura-Fundo, há estudos que enxergam níveis dentro da categoria Fundo, justamente por esta ser uma categoria tão variada e complexa. Silveira (1990) propõe cinco níveis de fundidade. Entre as sentenças que se estabelecem como sentenças de Fundo narrativo, há sentenças com grau maior de fundidade e sentenças com grau menor. O primeiro grau de fundidade

trata-se de sentenças mais semelhantes a sentenças de Figura narrativa. Por sua vez, as sentenças do quinto grau de Fundo são as que menos têm características de Figura. Hopper e Thompson (1980) postulam que os verbos das estruturas de Fundo se apresentam por meio de formas mais variadas, em diversos tempos, aspectos e até modos verbais. Conseqüentemente, é importante e relevante considerar que existam níveis de Fundo narrativo que se definem por certas semelhanças de conteúdo, como analisaremos mais à frente no material do texto bíblico de Jonas.

Araujo e Freitag (2012) resumem os cinco níveis propostos por Silveira (1990) e unem o terceiro e o quarto nível para sua análise, o que não será o caso deste trabalho. Abaixo, são apontados os cinco graus de fundidade e suas caracterizações gerais, com base no resumo mais facilitado de Araujo e Freitag.

1. O primeiro grau de Fundo narrativo engloba orações que trazem informações objetivas ao apresentar resumidamente a história a ser narrada, com possíveis antecipações da trama. Esse nível de fundidade também pode apresentar o cenário, os participantes da história ou alguma informação a mais sobre eles. O discurso direto entra nesse primeiro nível também.
2. O segundo grau de Fundo narrativo envolve o âmbito de ocorrência das circunstâncias narradas como tempo (localização temporal dos eventos), modo/maneira e finalidade dos ocorridos.
3. O terceiro grau de Fundo narrativo trata-se de orações relacionadas a outras orações, especificando ou ampliando informações. Esse terceiro nível é materializado por orações adjetivas, ou que complementam o verbo da anterior.
4. O quarto grau de Fundo narrativo é estabelecido por orações que descrevem causa ou consequência dos fatos narrados, adversidade para os eventos descritos.
5. O quinto grau de Fundo narrativo é composto por orações que revelam intervenções narrativas de quem está contado a história. Esse quinto nível é espaço para as sentenças que apresentam opiniões do narrador. As orações desse quinto grau também podem trazer um resumo pelo narrador do que este narrou, ou então elas demonstram dúvida ou incerteza do narrador sobre o que está descrevendo. Ele também pode ser materializado na narrativa por meio de conclusões do narrador após contar a história ou então comunicação com o ouvinte requerendo sua atuação no momento narrativo.

Conforme explanado antes, o primeiro grau é o nível mais semelhante à Figura narrativa e o quinto grau, por sua vez, é o mais distante. Há uma hierarquia, do primeiro ao quinto nível de profundidade ou prototipicidade de Fundo narrativo, o quinto, portanto, é o mais intenso e prototípico, e é o que menos colabora para a descrição do desenrolar dos eventos narrativos, da linha principal da história. Também pode-se inferir que esse quinto grau de Fundidade é o nível que mais está ligado à informalidade. Narrativas podem ser feitas em diversos contextos, mais informais como em uma conversa entre amigos, ou mais formais, podendo ser escritas não orais e também podendo não envolver intimidade entre o narrador e o seu receptor. Os contextos mais formais podem se apresentar inadequados para o uso indiscriminado do quinto grau de Fundidade, já que este envolve intervenções claras do narrador, comentários ou dúvidas, e até a requisição de que o leitor ou ouvinte participe do processo narrativo. Dessa forma, acredita-se que este trabalho não encontrará o quinto nível de Fundidade em sua análise, pois o texto bíblico de Jonas é um texto religioso e sagrado em sua cultura de origem, não abrindo espaço para informalidade em seu contexto de produção.

Outro ponto a se levantar sobre esses graus de fundidade propostos por Silveira é de que não se trata de níveis categorizados a partir de bases formais, eles são considerados e separados a partir de sentidos e significados das orações na narrativa. A análise de narrativas a partir desses cinco graus, portanto, se daria não por meio de análise classificatória dos verbos das sentenças de Fundo, mas pelas informações que as orações como um todo apresentam ao receptor da narrativa.

Essa hierarquização das orações de Fundo se difere em relação ao fator que determina a categorização e separação de Fundo, Categoria Intermediária e Discurso Direto, estes últimos dois serão discutidos na seção seguinte, 2.2.3. Esse fator que classifica uma oração que não é Figura narrativa entre Fundo, ou Categoria Intermediária ou Discurso Direto é formal, ele pode considerar o tipo de oração, nos casos da categoria intermediária e do Fundo, ou o papel dessa oração na frase, no caso dos discursos diretos, que atuam materializando as falas e diálogos de personagens.

2.2.3 CATEGORIAS SECUNDÁRIAS

Na análise de textos narrativos, há alguns tipos de sentenças que se apresentam de difícil categorização entre Figura ou Fundo. Azevedo (1992), em uma etapa de análise em seu trabalho, sugere categorias secundárias: Discurso Direto e Categoria Intermediária.

2.2.3.1 Discurso Direto

As sentenças que entram na categoria Discurso Direto, como o próprio nome revela, são as sentenças presentes nos discursos diretos nas narrativas, ou seja, em falas ou diálogos. Essas sentenças apresentam-se de maneira muito variada. Elas podem apresentar tanto verbos no Pretérito Perfeito do Indicativo, o que marca sentenças de Figura narrativa, quanto verbos no modo *irrealis*, no Subjuntivo ou no Imperativo, ou com modais ou negações no Indicativo, característica já mais própria do plano discursivo Fundo. Acreditamos que, numa história narrativa, o discurso direto é o que menos se aproxima do ato de narração, ou seja, é o tipo de sentença que menos exige trabalho do narrador, pois trata-se apenas da reprodução das falas das personagens da história.

Azevedo (1992, p.182) aponta que o Discurso Direto pode preencher boa parte do material de uma narrativa, pois seu uso permite a encenação das situações descrita pelo narrador. Além disso, essa categoria permite até o uso de sentenças em outras línguas sem maiores problemas para a compreensão dos eventos ocorridos já que se trata da fala de alguém na narrativa. O texto bíblico de Jonas analisado aqui apresenta muitas sentenças dessa categoria, desde o seu começo.

2.2.3.2 Categoria Intermediária

Essa categoria secundária é mais complexa, pois apresenta-se intermediária entre Figura e Fundo e não é necessariamente evidenciada por aspas ou travessões como o caso das sentenças de Discurso Direto. Azevedo (1995, p.182) entende como parte dessa categoria as orações que são:

“substantivas, relativas, finais, construções com gerúndio, ligadas a estruturas da FIGURA”. Por estarem tão ligadas a estruturas de Figura, sua identificação nem sempre é simples.

Labov e Waletzky (1967), no entanto, demonstram que esse tipo de sentenças, mesmo unido a uma sentença de Figura por subordinação, tem sua demarcação e pode ser concebido separadamente da oração de Figura narrativa: “Pode-se citar qualquer número de exemplos para mostrar que qualquer cláusula subordinada é removida da sequência temporal da narrativa, mesmo se ela conservar sua própria referência temporal”²¹ (LABOV, WALETZKY, 1967). Dessa forma, conclui-se que orações subordinadas a sentenças de Figura são parte de uma categoria intermediária entre Figura e Fundo, mas não fazem parte da sequência temporal dos eventos da linha principal da narrativa, portanto, não são Figura. As sentenças subordinadas a orações Fundo também entram nessa categoria intermediária.

Azevedo (1995) postula que essas categorias secundárias “num segundo momento, após observar-se como se comportam em termos de seus elementos verbais, poderão ser agrupadas a qualquer uma das principais, ou seja, após análise, suas estruturas poderão ser consideradas como de FIGURA ou de FUNDO” (AZEVEDO, 1995, p.183). Contudo, neste trabalho, tomaremos como critério definidor da categoria de Figura narrativa a presença do verbo no Pretérito Perfeito do Indicativo. Também consideraremos a independência sintática como elemento necessário às orações de Figura, como Labov e Waletzky (1967) sugerem. Consequentemente, as sentenças de categoria secundária não serão consideradas como Figura, mas como Fundo, em um dos passos metodológicos que serão descritos na seção 4 METODOLOGIA.

Faz-se necessário uma abordagem explicativa sobre verbo e suas categorias Tempo, Aspecto e Modo. Na próxima seção, trazemos tanto a descrição do que compreendemos por unidade oracional, quanto uma descrição de Tempo, Aspecto e Modo verbais.

²¹ “One can quote any number of examples to show that any subordinate clause is removed from the temporal sequence of narrative, even if it retains its own temporal reference.” (Labov; Waletzky, 1967).

3 O VERBO

Como as sentenças de Figura narrativa se apresentam de forma homogênea em Tempo pretérito perfeito, Aspecto perfectivo e Modo *realis*, é o verbo que define e distingue orações do plano Figura de orações do plano Fundo. Por conseguinte, é necessária uma revisão dessa classe gramatical, verbo, e de suas categorias Tempo, Aspecto e Modo.

3.1 O verbo, a unidade oracional

O verbo é um tipo de vocábulo concebido como uma classe de palavras ampla e complexa. Bechara (2014) define verbo como “a unidade que significa ação ou processo, unidade esta organizada para expressar o modo, o tempo, a pessoa e o número” (BECHARA, 2014, p.58).

Do ponto de vista mais especificamente semântico, Mattoso explana que, essa classe de palavras (verbo) representa ‘processos’, sequenciados no tempo (MATTOSO, 2004, p.78). Em relação à morfologia, o autor trata o verbo como uma das classes de vocábulos flexionais no Português. Mattoso afirma que nos verbos:

figuram duas noções muito diferentes que se completam para flexionar o vocábulo verbal. Uma, para designar o “tempo”, ou ocasião da ocorrência do que o verbo refere, do ponto de vista do momento da comunicação. A outra, que se lhe segue, indica, dentro do vocábulo verbal, a pessoa gramatical do sujeito. No sufixo flexional de tempo verbal, há acumulação da noção de “modo” (indicativo, subjuntivo, imperativo), e, num tempo do pretérito, a do aspecto inconcluso, ou “imperfeito”, do processo verbal referido. Por sua vez, a flexão de pessoa gramatical implica, automaticamente, na indicação do número, singular ou plural, do sujeito (MATTOSO, 2004, p.85, 86).

No trecho acima, o autor descreve as flexões de tempo e pessoa. Para os propósitos dos estudos e análises deste trabalho, iremos nos ater às flexões temporais, incluindo aspecto e modo, conhecidas como TAM, que serão percorridas mais profundamente na seção 3.2 O Sistema TAM.

Partindo para a descrição funcional do verbo, esta pode ser feita ainda alinhada a questões morfo-semânticas. Ilari e Basso (2014, p.66) apresentam funções do verbo relacionadas à sua

morfologia (radical e desinências). As funções do verbo apresentadas pelos autores que se mostram relevantes para nosso trabalho aqui são:

- O verbo proporciona a “matriz” para a construção de sentenças. É a partir do verbo que há certos espaços a ser preenchidos, como o agente e o tema, por exemplo.
- O verbo estabelece perspectiva e os tipos de participação dos “referentes dos sintagmas nominais que acompanham o verbo” (ILARI; BASSO, 2014, p.66).
- Nas desinências verbais, há informações bem relevantes sobre o tempo, não o tempo extra-frase, mas o tempo da sequenciação dos eventos descritos, uma informação dêitica que tem como base o momento da fala. (ILARI; BASSO, 2014, p.67).
- Os verbos apresentam “momentos”, alguns verbos são pontuais outros, não (ILARI; BASSO, 2014, p.68).
- A partir de suas desinências, essa classe palavras também apresenta aspecto, modo e voz (ILARI; BASSO, 2014, p.68, 69).

Sobre a questão de voz verbal, é interessante ressaltar que ela tradicionalmente é vista como indicadora de agentividade ou falta de agentividade do sujeito. Lembra-se aqui que o esperado é que, em narrativas, as sentenças de Figura apresentem sujeitos agentivos. Ilari e Basso defendem uma visão mais abrangente de voz verbal em que consiste na “possibilidade de colocar em evidência (no centro da atenção, como se tem dito) ora este, ora aquele participante do processo pelo verbo” (ILARI; BASSO, 2014, p.69).

Na descrição do verbo, é de grande importância tratar de perífrases verbais. O tópico surge quando se levanta a questão: o que pode ser considerado verbo. Ilari e Basso (2014) tratam essa questão como paradigma verbal. O verbo vai até que parte de uma sentença? Ele, por exemplo, tem indicação de tempo, contudo a sentença pode formalizar essa informação por meio de outras palavras, como um advérbio. O verbo pode apresentar-se em novas perspectivas dependendo das palavras que o acompanham. Enunciar “Estou feliz” e “Estou indo” apresentam duas significações diferentes para o verbo “estar”, de estado e de processo, respectivamente. No primeiro exemplo “Estou feliz” não há perífrase verbal, apenas predicção do sujeito, já no segundo exemplo “Estou indo” há perífrase verbal indicando um processo contínuo de ação verbal. Dessa forma, conclui-se

ser relevante tratar das perífrases verbais, pois essas perífrases surgiram no texto bíblico de Jonas analisado neste trabalho.

Ilari e Basso (2014) definem as perífrases verbais como

construções em que, além do lexema do verbo e de uma primeira desinência, intervém outro verbo (com seu próprio radical e sua própria desinência) que assume funções tipicamente gramaticais. É o caso dos verbos “auxiliares” tradicionalmente reconhecidos pela gramática – *ser*, *ter* e *haver*, mas também de outros verbos “auxiliantes” que contribuem para enriquecer as opções de tempo (*vou viajar amanhã*, *acabo de chegar*), de modo (*ele viajou e não avisou*, *só pode ser isso*)” (ILARI; BASSO, 2014, p.70)

Os verbos se apresentam em sequência para formarem uma unidade. Nessa união, um dos verbos perde seu sentido pleno para se unir a outro, trazendo informações de tempo, modo e aspecto. Esse verbo é denominado auxiliar e sofre processo de gramaticalização, o “processo pelo qual uma palavra de sentido pleno passa a palavra gramatical” (ILARI; BASSO, 2014, p.79). O verbo que segue o auxiliar é visto como a parte lexical da perífrase verbal, ele é denominado verbo pleno, pois mantém seu sentido.

Bechara enuncia que a locução verbal, outro nome para a perífrase verbal, consiste na “combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama principal. ” (BECHARA, 2014, p.63). O autor ainda reforça a característica gramatical do verbo auxiliar ao explicar que é esse verbo que será flexionado em pessoa, número, tempo e modo; o verbo principal, ou lexical, se manifesta apenas em uma das formas nominais do verbo. Segundo Bechara, as locuções verbais podem ser utilizadas para formar os tempos compostos ou a voz passiva, também funcionam para determinar mais claramente o aspecto verbal, ou para indicar a forma de realização da ação do verbo, por exemplo, necessidade (“preciso estudar”), possibilidade (“posso estudar”), ou desejo (“quero estudar”)²², etc.

Ilari e Basso (2014) tratam as formas perifrásticas como “formas verbais mais amplas do que a palavra” (ILARI; BASSO, 2014, p.73). Eles também acrescentam que “o verbo auxiliar não entra na sentença como um ‘segundo verbo’, (...) o verbo auxiliar sempre se combina com um verbo de sentido pleno formando uma unidade que, do ponto de vista sintático, equivale a um verbo ‘simples’” (ILARI; BASSO, 2014, p.79). Ilari e Basso apresentam as frases “João tem viajado”,

²² Exemplos desta autora.

“João tem alugado sua chácara” (ILARI; BASSO, 2014, p.78 – Grifo nosso) e “João foi visto pela polícia” (ILARI; BASSO, 2014, p.80 – Grifo nosso) como exemplos de perífrases verbais. Dessa forma, ao aparecer nos dados de análise deste trabalho formas verbais perifrásticas que podem ser compreendidas como um verbo simples, estas foram consideradas e classificadas como um único verbo e, conseqüentemente, presentes em uma única unidade oracional.

O versículo 5 do primeiro capítulo de Jonas na NVI exemplifica uma ocorrência de perífrase verbal:

Jonas 1.5 (NVI): “Todos os marinheiros ficaram com medo e cada um clamava ao seu próprio deus. E atiraram as cargas ao mar para tornar mais leve o navio. Enquanto isso, Jonas, que **tinha descido** para o porão e se deitado, dormia profundamente.”.

É possível ver que a sequência “tinha descido” é compreendida como uma unidade oracional só. Os verbos “tinha descido” compõem uma perífrase verbal, pois apresentam um único sujeito, podem ser transformados em um verbo simples no pretérito mais-que-perfeito do Indicativo “descera”, e, além de tudo, na outra versão bíblica utilizada, ARC, essa unidade oracional foi descrita como um verbo simples, a saber, “desceu”, como se pode constatar abaixo:

Jonas 1.5 (ARC): “Então, temeram os marinheiros, e clamava cada um ao seu deus, e lançavam no mar as fazendas que estavam no navio, para o aliviam do seu peso; Jonas, porém, **desceu** aos lugares do porão, e se deitou, e dormia um profundo sono.”.

A categoria verbo se amplia também com suas formas nominais, a saber, gerúndio, particípio e infinitivo. Essas formas não apresentam marcação de tempo e podem atuar como nomes se não estiverem em perífrases verbais. No caso de perífrases verbais, as formas nominais atuam como o segundo verbo, o verbo lexical da perífrase. Bechara (2014, p.60) alega que essas formas podem atuar como nomes. O autor elenca os papéis que as formas nominais podem exercer:

- A função de substantivo pode ser exercida por um verbo no infinitivo, por exemplo: “O avançar da hora me preocupa” = O avanço da hora me preocupa.

- A função de adjetivo pode ser exercida por um verbo no particípio, por exemplo: “O cabelo penteado fica mais elegante”.

- A função de advérbio ou de adjetivo, novamente, pode ser exercida por um verbo no gerúndio, por exemplo: “Terminando o jogo, iremos embora” = Quando houver o término do jogo, iremos embora.

Entretanto, as formas nominais não aparecem somente como nomes quando não estão em uma perífrase verbal. Há ocorrências de formas nominais criando uma unidade oracional à parte de outra com verbo finito, podendo indicar propósito, modo/performance, causa, consequência de outra ação, por exemplo. Nessas ocorrências, a forma nominal não forma a noção de um verbo simples com outro verbo finito, mas de fato entra como outro verbo formando nova sentença. As sentenças abaixo, extraídas das versões bíblicas estudadas neste trabalho, exemplificam essas ocorrências:

Jonas 1.3 (NVI): “(...)embarcou para Társis, para fugir do Senhor”.

Jonas 1.3 (ARC): “E Jonas se levantou para fugir de diante da face do SENHOR para Társis; e, descendo a Jope, achou um navio que ia para Társis (...)”.

As duas sentenças grifadas se apresentam como unidades oracionais distintas das unidades que as antecedem, elas indicam causa, no exemplo da NVI, e localização, no exemplo da ARC. Por isso, elas foram consideradas, neste estudo, como outra unidade oracional, mesmo apresentando somente a forma nominal do verbo. Por se constituírem como unidades oracionais à parte, esses tipos de ocorrências também foram considerados e analisados segundo as categorias Tempo, Aspecto e Modo verbal neste trabalho.

Consideradas as principais caracterizações de um verbo, é relevante para este trabalho descrever o sistema TAM. Por meio de Tempo, Aspecto e Modo verbal, as sentenças de Figura e de Fundo são ainda mais claramente diferenciadas. A seção 3.2 discorre sobre essas categorias verbais.

3.2 O Sistema TAM

Hopper (1979) analisa textos de diferentes línguas, buscando mostrar que os dois planos discursivos em narrativas se caracterizam, principalmente, por meio de sua aspectualidade. Mais recentemente, Azevedo (1995), focando-se no Português Brasileiro e em narrativas orais, discorreu

sobre as distinções entre Figura e Fundo por meio das categorias verbais TAM (Tempo, Aspecto e Modo). A autora diz que as “relações temporais presentes num texto narrativo são interpretadas como análogas a estas relações espaciais [provindas da teoria da Gestalt]” (AZEVEDO, 1995, p.179), dessa forma, pode-se inferir que Tempo, Aspecto e Modo de um verbo contribuem para indicar a qual plano discursivo pertence a unidade oracional que o verbo em questão compõe.

Azevedo (1995) diz que as noções de Figura e Fundo são úteis nos estudos linguísticos de narrativas, revelando a existência de certo mecanismo morfossintático realizando a separação entre Figura e Fundo. Pereira (2008) busca, entre outros, perceber a relação da interpretação aspectual e os planos discursivos, “demonstrando que a cada plano discursivo corresponde uma caracterização aspectual” (PEREIRA, 2008, p.61). Por sua vez, Coan e Pontes (2012), em sua análise de textos em espanhol, afirmam que “a análise de Figura e Fundo tenta dar conta de uma questão pragmático-discursiva elementar: em uma dada situação comunicativa, sempre há informações mais relevantes que outras” (2012, p.61).

Nas sentenças de narrativas, tanto de Fundo, quanto de Figura, há uma propensão a se acreditar que existe uma preferência pelo Modo verbal *real* ao invés do Modo *irreal*. Isso se deve à percepção de que os eventos narrados são levados como certos e acontecidos pelo ouvinte ou receptor de uma narrativa (AZEVEDO, 1995), mesmo que sejam verdadeiros somente em uma realidade paralela ou em um mundo que o ouvinte sabe não existir de fato.

Apesar dessa semelhante preferência pelo Modo *real* em ambos os planos discursivos, Figura e Fundo não deixam de se caracterizar diferentemente nos outros itens: tempo e aspecto. O plano Figura é identificado mais simplesmente na narrativa do que o Fundo, por este apresentar tempos verbais mais diversos e aquele ter suas estruturas sequenciadas temporalmente e normalmente se apresentar em pretérito perfeito.

Entretanto, um ponto importante a ser colocado é que não há razão para se descartar a importância do segundo plano discursivo, Fundo. Azevedo (1995) destaca que a distinção entre Figura e Fundo se dá basicamente em separar material narrativo central e material complementar na narrativa. Essa distinção deve considerar que é “o fundo que dá as características ao evento, funcionando como um cenário para que a ação ocorra, mas que não faz a história avançar” (ARAUJO; FREITAG, 2012, p.60). As sentenças de Fundo não contribuem para a sequenciação dos eventos narrados, ou seja, para a progressão da história, independentemente do Tempo e Aspecto que apresentarem, sejam estes semelhantes ou não aos de Figura. Todavia, a importância

de sentenças Fundo para uma narrativa está em tomar a consciência de que o conteúdo descrito pelas orações de Fundo foi relevante o suficiente para que o narrador decidisse introduzi-lo no decorrer da narrativa, entre sentenças de Figura.

Na separação Figura e Fundo das unidades oracionais de uma narrativa, outra discussão que se pode levantar é sobre a possibilidade de ocorrerem formas imperfectivas na categoria Figura. Sobre a possibilidade de as sentenças Figuras se materializarem em formas imperfectivas, Coan e Pontes (2012) desenvolveram pesquisa que analisou dados da Língua Espanhola e obtiveram resultados que vão contra a expectativa de um plano Figura mais padronizado. Os pesquisadores relatam que seus dados coletados evidenciaram

que as formas imperfectivas podem atuar na progressão da narrativa. O narrador pode fazer uso de uma forma imperfectiva, por exemplo, para dar um efeito de lentificação da ação ou, ainda, de suspense na narrativa (COAN; PONTES, 2012, p.63).

Dessa forma, até as estruturas de Figura na narrativa parecem ter a possibilidade de apresentar verbos imperfectivos e, portanto, não são irremediavelmente tão distintas das estruturas de Fundo.

Apesar da possibilidade de haver Figura narrativa materializada em unidades oracionais imperfectivas, como as encontradas no Espanhol por Coan e Pontes, inicialmente, tomaremos como base os mesmos pressupostos teóricos que Azevedo (2005) tomou, nos apoiando também em Labov (1972), Hopper (1979), Reinhart (1984) e Chafe (1994), de que o tempo Pretérito Perfeito e o aspecto Perfectivo marcam as sentenças de Figura Narrativa. Entretanto, os tipos de casos em que sentenças no Pretérito Perfeito não foram classificadas como Figura foram:

1. Unidades oracionais no Modo Irrealis, como em: “Mas não conseguiram” (NVI B10).
2. Unidades oracionais dentro dos Discursos Diretos, por exemplo, na ordem de Deus a Jonas: “porque a sua maldade subiu até a minha presença” (NVI D3).
3. Unidades oracionais dependentes, encaixadas ou subordinadas a outras sentenças, por exemplo, uma unidade iniciada por pronome relativo: “onde encontrou um navio” (NVI C2).

Antes de passarmos para a descrição mais focada em cada um dos elementos do Sistema TAM, faz-se necessário retomar as formações verbais perifrásticas, as locuções verbais. No caso de perífrases verbais, os verbos considerados na análise de Tempo, Modo e Aspecto serão os verbos auxiliares, que compõem a parte gramatical da locução verbal.

Além disso, levantamos a ressalva de que podem haver informações de TAM fora do verbo. Ilari e Basso (2014) dizem que “as informações de tempo, modo, aspecto, etc., em vez de localizar-se exclusivamente no verbo, podem ser prestadas por expressões com as quais o verbo interage no contexto sintático próximo” (ILARI; BASSO, 2014, p.70). Os autores exemplificam:

Um dos exemplos mais célebres desse fenômeno é o da atribuição de uma *Aktionsart*²³ ao verbo *correr*: por si só, esse verbo indica uma ação que não tem um fim intrínseco (a ação de correr poderia, em princípio, continuar indefinidamente, sem deixar de ser uma ação de correr); mas se lhe for acrescentado um adjunto que indica o ponto de chegada, ou a distância a ser percorrida, o sintagma verbal resultante passa automaticamente a indicar uma ação que tende a um fim e passa a exigir adjuntos e modificadores de um tipo diferente (*Correu *em/por duas horas* e *Correu até a escola em/por dez minutos*). (ILARI; BASSO, 2014, p.70).

Neste estudo, quando ocorreram unidades oracionais contendo um elemento ‘extra-verbal’ com informações TAM, esse elemento também foi considerado como definidor das características do verbo em questão, por exemplo, cita-se o que ocorreu na classificação da unidade oracional NVI B1 “Depois de pagar a passagem”. Nessa unidade, se considerássemos somente o verbo “pagar”, o aspecto dele seria imperfectivo, por se tratar da forma nominal infinitivo, entretanto, se considerarmos toda a unidade oracional, o aspecto seria perfectivo, não poderia ser trocado, por exemplo, pelo gerúndio “pagando”, mas sim pelo particípio “paga” ficando “Depois de paga a passagem”, o que nos fez concluir que a ação está terminada e completa. Além disso, devido ao elemento ‘extra-verbal’ “depois de”, o modo dessa unidade é definido como *realis*, ao invés de *irrealis*, como em muitas unidades compostas de verbo no infinitivo, pois o termo “depois de” indica que a ação ocorreu de fato, sendo, portanto, *realis*.

²³ Ilari e Basso explicam o que entendem por “Aktionsart”: “(uma palavra alemã que, literalmente, significa “modo da ação”). A principal diferença entre as ações, do ponto de vista da *Aktionsart*, é que algumas ações têm, como parte própria e previsível, uma conclusão de um certo tipo (por exemplo, a ação expressa por *Este carro está sendo levado para a oficina* se completa naturalmente quando o carro chega à oficina), ao passo que outras ações não têm um fim previsível (como em *O carro está na oficina*); outra diferença de *Aktionsart* é que alguns verbos exprimem uma ação pontual, ao passo que outros exprimem uma ação duradoura; pense-se, por exemplo, na diferença entre *Indo a São Paulo de carro, cruzei o trópico de Capricórnio* e *O trópico de Capricórnio fica perto de Jundiá e cruza a chácara da Wilma*” (ILARI; BASSO, 2014, p.68).

3.2.1 TEMPO

Ilari e Basso (2014) fazem uma diferenciação importante entre tempo verbal e referência temporal. Ambas as ideias podem ser enunciadas como “tempo”, contudo, os autores sugerem o uso de “tempo”, ou tempo verbal, para as noções gramaticais que se tem por meio das flexões verbais como presente, pretérito do perfeito, e o uso de “referência temporal” para tratar do passar cronológico dos eventos, “a realidade física ou psicológica (...) que a língua corrente chama de tempo” (ILARI; BASSO, 2014, p.135). O que estamos tratando nesta seção 3.2.1 é o tempo verbal, que faz parte da morfologia do verbo e é expresso por meio de suas flexões, o que pode ser chamado também de conjugação verbal.

Para exemplificar melhor a distinção acima das duas possibilidades de interpretação da palavra “tempo”, citamos o uso do tempo verbal presente, seguindo o raciocínio de Ilari e Basso (2014). Um exemplo que podemos montar está na frase “Eu faço academia”. Ao dizer isso, o enunciador utiliza o tempo verbal presente, contudo a referência temporal não é necessariamente o presente, agora, exato momento da fala. De fato, a referência temporal mais natural para a frase “Eu faço academia” seria a ideia de rotina, ou seja, a referência temporal seria de que “diariamente”, “toda semana” ou ainda “atualmente”, o enunciador da frase faz academia, e não “agora”, o presente momento da fala.

Ilari e Basso (2014, p.136) utilizam dos três momentos de Reichenbach: Momento de Evento (ME), Momento de Fala (MF) e Momento de Referência (MR). Esses três momentos podem ser simultâneos ou não, podendo apresentar, no segundo caso, várias disposições entre si. Por Momento de Evento, entende-se o momento em que a situação ocorre, ocorreu ou irá ocorrer. O Momento de Fala refere-se ao momento da enunciação da unidade oracional. Por fim, o Momento de Referência muitas vezes é simultâneo ao Momento de Evento. O MR pode ser melhor percebido e distinguido em tempos como o pretérito mais-que-perfeito.

Temos como exemplo de separação do Momento de Referência do Momento de Evento a frase “eu tinha ido embora quando meus pais chegaram”, nessa sentença, o Momento de Fala é posterior ao Momento de Evento e também ao Momento de Referência. A sentença é enunciada, ou escrita, após os eventos ocorridos, e, portanto, são descritos no tempo pretérito. O ME da

primeira ação, descrita na oração principal, é ainda anterior ao Momento de Referência. O MR está em “quando meus pais chegaram”, o ME de “eu tinha ido embora” é anterior a ação de os pais do falante chegarem, que é o MR. É por isso que o tempo de “eu tinha ido embora” está no pretérito mais-que-perfeito e não somente no pretérito perfeito, pois é uma ação do passado ocorrida antes de outra também no passado, ou seja, é um ME distinguido do MR, nesse caso, um ME anterior ao MR.

A partir das distinções de tempo verbal e referência verbal, bem como de Momento de Fala, Momento de Evento e Momento de Referência, é possível discorrer melhor sobre os tempos verbais e o aspecto verbal, além de facilitar a análise de unidades oracionais de Figura e unidades oracionais de Fundo narrativo. Acredita-se que as sentenças de Figura narrativa serão descritas com o Momento de Fala posterior ao Momento de Referência e Momento de Evento, e Momento de Referência será simultâneo ao Momento de Evento. É esperado, portanto, que as sentenças de Fundo narrativo apresentam diferentes relações entre MR e ME, porém todas anteriores ao Momento de Fala, pois a narrativa trata de eventos e situações já ocorridos.

Na narrativa das duas versões bíblicas, o Momento de Fala não é o mesmo do momento de leitura do receptor da história, a narração foi feita há milhares de anos. Entretanto, sabe-se que o Momento de Referência é ainda anterior ao Momento de Fala, pois o narrador descreve os eventos sempre no pretérito. Apenas nas ocorrências de Discurso Direto é que as sentenças ocorreram em tempos como o Presente do Indicativo, contudo fica evidente que o Momento de Fala do narrador é posterior ao Momento de Referência e ao Momento do Evento, pois ele descreve as falas das personagens após utilizar verbos de fala no pretérito perfeito, como ocorre no versículo 9, do primeiro capítulo de Jonas, tanto na NVI, quanto na ARC, como se pode ver a seguir:

Jonas 1.9 (NVI): Ele **respondeu**: "Eu **sou** hebreu, adorador do Senhor, o Deus dos céus, que fez o mar e a terra".

Jonas 1.9 (ARC): E ele lhes **disse**: Eu **sou** hebreu e temo ao Senhor, o Deus do céu, que fez o mar e a terra seca.

Nessa parte da narrativa, temos claramente a noção de que o MR é anterior ao MF, pois o narrador utiliza verbos no pretérito perfeito “respondeu” e “disse” para relatar o que houve na história. O verbo que aparece no presente do indicativo em ambas as versões, “sou”, que faz parte do Discurso

Direto, apresenta o MF, o MR e o Momento do Evento simultâneos, pois para a personagem são iguais, mas não para o narrador. Devido a essa particularidade de ME, MR e MF do Discurso Direto, mais para frente em nossa análise, optamos por desconsiderar os resultados TAM da categoria Discurso Direto.

Bechara (2014) cita os três grandes tempos verbais: presente, pretérito e futuro. O pretérito é subdividido em três: pretérito imperfeito, pretérito perfeito e pretérito mais-que-perfeito. O futuro é subdividido em dois: futuro do presente e futuro do pretérito. Alguns desses tempos implicam modos diferentes, como o futuro do pretérito que indica modalidade condicional (Bechara, 2014, p.58). Contudo, o enfoque será apenas na descrição de cada um desses tempos nesta seção, a modalidade será discorrida na seção denominada 3.2.3 MODO.

O tempo verbal presente pode indicar fatos ocorridos no momento de fala, verdades universais ou rotinas. A indicação de ação no momento da fala não é frequentemente feita com o uso do tempo presente simples, como ocorre, por exemplo, nas narrações de jogos de futebol, quando o narrador descreve os eventos no momento em que ocorrem utilizando o tempo verbal presente (“o jogador passa a bola”, “o atacante corre”, “o zagueiro dribla”). As ações que ocorrem simultaneamente ao momento de fala, em que temos MF = ME, geralmente são enunciadas por meio de locução verbal “estar (no presente, flexionado na pessoa verbal devida) + verbo da ação (no gerúndio, se tornando o verbo lexical, mas não mais gramatical)”. Dessa forma, a indicação da referência temporal simultânea à fala ocorre no primeiro verbo, “estar”, flexionado no presente. Nas demais situações indicativas de verdades universais ou rotinas, o verbo aparece normalmente no presente simples, não perifrástico, por exemplo, “a terra é redonda” indica uma verdade universal, e “faço academia” indica uma rotina do falante. Não faz sentido usar locuções, como “a terra está sendo redonda”, para indicar verdades universais, e para indicar rotina sem demonstrar há quanto tempo ocorre essa situação rotineira, como em “estou fazendo academia”, que parece estar muito mais ligado a uma ação em que MF = ME, ao invés de uma ação que tem ocorrido há algum tempo.

Conforme expostos antes, o tempo presente apareceu apenas em falas de personagens, que entraram para a categoria Discurso Direto, como se pode ver nos exemplos abaixo.

NVI D14 “quem é o responsável por esta calamidade?” Presente do Indicativo.

ARC D31 “Ah! Senhor! Nós te rogamos!” Presente do Indicativo.

O tempo verbal pretérito, ligado à referência a eventos passados, como falado acima, se subdivide em: pretérito imperfeito, pretérito perfeito e pretérito mais-que-perfeito. O pretérito imperfeito normalmente indica ações rotineiras no passado ou situações em que houve uma extensão temporal, ou seja, não foram pontuais. Exemplos de verbos no pretérito são “eu fazia natação”, “eu comia um biscoito quando chegou com um bolo”. O pretérito perfeito geralmente está ligado a eventos iniciados e terminados, e muitas vezes trata-se de ações pontuais, como em “eu estudei por três anos”, “eu comi um biscoito”. O pretérito mais-que-perfeito, como já tratado antes, envolve uma separação do MR e do ME, ambos no passado, e indica uma ação no passado que veio a ocorrer antes de outra ação que também ocorre no passado, ME anterior a MR, mais exemplos são “eu estudara muito para fazer o teste”, “ele tinha comido todo o lanche quando seu irmão chegou”. Como esperado, o Fundo narrativo da narrativa de Jonas apresentou diversidade temporal com ocorrência dos três tipos de pretérito:

NVI B10 “Mas não conseguiram,” Pretérito Perfeito do Indicativo.

ARC B2 “e clamava cada um ao seu deus,” Pretérito Imperfeito do Indicativo.

ARC B10 “porque ele lho tinha declarado.” Pretérito mais-que-perfeito do Indicativo.

O tempo verbal futuro apresenta duas possibilidades: futuro do presente e futuro do pretérito. O futuro do presente, como o próprio nome indica, trata de ações que acontecerão posteriormente ao momento de referência que pode ser igual ou não ao momento de fala, ou seja, o futuro do presente pode consistir em ME posterior a MR e MF, e MR = MF, como em “eu viajarei”, ou o futuro do presente pode consistir em ME posterior a MR e MF, e MR posterior a MF, por exemplo, “quando você chegar em casa, eu decidirei”. No futuro do pretérito, o Momento de Referência pode ser anterior ao Momento de Fala, mas o Momento do Evento é posterior ao Momento de Referência, podendo o ME e o MF ser simultâneos ou não. No exemplo “eu teria viajado no natal do ano passado, mas desisti”, o MF é posterior ao ME e ao MR, o Momento de Referência é anterior ao Momento de Evento, pois o falante desistiu (MR) antes de viajar (ME). O

futuro do pretérito também pode apresentar MR posterior ao MF, como em “eu viajaria pra Disney ano que vem, mas desisti da ideia”.

Mais uma vez, nos textos bíblicos de Jonas, apenas a categoria de Discurso Direto abrigou tempos como o Futuro do Presente.

NVI D 26 “e ele se acalmará.” Futuro do Presente do Indicativo.

ARC D24 “Que te faremos nós,” Futuro do Presente do Indicativo.

Ilari e Basso (2014) também apontam o tempo futuro perfeito, que consiste em Momento de Evento posterior ao Momento de Fala, mas o Momento de Fala é anterior ao Momento de Referência, mesma formação que o futuro do pretérito pode ter, mas no futuro perfeito há a noção de completamento da ação, como em “em dois anos, eu terei me formado”.

Esse exemplo, do futuro perfeito, apresenta os elementos “em dois anos” indicando claramente o MR. A sentença no futuro perfeito sem esses elementos indicadores do MR ficaria referencialmente incompleta: “eu terei me formado” leva o interlocutor a questionar “quando?”. Percebe-se que em alguns momentos, elementos extra-verbais podem auxiliar atuando como MR. Ilari e Basso dissertam que “a localização de eventos no tempo não é dada apenas pelos chamados “tempos do verbo”, mas, sim, pelo uso combinado das formas do verbo com vários tipos de modificador e operador (adjuntos adverbiais, auxiliares, datas, etc.)” (ILAR; BASSO, 2014, p.134, 135). Dessa forma, fica claro que toda a sentença precisa ser considerada para que o tempo verbal seja claramente classificado.

3.2.2 ASPECTO

O aspecto está ligado às noções de completamento da ação indicada no verbo da oração. Em resumo, entende-se o aspecto Perfectivo como aquele que se encontra em unidades oracionais cujos verbos estão indicando completamento da ação. Entende-se por aspecto Imperfectivo aquele que se encontra em unidades oracionais cujos verbos, da maneira que são retratados, não parecem demonstrar completamento ou fim da ação. Há ainda, um terceiro aspecto, contextualmente mais

específico, que é o aspecto Perfeito. Há autores que não enxergam esse terceiro como um aspecto propriamente dito, mas uma marcação ‘tempo-aspectual’. O aspecto perfeito está ligado a ações que necessariamente se completaram antes de outras ações também indicadas na unidade oracional em que se encontram.

Ilari e Basso (2014) direcionam a escolha aspectual ao enunciador da oração, para eles, o aspecto é definido pela maneira como o falante escolhe expressar e recortar o evento que irá descrever:

Por definição, o aspecto não tem nada de dêitico; expressa, ao contrário, uma opção do falante no sentido de representar o estado de coisas representado pelo verbo segundo uma perspectiva (na palavra *aspecto* está presente a raiz indo-europeia *spek*, a mesma que encontramos em *perspectiva*) que permite considerá-lo em bloco, ou em parte, isto é, numa de suas fases. O caso mais típico de oposição aspectual, em português moderno, é o que se estabelece entre o imperfeito e o perfeito do indicativo (...) (ILARI; BASSO, 2014, p.68,69).

Completando essa noção de que o aspecto seja determinado pela visão do falante sobre o evento que descreve, pode-se citar Comrie (1976) ao dizer sobre a distinção entre aspecto perfectivo e aspecto imperfectivo que “a perfectividade indica a visão de uma situação como um todo único, sem distinção das várias fases separadas que constituem essa situação; enquanto o imperfectivo presta atenção essencial à estrutura interna da situação”²⁴ (COMRIE, 1976, p.16).

Pode-se perceber que o aspecto é definido a partir da visão que o falante quer ou é capaz de passar do evento que descreve. Briston define o aspecto semelhantemente: “o ponto de vista de um evento, ou o “aspecto” sob o qual ele é considerado, basicamente se ele é visto como completo e integral (**aspecto perfectivo**) ou como incompleto e permanente (**aspecto imperfectivo**)”²⁵ (BRISTON, 2010, p.127).

Bechara (2014) lembra que o aspecto pode estar definido no verbo auxiliar de uma perífrase verbal. O autor diz que muitas vezes “o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*” (BECHARA, 20014, p.63). Dessa forma, em perífrases verbais, o verbo gramatical, que é o primeiro verbo da locução, seguido do verbo lexical,

²⁴ “perfectivity indicates the view of a situation as a single whole, without distinction of the various separate phases that make up that situation; while the imperfective pays essential attention to the internal structure of the situation” (COMRIE, 1976, p.16).

²⁵ “the view taken of an event, or the “aspect” under which it is considered, basically whether it is seen as complete and whole (**perfective aspect**) or as incomplete and ongoing (**imperfective aspect**)” (BRISTON, 2010, p.127).

é aquele que receberá as informações de aspectualidade verbal. Por exemplo, a distinção aspectual entre “ela acabou chegando” e “ela acabará chegando” é definida pelos verbos auxiliares “acabou” (perfectivo) e “acabará” (imperfectivo).

Silveira (1994), da mesma forma que Hopper (1979) já havia apontado, afirma que, em narrativas, um “novo fato só é apresentado quando o que o antecede é completado. Entretanto, no Fundo, os fatos são vistos como inacabados - as ações, em sua caracterizadas como imperfectivas” (SILVEIRA, 1994, p.31). O que podemos alegar aqui é que as sentenças de Figura narrativa, para que haja a noção de sequencialidade temporal dos eventos que descrevem, são formadas no aspecto perfectivo. Já sentenças de Fundo narrativo tendem a ser formadas no aspecto imperfectivo. Contudo, o Fundo também pode apresentar sentenças no aspecto perfectivo, como as sentenças subordinadas, e ainda pode conter sentenças no aspecto perfeito, como veremos mais à frente.

É possível ver essa distinção aspectual entre Figura e Fundo na narrativa de Jonas. O versículo 5 do primeiro capítulo de Jonas na NVI demonstra essa diferença de aspectos e planos discursivos:

Jonas 1.5 (NVI): “**Todos os marinheiros ficaram com medo** e cada um clamava ao seu próprio deus. **E atiraram as cargas ao mar** para tornar mais leve o navio. Enquanto isso, Jonas, que tinha descido para o porão e se deitado, dormia profundamente.”

As unidades em negrito compõem a Figura narrativa e apresentam verbos no aspecto perfectivo, com ações terminadas e sequenciais. Já as outras unidades do versículo apresentam aspectos diferentes. Em “cada um clamava ao seu próprio Deus”, não há indicação de completamento da ação, portanto, define-se como aspecto imperfectivo. Já em “Jonas, que tinha descido ao porão e se deitado” há indicação de que a ação não só está completa, como também ela terminou antes de outra que também aconteceu mas não fora completada, no caso, essa ação foi representada pelo verbo “dormia”. O que se entende então, é que no final do versículo, nessas sentenças de Fundo narrativo, há presença do aspecto perfeito em “tinha descido” e “[tinha] se deitado”, e também do aspecto imperfectivo em “dormia”.

A ênfase nos estudos aspectuais é normalmente dada à distinção: perfectivo x imperfectivo. Comrie (1976) aponta alguns erros na percepção do que define o aspecto perfectivo. Dois erros salientes e relacionados com nossa análise neste trabalho são:

- Formas perfectivas indicam situações de curta duração, enquanto as imperfectivas indicam situações de longa duração²⁶. (COMRIE, 1976, p.16).

Exemplos como “eu vivi por 30 anos ali” (aspecto perfectivo) e “eu escovava os dentes quando você chegou” (aspecto imperfectivo) comprovam que, justamente ao contrário do que alguns acreditam, o aspecto perfectivo pode tratar de situações de longa duração, enquanto que o aspecto imperfectivo pode tratar de situações de curta duração.

- O uso do perfectivo é feito para indicar especificamente o fim da ação. (COMRIE, 1976, p.18).

Comrie explica que o uso do perfectivo não quer dizer que o foco está na terminação do evento, no fim da ação, mas sim na ação apresentada como um todo²⁷. (COMRIE, 1976, p.18). Quando estão contrastados em um texto, o uso do perfectivo com o uso do imperfectivo, é que se pode inferir que o foco na sentença perfectiva está na terminação, na completude do evento, já que este uso perfectivo está em oposição a um evento inacabado presente na unidade oracional imperfectiva que o acompanha²⁸. Entretanto, no caso de narrativas, muitas vezes o uso do aspecto perfectivo é definido justamente para indicar o fim e a sequenciação dos eventos de Figura narrativa em contraste com os eventos não sequenciados temporalmente do Fundo narrativo.

Hopper (1979), apesar do que Comrie (1976) aponta sobre perfectividade x imperfectividade, de que formas perfectivas não necessariamente indicam situações de curta duração, enquanto as imperfectivas também não necessariamente indicam situações de longa duração, atesta que, em narrativas, as sentenças de Figura tendem a apresentar mais verbos pontuais do que durativos ou iterativos, de repetição. Isso deve ao fato de esse plano discursivo ser mais

²⁶ “It is sometimes claimed that perfective forms indicate situations of short duration, while imperfective forms indicate situations of long duration.” (COMRIE, 1976, p.16).

²⁷ “A very frequent characterisation of perfectivity is that it indicates a completed action. One should note that the word at issue in this definition is 'completed', not 'complete': despite the formal similarity between the two words, there is an important semantic distinction which turns out to be crucial in discussing aspect. The perfective does indeed denote a complete situation, with beginning, middle, and end. The use of 'completed', however, puts too much emphasis on the termination of the situation, whereas the use of the perfective puts no more emphasis, necessarily, on the end of a situation than on any other part of the situation, rather all parts of the situation are presented as a single whole.” (COMRIE, 1976, p.18).

²⁸ “Indicating the end of a situation is at best only one of the possible meanings of a perfective form, certainly not its defining feature. A perfective form often indicates the completion of a situation when it is explicitly contrasted with an imperfective form: since the imperfective indicates a situation in progress, and since the perfective indicates a situation which has an end, the only new semantic element introduced by the perfective is that of the termination of the situation” (COMRIE, 1976, p.19).

saliente, além disso, a sequenciação dos eventos pede que um evento se encerre para que o outro aconteça, e também porque as sentenças de Figura geralmente se referem a eventos que são dinâmicos e ativos (HOPPER, 1979, p.215). Ilari e Basso (2014) dizem que “um dos efeitos do uso do perfeito é criar a expectativa de que os processos referidos em sequência linear do texto sejam representados como sucessivos no tempo” (ILARI; BASSO, 2014, p.183), nesse caso por *perfeito* entenda-se a referência ao tempo pretérito perfeito, que toma o aspecto perfectivo, a referência não é ao aspecto perfeito.

Hopper apresenta as principais diferenças entre Figura e Fundo distinguindo esses planos em aspecto perfectivo e aspecto imperfectivo respectivamente (HOPPER, 1979, p.216):

- O aspecto perfectivo apresenta sequenciamento cronológico, enquanto o aspecto imperfectivo apresenta simultaneidade ou sobreposição cronológica dos eventos.
- No aspecto perfectivo, há a visão do evento como um todo, o completamento desse evento é necessário para o evento subsequente ocorrer. No aspecto imperfectivo, há a visão de uma situação, de um estado, ou de um acontecimento, cujo completamento não é necessário para o próximo evento ocorrer.
- Há identidade de sujeito em um episódio de eventos relatados por meio de sentenças perfectivas, enquanto, em sentenças imperfectivas, há frequente troca de sujeitos.
- As sentenças perfectivas normalmente não apresentam distribuição de foco marcada, o tema normalmente é o sujeito, e o rema, o predicado. Isso não ocorre sempre em sentenças imperfectivas, que podem apresentar foco ora no sujeito, ora no verbo, ora no adjunto adverbial, etc.
- Normalmente, os sujeitos, em sentenças perfectivas, são humanos, enquanto, nas imperfectivas, há variedade, incluindo fenômenos da natureza.
- No aspecto perfectivo, os eventos são dinâmicos, cinéticos, e no aspecto imperfectivo, os eventos tratam-se de situações descritivas ou estado.
- O aspecto perfectivo está na Figura narrativa, indispensável à narrativa. O aspecto imperfectivo está no Fundo narrativo, que descreve estado ou situação necessária para a compreensão de motivos, atitudes, etc. na narrativa.

- Entre aspecto perfectivo e aspecto imperfectivo, considerando-os como uma distinção entre Figura e Fundo, pode-se encontrar que o perfectivo se apresenta no modo *realis* e o imperfectivo pode apresentar modo *irrealis*.

Apesar de haver ênfase na distinção entre aspecto perfectivo e aspecto imperfectivo como marcadores de sentenças de Figura narrativa e de sentenças de Fundo narrativo, respectivamente, é relevante tratar aqui também do aspecto perfeito. O aspecto perfeito pode ocorrer no plano discursivo Fundo, trazendo informações que podem explicar razões, causas, desdobramentos de ações da Figura narrativa. Esse aspecto pode atuar dessa forma, pois trata de ações ocorridas necessariamente anteriormente a outra ação.

Givón (2001) descreve o aspecto perfeito da seguinte forma:

O perfeito é funcionalmente o aspecto gramatical mais complexo e mais sutil. Trata-se de quatro características cujo agrupamento na mesma forma é natural e bastante comum, mas de modo algum universal. Em determinadas línguas, encontram-se várias características do perfeito separadas umas das outras e agrupadas com outros aspectos do tempo, como o passado, o passado recente, o imediato/vívido ou o presente progressivo. As quatro características do perfeito são: anterioridade; perfectividade; contra-sequencialidade; relevância. (GIVÓN, 2001, p. 293).

Como Givón discorre, o aspecto perfeito não é necessariamente igual em todas as línguas. No Português, esse aspecto é evidente no tempo pretérito mais-que-perfeito, como em “seus pais chegaram, mas ele já saíra”, e no tempo futuro perfeito, por exemplo, “ele terá se formado daqui a dois anos”.

Brinton afirma que

Tanto o significado como a categorização das outras perífrases em inglês, o **perfeito**, consistindo em “have + o particípio passado”, colocam dificuldades para os estudiosos. No entanto, é amplamente aceito que o perfeito é uma categoria de aspecto (ao invés de uma categoria de tempo) e que esta categoria apresenta a “relevância atual” de um evento passado. O evento passado é relevante quer pela sua continuação no presente, quer pelos seus resultados no presente²⁹. (BRINTON, 2010, p.127).

²⁹ Both the meaning and categorization of the other periphrasis in English, the **perfect**, consisting of have + the past participle, pose difficulties for scholars. However, it is widely agreed that the perfect is an aspect category (rather than

No caso do Português, o pretérito mais-que-perfeito não se apresenta necessariamente em uma perífrase verbal como “ele tinha ido embora, quando ela chegou”, mas pode-se apresentar na forma sintética “ele fora embora, quando ela chegou”. Contudo, permanece a noção de que o pretérito mais-que-perfeito, que abriga o aspecto perfeito, quando usado, apresenta relevância atual para os eventos que foram descritos juntamente a ele. O evento descrito no aspecto perfeito normalmente tem algum impacto no outro evento descrito, ou outros eventos descritos, junto ao evento da sentença no pretérito mais-que-perfeito.

Ao retomar as quatro características do aspecto perfeito indicadas por Givón (2001), a saber, anterioridade, perfectividade, contra-sequencialidade, relevância, a tarefa de perceber esse aspecto separadamente dos outros aspectos fica mais simples. Por anterioridade, entende-se que o aspecto perfeito está em unidades oracionais que estão sempre anteriores há um Momento de Referência estabelecido, tanto em verbos no pretérito, quanto em verbos no futuro. Por perfectividade, entende-se que o aspecto perfeito apresenta eventos completos antes de um Momento de Referência, essa noção de evento completo pode vir pela clara exposição do MR quanto pela noção de perfectividade do verbo utilizado. A características de contra-sequencialidade do aspecto perfeito pode ser percebida quando se elencam uma descrição de vários eventos passados utilizando-se o pretérito perfeito e, como um dos eventos elencados, usa-se também o pretérito mais-que-perfeito. A contra-sequencialidade é vista, pois a sentença em pretérito mais-que-perfeito claramente não descreve eventos que ocorreram em sequência temporal como os outros eventos descritos em pretérito perfeito. Por relevância, entende-se que os eventos descritos no aspecto perfeito apresentam relevância tardia, relevância pós Momento de Evento. A relevância do evento descrito no aspecto perfeito está no Momento de Referência, pois esse evento afeta ou o MR ou os eventos descritos como ocorridos no MR.

Em geral, neste trabalho a expectativa que se tem é que as sentenças de Figura narrativa apresentarão aspecto perfectivo, enquanto as sentenças de Fundo narrativo poderão apresentar os três aspectos demonstrados, perfectivo, imperfectivo, perfeito, em contextos diferentes. A maior parte de sentenças de Fundo, pelo que se estudou até aqui, apresenta aspectualidade imperfectiva,

a tense category) and that it presents the “current relevance” of a past event. The past event is relevant either by its continuation into the present or by its results in the present. (BRINTON, 2010, p.127)

contudo, sentenças encaixadas ou subordinadas podem apresentar aspectualidade perfectiva, e sentenças fora da sequência temporal narrativa podem apresentar aspecto perfeito.

3.2.3 MODO

O modo verbal trata da questão da factualidade das proposições. Ilari e Basso (2014) esclarecem que o modo se refere “ao tipo de compromisso que o falante assume quanto à veracidade das informações que transmite, no mundo em que interpretamos habitualmente os enunciados linguísticos” (ILARI; BASSO, 2014, p.69). Dependendo do modo adotado, demonstra-se que uma unidade oracional aborda algo que, para quem a enuncia, é fato, ou algo que definitivamente não ocorreu, ou algo que não se pode afirmar ser fato ou ter ocorrido. Os autores explicam:

Afirmar e negar são operações cognitivas que realizamos a propósito de uma proposição, sem necessariamente comprometer-nos com sua verdade ou falsidade (realizamos essas operações, por exemplo, sempre que fazemos suposições, e o importante é que podemos supor que as proposições são verdadeiras ou falsas). Assertamos uma proposição (em sua forma afirmativa ou negativa) quando a declaramos verdadeira, comprometendo-nos com essa verdade. É esse compromisso que dá à asserção seu caráter de ato de fala, e que a distingue de outros atos de fala possíveis, como perguntar e ordenar). (ILARI, 2014, p.220).

É o modo que indica as possibilidades de factualidade dos eventos descritos: certeza, dúvida, possibilidade, condição. O falante consegue utilizar de mecanismos linguísticos para controlar seu comprometimento assertivo com os eventos que descreve. Exemplos “se não me engano”, “haveria possivelmente”, “deve ter atendido” (ILARI; BASSO, 2014, p.220 e 221), a esse enfraquecimento do comprometimento chama-se modalização do que é dito.

Cabe aqui fazer a distinção de duas possíveis maneiras de uso da palavra modo. Por modo, pode-se fazer referência aos três grandes modos verbais Indicativo, Subjuntivo e Imperativo, bem como, a referência pode ser ao compromisso do falante com a factualidade de sua proposição, modo *realis* ou modo *irrealis*. São duas possibilidades distintas, mas que estão de certa forma conectadas.

Bechara descreve os modos verbais:

Os modos do verbo são, conforme a posição do falante em face da relação entre ação verbal e seu agente, os seguintes: **Indicativo** – Em referência a fatos verossímeis ou tidos como tais: *canto, cantei, cantava, cantarei*. **Subjuntivo (conjuntivo)** – Em referência a fatos incertos: talvez *cante, se cantasse*. **Condicional** – Em referência a fatos dependentes de certa condição: *cantaria*. **Optativo** – Em relação à ação como desejada pelo agente: “E *viva* eu cá na terra sempre triste.” [LC]. **Imperativo** – Em relação a um ato que se exige do agente: *cantai*. (BECHARA, 2014, p.59).

É importante notar que o autor coloca formas como *cantaria*, que são classificadas no tempo futuro do pretérito, e, portanto, para a Norma Gramatical Brasileira, forma do modo Indicativo, como parte do modo “Condicional”³⁰. Também foi apontado o modo “Optativo”, definido pelo sentido de desejo do falante, contudo, este modo pode ser visto como parte do modo Subjuntivo, inclusive, ele abrigará normalmente as mesmas flexões que o subjuntivo, modo das hipóteses.

Apesar de haver essa distinção modal, no uso da língua há a possibilidade de utilizar outros elementos, ao invés da conjugação verbal, para indicar factualidade ou falta dela. Por exemplo, ao se dizer “ele quer saber se eu canto”, o verbo cantar está conjugado no modo indicativo, o modo da certeza e de eventos tomados como certos, contudo, a subordinação da unidade oracional “se eu canto”, feita por meio da conjunção “se”, demonstra que essa unidade oracional não trata de eventos certos, factíveis, mas sim de uma hipótese, ou possibilidade. Portanto, compreende-se que o Modo que indica o compromisso do falante com a factualidade do que diz pode ser considerado em alguns momentos elemento extra-verbal, como o caso da conjunção “se” acima descrito.

Essa outra possibilidade de interpretação da palavra modo, que não é tão distinta da primeira possibilidade, baseada em traços morfológicos do verbo, apontada até aqui, é a de se tratar da dicotomia *realis x irrealis*. O modo *realis* é o modo dos fatos, o enunciador apresenta o conteúdo da unidade oracional como verdadeiro. Ressalta-se aqui que unidades oracionais com valor de negação não são classificadas com o modo *realis*, pois se trata da negação de um evento, ao invés da afirmação de um fato. O modo *irrealis*, por sua vez, trata das possibilidades, hipóteses, desejos, expectativas, e negações.

A partir dessa segunda noção de modalidade, qualquer modo verbal, indicativo, subjuntivo ou imperativo, pode ser apresentado no modo *irrealis*, por meio do uso de termo de negação ou

³⁰ Ilari e Basso explicam essa possibilidade do uso do modo Condicional, praticado por alguns gramáticos, pois o futuro do pretérito não trata de fatos, como trata, teoricamente, o modo Indicativo, ao qual pertence. (ILARI; BASSO, 2014, p.196).

possibilidade na unidade oracional, por exemplo, como ocorreu em NVI B10 “Mas não conseguiram”. Os modos verbais subjuntivo e imperativo já são naturalmente definidos como modos *irrealis*, pois não tratam de fatos, mas sim de hipóteses ou comandos. Dentro do modo indicativo, o tempo futuro do pretérito, considerado modo condicional por alguns gramáticos, e o tempo futuro do presente não podem ser compreendidos como modo *realis*. Isso é devido a esses dois tempos verbais do indicativo não tratarem de fatos. Mesmo que o uso desses dois tempos trate de certezas do falante, como ocorre em ARC D28 “e o mar se aquietará;”, ainda assim o modo é *irrealis*, pois o acontecimento ainda não foi realizado, ainda não é real, ou seja, *realis*.

Na análise feita neste trabalho de planos discursivos, o modo de cada sentença, seja de Figura, seja de Fundo, só é classificado por meio da avaliação de toda a unidade oracional, pois a modalidade pode ser indicada, como visto antes, por outros elementos além da morfologia do verbo em questão.

Descritas as categorias verbais Tempo, Aspecto e Modo, bem como o que compreendemos por planos discursivos, passamos agora para a descrição dos passos metodológicos que seguimos para realizar a análise deste trabalho.

4 METODOLOGIA

Para iniciar a definição de qual seria a Metodologia deste trabalho, realizamos antes uma análise piloto dos primeiros quatro versículos de Jonas em cada uma das versões aqui utilizadas. A análise dos versículos foi feita primeiramente dos versículos 1 e 2 do primeiro capítulo de Jonas, o qual denominaremos “Jonas 1”, nas duas versões Almeida Revista e Corrigida (ARC) e Nova Versão Internacional (NVI). Após contrastar as unidades de Figura em relação às unidades de Fundo narrativo dos primeiros quatro versículos de Jonas 1 nas duas versões analisadas, os verbos das unidades de Fundo narrativo foram classificados entre os três modos Indicativo, Subjuntivo e Imperativo e seus tempos, para que as versões ARC e NVI fossem comparadas. Também foi necessário observar se houve verbos semelhantes entre as duas versões nas mesmas unidades de Fundo narrativo. Essa breve análise dos verbos das unidades oracionais de Fundo nas duas versões ARC e NVI resultou nas tabelas 1, 2, e 3, que se encontra no Apêndice A (Tabelas comparativas da análise piloto) deste estudo.

As tabelas 1, 2, e 3 indicaram que houve equivalência dos verbos usados, ou seja, ambas versões apresentaram o mesmo item lexical, em apenas uma unidade oracional de Fundo. Em todas as outras doze ocorrências, houve verbos diferentes para tratar da mesma situação narrada. As tabelas também revelaram que duas vezes a NVI não apresentou unidade oracional relativa à unidade de Fundo da ARC, e uma vez aconteceu o inverso, a ARC não apresentou unidade oracional relativa e correspondente à unidade de Fundo da NVI. Em relação à classificação dos verbos quanto aos três modos Indicativo, Subjuntivo e Imperativo e seus tempos, houve diversidade: foram encontrados verbos no infinitivo, gerúndio, imperativo, pretérito perfeito do indicativo e pretérito imperfeito do indicativo. Das doze situações de Fundo narradas, cinco não apresentaram verbos com classificação equivalente entre as duas versões, por exemplo, no começo do versículo 3 de Jonas 1, houve Infinitivo em “para **fugir** de diante da face do Senhor para Társis.” (ARC) enquanto encontrou-se o Gerúndio na unidade equivalente da outra versão: “**dirigindo-se** para Társis” (NVI). Por sua vez, sete das doze situações de Fundo narradas apresentaram verbos com a mesma classificação em ambas as versões.

Os resultados gerais obtidos dessa análise piloto demonstraram que, nos dois primeiros versículos, as duas versões apresentaram semelhança de divisão de unidades oracionais de Figura e Fundo, portanto, as mesmas situações foram narradas como Figura e as mesmas situações foram

narradas como Fundo nas versões ARC e NVI. As falas foram consideradas como Fundo por se tratar de discurso direto. As outras sentenças de Fundo apresentaram verbo no gerúndio (ARC) ou então não apresentaram verbo, com em “com esta ordem, na NVI, equivalente ao verbo “dizendo” na ARC. Contudo, na nova análise feita, o trecho da NVI “com esta ordem” foi considerado parte da Figura narrativa.

A análise piloto do terceiro versículo de Jonas revelou diferença dos eventos apontados como Fundo entre as duas versões bíblicas. Reitera-se que a versão ARC pareceu apresentar maior fundidade nesse terceiro versículo por conter mais estruturas de Fundo que a versão NVI. Por fim, no quarto versículo do primeiro capítulo do livro, as duas versões apresentaram a mesma quantidade de unidades oracionais como Figura e de unidades como Fundo.

A partir desses resultados da análise piloto, os passos metodológicos definitivos da pesquisa foram criados e estabelecidos. A análise definitiva deste trabalho foi manual e introspectiva. Dessa forma, a metodologia deste trabalho, em linhas gerais, constitui-se na seleção dos textos bíblicos nas 2 versões selecionadas para o Português.

Foi feita, então, a análise detalhada das unidades oracionais em cada uma das versões bíblicas, separação entre material textual de Figura e material de Fundo, a observação das particularidades sintáticas dos dois planos discursivos, a separação dos níveis de fundidade em cada uma das versões bíblicas e a apreensão qualitativa do texto bíblico referente ao Fundo narrativo da história do livro de Jonas.

Na análise de dados, houve ainda atuação de um avaliador externo. Um membro experiente do grupo de pesquisa examinou os dados e classificou-os nas categorias utilizadas neste estudo. Essa dupla checagem foi necessária para garantir que houvesse confiabilidade externa à análise. Quando havia conflitos, um terceiro examinador era chamado para tentar resolvê-los. Ao final, houve uma concordância superior a 90% entre os avaliadores externos e a pesquisadora.

Para alcançar os objetivos desta pesquisa de avaliar se o padrão de disposição Figura-Fundo é semelhante ou diferente entre versões da Bíblia para a Língua Portuguesa; identificar se há mais ocorrências de graus de fundidade em uma versão do que em outra; e discutir a repercussão das possíveis diferenças entre as versões para o entendimento do texto bíblico, objetivos ligados à análise dos planos discursivos em narrativa bíblica, foram tomados oito passos, conforme descrito mais à frente.

Primeiramente, para avaliar cada uma das versões, foi necessário acessar o texto de Jonas nas edições impressas da versão bíblica Almeida Revista e Corrigida (ARC), de 1995, e da Nova Versão Internacional (NVI), de 2000. A versão ARC utilizada foi publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil. A versão NVI utilizada foi publicada pela Editora Vida. Os textos do primeiro capítulo de Jonas em cada uma das versões podem ser encontrados completos nos Anexos 1 e 2.

Realizou-se análise qualitativa e interpretativa dos planos discursivos em narrativa bíblica³¹ em cada uma das versões bíblicas escolhidas. Apenas o primeiro capítulo do livro, este formado por quatro capítulos em seu total, foi analisado. O primeiro capítulo da narrativa se mostrou suficiente para nossa análise, pois apresentou as personagens principais, o conflito que fez a narrativa se desenrolar, a resolução para esse primeiro conflito, e dois dos três principais cenários da história de Jonas. Dessa forma, todos esses elementos citados foram compostos de sentenças de Figura, desenrolando a linha dos eventos principais, bem como de sentenças de Fundo, trazendo comentários e informações adjuntas ao esqueleto narrativo. Não buscamos analisar elementos da narrativa como avaliação e coda, propostos por Labov e Waletzky (1967), por não estarmos lidando com narrativa propriamente oral e criada em um contexto de conversação informal.

Nesta dissertação, ao analisar o primeiro capítulo da história de Jonas, trabalhamos mais especificamente com a narração da ruptura no estado esperado das coisas, ou seja, com o conflito inicial da história. Houve a presença de uma resolução para o conflito inicial, mas, claramente a história bíblica continua, já que o primeiro capítulo se encerra com a construção de um segundo conflito para o personagem principal; o enclausuramento dentro de um grande peixe. Não houve, por conseguinte, análise da coda da narração de Jonas, pois não trabalhamos com o último capítulo do livro.

Por isso, como segundo passo metodológico, por meio de tabela, as sentenças de Figura, que desenrolaram os eventos do esqueleto da narrativa em todo o primeiro capítulo de Jonas nas versões bíblicas, foram destacadas em todo o texto. As estruturas de Figura narrativa foram editadas em negrito. A cada nova sentença de Figura narrativa, separava-se o texto em uma nova linha da tabela. O excerto 2 traz uma parte da Tabela 4 abaixo, apresentando exemplos da evidenciação das estruturas de Figura na versão NVI, a tabela completa encontra-se no Apêndice B (Separação dos planos discursivos das versões bíblicas).

³¹ Citando novamente, Furtado da Cunha e Bispo, o “aspecto qualitativo diz respeito ao caráter descritivo e interpretativo da análise e ao enfoque indutivo baseado na observação das amostras coletadas” (2013, p.57).

Excerto 2 – Parte da Tabela 4 – Figura narrativa

Numeração das sentenças de Figura	Texto + Sentenças de FIGURA destacadas em negrito
1 ^a	A palavra do SENHOR <u>veio</u> a Jonas, filho de Amitai, com esta ordem: "Vá depressa à grande cidade de Nínive e pregue contra ela, porque a sua maldade subiu até a minha presença".
2 ^a	Mas Jonas <u>fugiu</u> da presença do SENHOR, dirigindo-se para Társis.
11 ^a	Então os marinheiros <u>combinaram</u> entre si: "Vamos lançar sortes para descobrir quem é o responsável por esta desgraça que se abateu sobre nós".
12 ^a	<u>Lançaram</u> sortes,
13 ^a	e a sorte <u>caiu</u> sobre Jonas.
14 ^a	Por isso lhe <u>perguntaram:</u> "Diga-nos, quem é o responsável por esta calamidade? Qual é a sua profissão? De onde você vem? Qual é a sua terra? A que povo você pertence? "

Semelhantemente, o excerto 3 abaixo traz parte da Tabela 5, completa no Apêndice B, e apresenta exemplos da evidenciação das estruturas de Figura na versão ARC.

Excerto 3 – Parte da Tabela 5 – Figura narrativa - ARC

Numeração das sentenças de Figura	Texto + Figura Narrativa em negrito
1 ^a	E <u>veio</u> a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai , dizendo: Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim.
2	E Jonas se <u>levantou</u> para fugir de diante da face do Senhor para Társis;
13 ^a	E <u>lançaram</u> sortes,
14 ^a	e a sorte <u>caiu</u> sobre Jonas.
15 ^a	Então, <u>lhe disseram</u> : Declara-nos tu, agora, por que razão nos sobreveio este mal. Que ocupação é a tua? E donde vens? Qual é a tua terra? E de que povo és tu?

O critério para definir quais eram as sentenças Figura foi extraído a partir das conclusões de Hopper (1979), Hopper e Thompson (1980), Reinhart (1982), Silveira (1990), Azevedo (1995, 2005). Foram consideradas como Figura as unidades oracionais sintaticamente independentes e constituídas por verbo conjugado no indicativo, tempo pretérito perfeito, aspecto perfectivo e modo *realis*.

O terceiro passo consistiu na análise das sentenças restantes do texto do primeiro capítulo de Jonas, separando-as também por meio de tabela (Tabelas 6 e 7 no Apêndice B) nas três categorias seguintes: Fundo, Discurso Direto, e Categoria Intermediária.

As sentenças de cada um dos planos discursivos são delimitadas pela presença de uma unidade oracional (AZEVEDO, 2005, p.216). Para referências durante este trabalho, as sentenças de Figura foram denominadas pela letra F seguindo numeração crescente conforme ordem de aparecimento no texto bíblico, por exemplo, F1, F2, F3. Será possível conferir essa numeração na parte esquerda dos trechos das tabelas feitas abaixo. Semelhantemente, as sentenças de Fundo e as categorias secundárias receberam letra e numeração específicos para catalogação. Foram nomeadas pela letra C as sentenças da Categoria Intermediária; D, as sentenças de Discurso Direto; e B, as sentenças do Fundo narrativo “mais puro”. A letra “B” se deve à nomenclatura em Inglês de Fundo

narrativo, “Background”. Conforme se fez com as estruturas de Figura, essas três categorias também foram numeradas seguindo sua ordem de aparecimento no texto bíblico.

Para diferenciar as sentenças de cada uma das versões bíblicas, o nome das unidades oracionais foi precedido pela sigla de cada uma das versões, as sentenças encontradas na versão bíblica Almeida Revista e Corrigida (ARC) foram denominadas, portanto, ARC F1, ARC B1, e assim por diante. Da mesma forma, aconteceu com as sentenças da Nova Versão Internacional (NVI), como NVI F1, NVI B1, etc.

Os excertos 4 e 5 abaixo trazem parte das tabelas 6 e 7 que evidenciam a divisão das sentenças conforme sua classificação. As tabelas 6 e 7 completas podem ser encontradas no Apêndice B. Cada sentença ficou localizada em uma linha da tabela. A tabela seguiu o fluxo do texto e apresenta a ordenação de todas as suas sentenças seguida da classificação de cada sentença.

Excerto 4 – Parte da Tabela 6 – Sentenças de Figura, de Categoria Intermediária, de Fundo, e de Discurso Direto no texto bíblico de Jonas na NVI

Ordenação de todas as sentenças do texto	Nomenclatura das unidades oracionais	FIGURA	CATEGORIA INTERMEDIÁRIA	FUNDO	DISCURSO DIRETO
1º	NVI F1	A palavra do SENHOR <u>veio</u> a Jonas, filho de Amitai, com esta ordem:			
2º	NVI D1				" <u>Vá</u> depressa à grande cidade de Nínive
3º	NVI D2				e <u>pregue</u> contra ela,
4º	NVI D3				porque a sua maldade <u>subiu</u> até a minha presença".
5º	NVI F2	Mas Jonas <u>fugiu</u> da presença do SENHOR,			

6º	NVI C1		<u>dirigindo-se</u> para Társis.		
7º	NVI F3	<u>Desceu</u> à cidade de Jope,			
8º	NVI C2		onde <u>encontrou</u> um navio		
9º	NVI C3		que se <u>destinava</u> àquele porto.		

Excerto 5 – Parte da Tabela 7 – Sentenças de Figura, de Categoria Intermediária, de Fundo, e de Discurso Direto no texto bíblico de Jonas na ARC

Orde- nação de todas as sen- tenças do texto	Nomen- clatura das uni- dades oracio- nais	FIGURA	CATEGORIA INTERMEDIÁRIA	FUNDO	DISCURSO DIRETO
1º	ARC F1	E <u>veio</u> a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai,			
2º	ARC C1		dizendo		
3º	ARC D1				<u>Levanta-te,</u>
12º	ARC F4	<u>pagou</u> , pois, a sua passagem			
13º	ARC F5	e <u>desceu</u> para dentro dele			
14º	ARC C5		para <u>ir</u> com eles para Társis, de diante da face do Senhor.		
15º	ARC F6	Mas o Senhor <u>mandou</u> ao mar um grande vento,			
16º	ARC F7	e <u>fez-se</u> no mar uma grande tempestade,			

17°	ARC B1			e o navio <u>estava</u> <u>para quebrar-se.</u>	
-----	-----------	--	--	--	--

O quarto passo metodológico, envolvendo ainda observação e comparação das estruturas que pertencem à Figura narrativa e daquelas que pertencem ao Fundo, se desenvolveu pelo exame dos verbos das unidades oracionais (Azevedo, 1992, p.78) em relação a Tempo, Aspecto e Modo (TAM), por meio de montagem de tabelas categorizadoras para cada versão bíblica, NVI e ARC. As categorias secundárias (categoria intermediária e discurso direto) também foram examinadas, porém ainda separadamente das unidades oracionais de Fundo narrativo. Após essa análise dos verbos de todas as unidades oracionais, foi possível compreender quais são as ocorrências verbais mais frequentes nas estruturas de Figura, bem como nas estruturas de Fundo narrativo e categorias secundárias, em cada uma das versões bíblicas.

É importante relatar que, em momentos de dúvida na classificação dos verbos principalmente em relação ao aspecto verbal, recorremos às combinações que Azevedo (2005, p.95) encontrou em seu trabalho, como é possível ver abaixo:

- | | |
|---|----------------|
| 1- <i>Presente</i> (valor presente ou atemporal) | - Imperfectivo |
| 2- <i>Pretérito Perfeito</i> | - Perfectivo |
| 3- <i>Pretérito Imperfeito</i> | - Imperfectivo |
| 4- formas ou valores de <i>Futuro do Presente</i> e
<i>Futuro do Pretérito</i> | - Imperfectivo |
| 5- <i>Pretérito Mais-que-perfeito</i> | - Perfectivo |
| 6- <i>Infinitivo</i> | - Imperfectivo |
| 7- <i>Gerúndio</i> | - Imperfectivo |
| 8- formas ou valores de Imperativo | - Imperfectivo |
| 9- formas de Subjuntivo | - Imperfectivo |
| 10- <i>Presente</i> histórico | - Imperfectivo |

(AZEVEDO, 2005, p.95)

Os excertos 6 a 13 demonstram como a classificação dos verbos das unidades oracionais foi feita, a montagem das tabelas foi semelhante em todos os planos discursivos. Os excertos abaixo contêm parte das tabelas de análise das unidades oracionais de todas as categorias (Figura, Fundo, Categoria Intermediária, Discurso Direto) das versões NVI e ARC, respectivamente. As tabelas 9 a 16 completas podem ser encontradas nas seções 5.1 e 5.2, dentro da seção 5 ANÁLISE INICIAL E RESULTADOS, deste trabalho.

Excerto 6 – Parte da Tabela 9 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Figura de Jonas 1 na versão NVI

Nº	CONTEXTO	VERBO	TEMPO	ASPECTO	MODO
NVI F1	A palavra do SENHOR <u>veio</u> a Jonas, filho de Amitai, com esta ordem:	<u>veio</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F2	Mas Jonas <u>fugiu</u> da presença do SENHOR,	<u>fugiu</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>

Excerto 7 – Parte da Tabela 10 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Categoria Intermediária de Jonas 1 na versão NVI

Nº	CONTEXTO	VERBO	TEMPO	ASPECTO	MODO
NVI C2	onde <u>encontrou</u> um navio	<u>Encontrou</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI C3	que se <u>destinava</u> àquele porto.	<u>Destinava</u>	Pretérito imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>

Excerto 8 – Parte da Tabela 11 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Discurso Direto de Jonas 1 na versão NVI

Nº	CONTEXTO	VERBO	TEMPO	ASPECTO	MODO
NVI D11	quem <u>é</u> o responsável por esta desgraça	<u>é</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI D12	que [desgraça] se <u>abateu</u> sobre nós".	<u>abateu</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>

Excerto 9 – Parte da Tabela 12 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Fundo de Jonas 1 na versão NVI

Nº	CONTEXTO	VERBO	TEMPO	ASPECTO	MODO
NVI B2	e cada um <u>clamava</u> ao seu próprio deus.	<u>Clamava</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI B5	[Jonas] <u>dormia</u> profundamente	<u>Dormia</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>

Excerto 10 – Parte da Tabela 13 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Figura de Jonas 1 na versão ARC

Nº	CONTEXTO	VERBO	TEMPO	ASPECTO	MODO
ARC F1	E <u>veio</u> a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai,	<u>veio</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F2	E Jonas se <u>levantou</u>	<u>levantou</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>

Excerto 11 – Parte da Tabela 14 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Categoria Intermediária de Jonas 1 na versão ARC

Nº	CONTEXTO	VERBO	TEMPO	ASPECTO	MODO
ARC C4	que <u>ia</u> para Társis;	<u>ia</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC C6	para que <u>tragasse</u> a Jonas;	<u>tragasse</u>	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>

Excerto 12 – Parte da Tabela 15 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Discurso Direto de Jonas 1 na versão ARC

Nº	CONTEXTO	VERBO	TEMPO	ASPECTO	MOD O
ARC D4	porque a sua malícia <u>subiu</u> até mim.	<u>subiu</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC D5	Que <u>tens</u> , dormente?	<u>tens</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>

Excerto 13 – Parte da Tabela 16 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Fundo de Jonas 1 na versão ARC

Nº	CONTEXTO	VERBO	TEMPO	ASPECTO	MODO
ARC B1	e o navio <u>estava para</u> <u>quebrar-se</u> .	<u>estava para</u> <u>quebrar</u>	Pretérito imperfeito (locução verbal)	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B2	e <u>clamava</u> cada um ao seu deus,	<u>Clamava</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>

O quinto passo foi comparar os resultados numéricos de todas as quatro categorias das duas versões analisadas. Buscou-se averiguar se o número de unidades oracionais de Figura da ARC foi o mesmo número de unidades oracionais de Figura da NVI. Por conseguinte, averiguamos se havia correspondência numérica entre as unidades oracionais de Fundo narrativo entre as duas versões, bem como entre as unidades oracionais das categorias secundárias da ARC e da NVI.

O sexto passo foi analisar manualmente as ocorrências e padrões de Tempo, Aspecto e Modo em cada uma das versões, nas quatro categorias: Figura, Fundo, Categoria Intermediária e Discurso Direto. Foram tabelados os resultados, e gráficos puderam ser montados a fim de expor a porcentagem de ocorrência de cada tempo verbal em cada uma das versões, bem como a comparação numérica dos resultados de tipos Aspectuais e Modais foi apresentada a partir de cada versão bíblica.

O sétimo passo foi analisar apenas as estruturas de Fundo de cada uma das versões bíblicas. A partir deste passo metodológico, consideramos uma das categorias secundárias, a Categoria Intermediária, como parte integrante do Fundo narrativo, em parte em conformidade com o que

Azevedo (1992) fez. Entretanto, não consideramos a categoria secundária Discurso Direto como parte do Fundo narrativo para nossa análise por estar mais ligada ao campo da encenação (AZEVEDO, 2005) por parte do narrador do que como informação do plano discursivo Fundo, não auxiliando a análise dos aspectos formais caracterizadores de cada plano discursivo. Nessa nova análise, buscamos discriminar os níveis de fundidade presentes nas sentenças de Fundo encontradas tanto na versão ARC quanto na NVI.

Como oitavo passo metodológico, os resultados das análises do primeiro capítulo de Jonas em uma versão bíblica foram comparados aos resultados do primeiro capítulo da outra versão, de forma a evidenciar as estruturas dos planos discursivos de ambas as versões e fazer contraste do aparecimento de Figura e de Fundo em cada uma delas considerando a sua realização no sistema TAM. Também foram comparados os resultados sobre os níveis de fundidade encontrados nas duas versões.

A seguir, passamos para a análise mais específica dos dados e à discussão dos principais resultados encontrados, após perseguidos os oito passos descritos nesta seção.

5 ANÁLISE INICIAL E RESULTADOS

5.1 Comparação numérica das unidades oracionais entre as duas versões bíblicas

Para realizar a comparação das análises das duas versões bíblicas, é importante primeiro trazer os resultados numéricos das categorias dentro de cada versão. Dessa forma, temos a seguinte tabela:

Tabela 8 – Tabela comparativa das unidades oracionais da ARC e da NVI

Versão	Quantidade de unidades oracionais em FIGURA	Quantidade de unidades oracionais em FUNDO (Background)	Quantidade de unidades oracionais em Categoria Intermediária	Quantidade de unidades oracionais em Discurso Direto	Total de unidades oracionais sem considerar a Figura narrativa	Total de unidades oracionais de cada versão
NVI	27 (32%)	12 (14%)	9 (11%)	36 (43%)	=57 (68%)	=84
ARC	30 (34%)	17 (19%)	6 (7%)	35 (40%)	=58 (66%)	=88

Observa-se que a versão Almeida Revista e Corrigida apresentou, no total, quatro unidades oracionais a mais do que a Nova Versão Internacional. Analisando apenas os resultados da Figura narrativa, a ARC sobressai numericamente mais uma vez com três unidades oracionais a mais do que a NVI. Semelhantemente, a ARC apresenta cinco unidades oracionais de Fundo narrativo a mais do que a outra versão bíblica. Já nas categorias secundárias, a NVI apresenta maior quantidade numérica de unidades oracionais, tanto na Categoria Intermediária, com três unidades a mais, quanto na categoria de Discurso Direto, com uma unidade oracional a mais do que a ARC.

Até este ponto da análise é possível dizer que a versão Almeida Revista e Corrigida, apesar de apresentar 4 unidades oracionais a mais que a NVI, tem apenas uma unidade oracional a mais para ser analisada de fato em relação a Tempo, Aspecto e Modo verbais entre as três categorias Fundo e categorias secundárias, pois 3 das 4 unidades a mais, que estão na Figura narrativa, têm

resultados semelhantes à versão NVI, a saber, Tempo Pretérito Perfeito, Aspecto Perfectivo e Modo *Realis*.

Pela Tabela 8, ao considerarmos as categorias básicas e as categorias secundárias, é possível também depreender que a categoria Discurso Direto é a categoria mais expressiva numericamente em ambas as versões, com 43% de ocorrência no texto da NVI e 40% no texto da ARC. As unidades de Figura narrativa, que seriam justamente as orações narrativas, seguindo o raciocínio de Labov e Waletzky (1967), são a segunda categoria mais expressiva numericamente em ambas as versões bíblicas, com 32% de ocorrência na NVI e 34% na ARC.

Contudo, ao considerar as categorias secundárias junto à categoria de Fundo narrativo como um só grupo, como autores com Azevedo (2005) fizeram, as unidades oracionais de Figura deixam de ser tão expressivas numericamente, chegando a ser menor em quantidade de ocorrências do que a metade das ocorrências das outras categorias na versão NVI, que apresenta 57 unidades oracionais de Fundo e categorias secundárias e 27 unidades oracionais de Figura. Ainda é importante lembrar que, se considerarmos todas as unidades oracionais do Fundo e das categorias secundárias como um grupo, as versões apresentaram diferença de apenas uma unidade oracional a mais na versão ARC. Entretanto, percentualmente, a NVI ainda apresenta maior concentração de unidades de Fundo e categorias secundárias, com 68% das ocorrências, do que no texto da ARC, com 66% do texto preenchido por sentenças de Fundo e categorias intermediárias.

Após a coleta do primeiro capítulo de Jonas em cada umas versões bíblicas NVI e ARC, e após a separação entre as quatro categorias Figura, Discurso Direto, Fundo, Categoria Intermediária dos textos deste primeiro capítulo das duas versões, foi necessário analisar todas as unidades oracionais encontradas a partir do exame dos verbos dessas unidades (AZEVEDO, 1992, p.78) em relação a Tempo, Aspecto, e Modo (TAM). Retoma-se aqui que as sentenças de cada um dos planos discursivos são delimitadas pela presença de uma unidade oracional (AZEVEDO, 2005, p.216). Realizou-se, portanto, a montagem de oito tabelas, quatro de cada versão bíblica, como se exemplificou na metodologia. As tabelas montadas encontram-se abaixo.

5.2 Análise das unidades oracionais no capítulo 1 de Jonas na Nova Versão Internacional (NVI)

FIGURA – NVI

Tabela 9 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Figura de Jonas 1 na versão NVI

Nº	CONTEXTO	VERBO	TEMPO	ASPECTO	MODO
NVI F1	A palavra do SENHOR <u>veio</u> a Jonas, filho de Amitai, com esta ordem:	<u>veio</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F2	Mas Jonas <u>fugiu</u> da presença do SENHOR,	<u>fugiu</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F3	<u>Desceu</u> à cidade de Jope,	<u>Desceu</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F4	<u>embarcou</u> para Társis,	<u>embarcou</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F5	O Senhor, porém, <u>fez soprar</u> um forte vento sobre o mar,	<u>fez soprar</u>	Pretérito perfeito (locução verbal)	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F6	e <u>caiu</u> uma tempestade tão violenta	<u>caiu</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F7	Todos os marinheiros <u>ficaram</u> com medo	<u>ficaram</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F8	E <u>atiraram</u> as cargas ao mar	<u>atiraram</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F9	O capitão <u>dirigiu-se</u> a ele	<u>dirigiu</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F10	e [o capitão] <u>disse</u> :	<u>disse</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F11	Então os marinheiros <u>combinaram</u> entre si:	<u>combinaram</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F12	<u>Lançaram</u> sortes,	<u>Lançaram</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>

NVI F13	e a sorte <u>caiu</u> sobre Jonas.	<u>caiu</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F14	Por isso lhe <u>perguntaram</u> :	<u>perguntaram</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F15	Ele <u>respondeu</u> :	<u>respondeu</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F16	Então os homens <u>ficaram</u> apavorados	<u>ficaram</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F17	e [os homens] <u>perguntaram</u> :	<u>perguntaram</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F18	eles lhe <u>perguntaram</u> :	<u>perguntaram</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F19	<u>Respondeu</u> ele:	<u>Respondeu</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F20	Ao invés disso, os homens <u>se esforçaram</u> ao máximo	<u>esforçaram</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F21	Eles <u>clamaram</u> ao SENHOR:	<u>clamaram</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F22	Em seguida <u>pegaram</u> Jonas	<u>pegaram</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F23	e o <u>lançaram</u> ao mar enfurecido,	<u>lançaram</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F24	e este <u>se aquietou</u> .	<u>aquietou</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F25	os homens <u>adoraram</u> o SENHOR com temor,	<u>adoraram</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F26	O SENHOR <u>fez com que um grande peixe engolisse</u> Jonas,	“ <u>fez com que engolisse</u> ”	Pretérito perfeito (locução verbal causativa)	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI F27	e ele <u>ficou</u> dentro do peixe três dias e três noites.	<u>ficou</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>

ANÁLISE DA TABELA 9: Foram encontradas, no primeiro capítulo de Jonas na Nova Versão Internacional, um total de 27 unidades oracionais, definidas pela presença de um verbo, de Figura Narrativa. Todos os verbos dessas unidades nesse plano discursivo se apresentaram uniformes em relação às categorias verbais TAM. Os verbos se manifestaram no Tempo Pretérito Perfeito, no Aspecto Perfectivo, e no Modo Realis. Essa unanimidade de resultados condiz com a projeção de que a Figura narrativa se materializa em sentenças que contêm verbos formalmente semelhantes, que apresentam mesmo tempo, aspecto e modo. Além disso, num total de 84 unidades oracionais compondo por inteiro o texto de Jonas analisado da versão NVI, 27 unidades oracionais compõem uma das quatro categorias analisadas (Figura, Categoria Intermediária, Discurso Direto, Fundo), o que significa cerca de 32% do texto da narrativa. A relevância desse plano discursivo se mostra também numericamente, portanto.

CATEGORIA SECUNDÁRIA – CATEGORIA INTERMEDIÁRIA – NVI

Tabela 10 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Categoria Intermediária de Jonas 1 na versão NVI

Nº	CONTEXTO	<u>VERBO</u>	TEMPO	ASPECTO	MODO
NVI C1	dirigindo-se para Társis.	<u>Dirigindo</u>	Forma nominal: gerúndio	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI C2	onde encontrou um navio	<u>Encontrou</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI C3	que se destinava àquele porto.	<u>destinava</u>	Pretérito imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI C4	para fugir do Senhor.	<u>fugir</u>	Forma nominal: infinitivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI C5	que o barco ameaçava arrebentar-se.	<u>ameaçava arrebentar</u>	Pretérito Imperfeito (locução verbal)	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI C6	para tornar o navio mais leve.	<u>tornar</u>	Forma nominal: infinitivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI C7	para remar de volta à terra.	<u>remar</u>	Forma nominal: infinitivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>

NVI C8	oferecendo-lhe sacrifício	<u>oferecendo</u>	Forma nominal: gerúndio	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI C9	e fazendo-lhe votos.	<u>fazendo</u>	Forma nominal: gerúndio	Imperfectivo	<i>Realis</i>

ANÁLISE DA TABELA 10: No primeiro capítulo de Jonas na Nova Versão Internacional, houve um total de 9 unidades oracionais de Categoria Intermediária. Diferentemente das unidades oracionais de Figura narrativa, houve resultados de TAM diversos. Em relação ao Tempo, houve: 3 verbos na forma nominal Gerúndio, 3 verbos na forma nominal Infinitivo, 2 verbos no Pretérito Imperfeito, e 1 verbo no Pretérito Perfeito. Por outro lado, em relação ao Aspecto não houve tanta diversidade, percebeu-se predominância do Imperfectivo, com 8 ocorrências, 1 ocorrência do aspecto Perfectivo, e nenhuma do aspecto Perfeito. Em relação ao Modo, houve 6 ocorrências do modo *realis* e 3 do modo *irrealis* um terço das ocorrências nesta categoria apresentaram-se em modo *irrealis*. Num total de 84 unidades oracionais em toda a narrativa, 9 unidades representam cerca de 11% das ocorrências, encaixando-se como a categoria que menos ocorreu nessa versão bíblica.. Essa categoria intermediária, apesar de aparecer em menor número se comparada às 27 ocorrências de unidades oracionais de Figura narrativa, apresenta uma diversidade ainda maior de tempos e aspectos verbais, principalmente.

CATEGORIA SECUNDÁRIA – DISCURSO DIRETO – NVI

Tabela 11 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Discurso Direto de Jonas 1 na versão NVI

Nº	CONTEXTO	VERBO	TEMPO	ASPECTO	MODO
NVI D1	" <u>Vá</u> depressa à grande cidade de Nínive	<u>Vá</u>	Imperativo afirmativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI D2	e <u>pregue</u> contra ela,	<u>pregue</u>	Imperativo afirmativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI D3	porque a sua maldade <u>subiu</u> até a minha presença".	<u>subiu</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>

NVI D4	"Como você <u>pode</u> ficar aí <u>dormindo</u> ?"	<u>pode</u> ficar [...] <u>dormindo</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Irrealis</i> (modalização a partir do verbo "pode")
NVI D5	<u>Levante-se</u>	<u>Levante</u>	Imperativo afirmativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI D6	e <u>clame</u> ao seu deus!	<u>clame</u>	Imperativo afirmativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI D7	Talvez ele <u>tenha</u> piedade de nós	<u>tenha</u>	Presente do Subjuntivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI D8	e [talvez] não <u>morramos</u> ".	<u>morramos</u>	Presente do Subjuntivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI D9	" <u>Vamos lançar</u> sortes	<u>Vamos lançar</u>	Futuro do presente (perífrase verbal)	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI D10	para <u>descobrir</u>	<u>descobrir</u>	Forma nominal: infinitivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI D11	quem <u>é</u> o responsável por esta desgraça	<u>é</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI D12	que [desgraça] se <u>abateu</u> sobre nós".	<u>abateu</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI D13	" <u>Diga</u> -nos,	<u>Diga</u>	Imperativo afirmativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI D14	quem <u>é</u> o responsável por esta calamidade?	<u>é</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI D15	Qual <u>é</u> a sua profissão?	<u>é</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI D16	De onde você <u>vem</u> ?	<u>vem</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI D17	Qual <u>é</u> a sua terra?	<u>é</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI D18	A que povo você <u>pertence</u> ? "	<u>pertence</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI D19	"Eu <u>sou</u> hebreu, adorador do SENHOR, o Deus dos céus,	<u>sou</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>

NVI D20	que <u>fez</u> o mar e a terra".	<u>fez</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI D21	"O que <u>foi</u> que você <u>fez</u> ?"	<u>fez</u> (sentença clivada)	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI D22	"O que <u>devemos fazer</u> com você,	<u>devemos fazer</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Irrealis</i> (presença do modalizador "devemos")
NVI D23	para que o mar se <u>acalme</u> ? "	<u>acalme</u>	Presente do Subjuntivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI D24	" <u>Peguem-me</u>	<u>Peguem</u>	Imperativo afirmativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI D25	e <u>joguem-me</u> ao mar,	<u>joguem</u>	Imperativo afirmativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI D26	e ele se <u>acalmará</u> .	<u>acalmará</u>	Futuro do Presente	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI D27	Pois eu <u>sei</u>	<u>sei</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI D28	que <u>é</u> por minha causa	<u>é</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI D29	que esta violenta tempestade <u>caiu</u> sobre vocês".	<u>caiu</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI D30	"SENHOR, nós <u>suplicamos</u> ,	<u>suplicamos</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI D31	não nos <u>deixes morrer</u>	<u>deixes morrer</u>	Imperativo negativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI D32	por <u>tirarmos</u> a vida deste homem.	<u>tirarmos</u>	Forma nominal: infinitivo pessoal	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI D33	Não <u>caia</u> sobre nós a culpa	<u>caia</u>	Imperativo negativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI D34	[a culpa] de <u>matar</u> um inocente,	<u>matar</u>	Forma nominal: infinitivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI D35	porque tu, ó Senhor, <u>fizeste</u>	<u>fizeste</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI D36	o que <u>desejavas</u> ".	<u>desejavas</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>

ANÁLISE DA TABELA 11: No primeiro capítulo de Jonas na Nova Versão Internacional, houve um total de 36 unidades oracionais de Discurso Direto. Em semelhança à Categoria Intermediária, essa categoria secundária também apresenta diversidade em relação a Tempo, Aspecto e Modo. Em relação ao Tempo, os seguintes números foram encontrados: 12 verbos no Presente do Indicativo, 9 verbos no Imperativo (7 no Imperativo afirmativo e 2 no Imperativo negativo), 6 verbos no Pretérito Perfeito, 3 verbos no Presente do Subjuntivo, 3 verbos na forma nominal infinitivo, 2 verbos no Futuro do Presente, e apenas 1 verbo no Pretérito Imperfeito. Não houve presença do Pretérito mais-que-perfeito nessa categoria. Em relação ao Aspecto, houve predominância do Imperfectivo com 30 ocorrências, 6 verbos no Perfectivo e nenhum verbo no Aspecto Perfeito. Em relação ao Modo, o resultado foi balanceado, pois houve 19 ocorrências do Modo *irrealis* e 17 ocorrências do Modo *realis*. É interessante pontuar que, nessa categoria, todas as unidades oracionais que estavam no Tempo Pretérito Perfeito também estavam no Aspecto Perfectivo e no Modo *Realis*. Considerando o total da narrativa de 84 unidades oracionais, as 36 sentenças de Discurso Direto contabilizam a porcentagem de quase 43% das ocorrências de unidades oracionais em todo o texto de Jonas na NVI analisado neste trabalho. O Discurso Direto, portanto, se mostra ainda mais frequente que a Figura narrativa, com 32% das ocorrências. As sentenças de Discurso Direto foram as que apresentaram mais diversidade de tempo, aspecto e modo verbais. Isso provavelmente se deve ao fato de que, numa história narrativa, o discurso direto é o que menos se aproxima do ato de narração.

FUNDO (BACKGROUND) – NVI

Tabela 12 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Fundo de Jonas 1 na versão NVI

Nº	CONTEXTO	VERBO	TEMPO	ASPECTO	MODO
NVI B1	Depois de <u>pagar</u> a passagem,	<u>pagar</u>	Forma nominal: Infinitivo	Perfectivo ³²	<i>Realis</i> (devido ao termo “depois de” indicando que a ação ocorreu de fato)
NVI B2	e cada um <u>clamava</u> ao seu próprio deus.	<u>clamava</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI B3	Enquanto isso, Jonas, que <u>tinha descido</u> ao porão	<u>tinha descido</u>	Pretérito mais-que-perfeito (locução verbal)	Perfeito	<i>Realis</i>
NVI B4	e se [tinha] <u>deitado</u> ,	[tinha] <u>deitado</u>	Pretérito mais-que-perfeito (locução verbal com a oração coordenada anterior “tinha descido”)	Perfeito	<i>Realis</i>
NVI B5	[Jonas] <u>dormia</u> profundamente	<u>dormia</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI B6	pois <u>sabiam</u>	<u>sabiam</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI B7	que Jonas <u>estava fugindo</u> do SENHOR,	estava fugindo	Pretérito Imperfeito (locução verbal)	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI B8	porque ele já lhes <u>tinha dito</u> .	<u>tinha dito</u>	Pretérito mais-que-perfeito	Perfeito	<i>Realis</i>
NVI B9	Visto que o mar <u>estava</u> cada vez mais agitado,	<u>estava</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI B10	Mas não <u>conseguiram</u> ,	<u>conseguiram</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Irrealis</i>

³² Se considerar apenas o verbo, imperfectivo, mas, se considerar a unidade oracional, seria perfectivo, não poderia ser trocado, por exemplo, pelo gerúndio “pagando”, mas sim pelo particípio “paga” ficando “Depois de paga a passagem”.

NVI B11	porque o mar <u>tinha ficado</u> ainda mais violento.	<u>tinha ficado</u>	Pretérito mais-que-perfeito	Perfeito	<i>Realis</i>
NVI B12	Ao <u>verem</u> isso,	<u>verem</u>	Forma nominal: infinitivo pessoal	Imperfectivo (poderia ser trocado pelo gerúndio “vendo”)	<i>Realis</i> (Mesmo caso de NVI B1)

ANÁLISE DA TABELA 12: No primeiro capítulo de Jonas na Nova Versão Internacional, houve um total de 12 unidades oracionais de Fundo discursivo. Na categoria Tempo, foram observados 5 verbos no Pretérito Imperfeito, 4 verbos no Pretérito mais-que-perfeito, 2 verbos na forma nominal Infinitivo, e 1 verbo no Pretérito Perfeito. Em relação ao Aspecto, houve 6 unidades oracionais no Imperfectivo, 4 no Perfeito, e 2 no Perfectivo. Aqui é interessante pontuar que, mesmo se tratando de um plano discursivo que não é a Figura narrativa, metade das ocorrências de Fundo se trataram de eventos terminados. Em relação ao Modo, houve 11 unidades no modo *realis* e apenas 1 no modo *irrealis*. Pontua-se aqui que todas as unidades oracionais no Tempo Pretérito mais-que-perfeito também estavam no Aspecto Perfeito e Modo *Realis*. Com 12 unidades oracionais dentre as 84 unidades encontradas, o Fundo narrativo representa quase 14% das ocorrências. Destaca-se aqui que, apesar de se tratar de Fundo narrativo, que seria o espaço para ocorrência da modalidade *irrealis*, a grande maioria de unidades oracionais se apresentou no modo *realis*, com apenas 1 ocorrência em 12. Ainda ressalta-se que a única ocorrência do Modo *irrealis* foi devida não propriamente ao verbo da unidade oracional, mas sim à partícula negativa “não”. Esse resultado demonstra que o Fundo, grande parte das vezes, está lidando com descrições de eventos de fato ocorridos, no modo *realis*.

A análise até aqui, considerando o texto da narrativa de Jonas na Nova Versão Internacional, comprova o que se esperava em relação à categoria Fundo: uma maior diversidade de realizações de Tempo, Aspecto, e Modo, em relação à categoria Figura. Contudo, foi a categoria Discurso Direto que apresentou a maior diversidade TAM em relação a todas as outras três categorias. Além disso, percebe-se que o Aspecto Imperfectivo não está diretamente ligado a nenhum dos dois Modos, *realis* ou *irrealis*, ocorrendo diversamente. Já, se constata que, mesmo em categorias que

não são Figura narrativa, até este ponto da análise, o Tempo Pretérito mais-que-perfeito está ligado ao Aspecto Perfeito e Modo *Irrealis*, bem como o Tempo Pretérito Perfeito está ligado ao Aspecto Perfectivo e ao Modo *realis*, a não ser em casos que há a presença de partícula negativa “não” na unidade oracional, ocasionando o modo *irrealis*, como foi o caso da sentença NVI B10 “Mas **não conseguiram**”, que apresenta verbo no Tempo Pretérito Perfeito, Aspecto Perfectivo, conforme o esperado, entretanto, Modo *irrealis*. Até este ponto da análise, apenas a categoria Discurso Direto da NVI apresentou mais sentenças no Modo *irrealis* do que no Modo *realis*.

5.3 Análise das unidades oracionais no capítulo 1 de Jonas na versão Almeida Revista e Corrigida (ARC)

FIGURA – ARC

Tabela 13 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Figura de Jonas 1 na versão ARC

Nº	CONTEXTO	VERBO	TEMPO	ASPECTO	MODO
ARC F1	E <u>veio</u> a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai,	<u>veio</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F2	E Jonas se <u>levantou</u>	<u>levantou</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F3	<u>achou</u> um navio	<u>achou</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F4	<u>pagou</u> , pois, a sua passagem	<u>pagou</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F5	e <u>desceu</u> para dentro dele,	<u>desceu</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F6	Mas o Senhor <u>mandou</u> ao mar um grande vento,	<u>mandou</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F7	e <u>fez-se</u> no mar uma grande tempestade,	<u>fez</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>

ARC F8	Então, <u>temeram</u> os marinheiros,	<u>temeram</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F9	Jonas, porém, <u>desceu</u> aos lugares do porão,	<u>desceu</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F10	e se <u>deitou</u> ,	<u>deitou</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F11	E o mestre do navio <u>chegou-se</u> a ele	<u>chegou</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F12	e [o mestre] <u>disse-lhe</u> :	<u>disse</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F13	E <u>lançaram</u> sortes,	<u>lançaram</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F14	e a sorte <u>caiu</u> sobre Jonas.	<u>caiu</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F15	Então, lhe <u>disseram</u> :	<u>disseram</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F16	E ele lhes <u>disse</u> :	<u>disse</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F17	Então, os homens se <u>encheram</u> de grande temor	<u>encheram</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F18	e lhe <u>disseram</u> :	<u>disseram</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F19	E <u>disseram-lhe</u> :	<u>disseram</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F20	E ele lhes <u>disse</u> :	<u>disse</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F21	Então, <u>clamaram</u> ao Senhor	<u>clamaram</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F22	e <u>disseram</u> :	<u>disseram</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F23	E <u>levantaram</u> Jonas	<u>levantaram</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F24	e o <u>lançaram</u> ao mar;	<u>lançaram</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F25	e <u>cessou</u> o mar da sua fúria.	<u>cessou</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>

ARC F26	<u>Temeram</u> , pois, estes homens ao Senhor com grande temor;	<u>Temeram</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F27	e <u>ofereceram</u> sacrifícios ao Senhor	<u>ofereceram</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F28	e <u>fizeram</u> votos.	<u>fizeram</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F29	<u>Deparou</u> , pois, o Senhor um grande peixe,	<u>Deparou</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC F30	e <u>esteve</u> Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe.	<u>esteve</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>

ANÁLISE DA TABELA 13: Foram encontradas, no primeiro capítulo de Jonas na versão Almeida Revista e Corrigida, um total de 30 unidades oracionais de Figura Narrativa. Em semelhança às sentenças de Figura da NVI, todos os verbos das unidades nesse plano discursivo na ARC se apresentaram uniformes em relação às categorias verbais TAM. Os verbos se manifestaram no Tempo Pretérito Perfeito, no Aspecto Perfectivo, e no Modo Realis. Semelhantemente ao ocorrido na versão NVI, a unanimidade de resultados da Figura narrativa condiz com a noção de que este plano narrativo se materializa em sentenças que contêm verbos formalmente semelhantes, que apresentam mesmo tempo, aspecto e modo. Ademais, num total de 88 unidades oracionais compondo por inteiro o texto de Jonas analisado da versão ARC, 30 unidades oracionais compõem uma das quatro categorias analisadas (Figura, Categoria Intermediária, Discurso Direto, Fundo), o que resulta em cerca de 34% do texto da narrativa, 2% a mais do que a Figura narrativa da NVI. Novamente, a relevância desse plano discursivo Figura se mostra também numericamente.

CATEGORIA SECUNDÁRIA – CATEGORIA INTERMEDIÁRIA – ARC

Tabela 14 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Categoria Intermediária de Jonas 1 na versão ARC

Nº	CONTEXTO	VERBO	TEMPO	ASPECTO	MODO
ARC C1	<u>dizendo</u> :	<u>dizendo</u>	Forma nominal: gerúndio	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC C2	para <u>fugir</u> de diante da face do Senhor para Társis;	<u>fugir</u>	Forma nominal: infinitivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC C3	e, <u>descendo</u> a Jope,	<u>descendo</u>	Forma nominal: gerúndio	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC C4	que <u>ia</u> para Társis;	<u>ia</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC C5	para <u>ir</u> com eles para Társis, de diante da face do Senhor.	<u>ir</u>	Forma nominal: infinitivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC C6	para que <u>tragasse</u> a Jonas;	<u>tragasse</u>	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>

ANÁLISE DA TABELA 14: No primeiro capítulo de Jonas na versão Almeida Revista e Corrigida, houve um total de 6 unidades oracionais de Categoria Intermediária. Semelhantemente à NVI, a Categoria Intermediária foi a menos frequente comparada às outras 3 categorias. Em relação ao Tempo, houve: 2 verbos na forma nominal Infinitivo, 2 verbos na forma nominal Gerúndio, 1 verbo no Pretérito Imperfeito, e 1 verbo no Pretérito Imperfeito do Subjuntivo. Em relação ao Aspecto, todos os verbos se apresentaram no Imperfectivo. Em relação ao Modo, houve 4 ocorrências do modo *irrealis* e 2 do modo *realis*. É interessante apontar que a Categoria Intermediária da ARC, diferentemente da NVI, apontou mais ocorrências no modo *irrealis* do que modo *realis*. Considerando as 88 unidades oracionais por todo o texto de Jonas analisado nessa versão, apenas 6 unidades oracionais irão se expressar como 7% das ocorrências de unidades oracionais, 4% de ocorrências a menos do que na outra versão. Semelhantemente ao ocorrido na NVI, essa categoria intermediária, apesar de aparecer em menor número se comparada às 30 ocorrências de unidades

oracionais de Figura narrativa, apresenta uma diversidade maior de tempos e aspectos verbais comparando-se à categoria Figura, principalmente.

CATEGORIA SECUNDÁRIA – DISCURSO DIRETO – ARC

Tabela 15 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Discurso Direto de Jonas 1 na versão ARC

Nº	CONTEXTO	VERBO	TEMPO	ASPECTO	MODO
ARC D1	<u>Levanta-te</u> ,	<u>Levanta</u>	Imperativo afirmativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC D2	<u>vai</u> à grande cidade de Nínive	<u>vai</u>	Imperativo afirmativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC D3	e <u>clama</u> contra ela,	<u>clama</u>	Imperativo afirmativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC D4	porque a sua malícia <u>subiu</u> até mim.	<u>subiu</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC D5	Que <u>tens</u> , dormente?	<u>tens</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC D6	<u>Levanta-te</u> ,	<u>Levanta</u>	Imperativo afirmativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC D7	<u>invoca</u> o teu Deus;	<u>invoca</u>	Imperativo afirmativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC D8	talvez assim Deus se <u>lembre</u> de nós	<u>lembre</u>	Presente do Subjuntivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC D9	para que não <u>pereçamos</u> .	<u>pereçamos</u>	Presente do Subjuntivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC D10	<u>Vinde</u> ,	<u>Vinde</u>	Imperativo afirmativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC D11	e <u>lancemos</u> sortes,	<u>lancemos</u>	Imperativo afirmativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC D12	para que <u>saibamos</u>	<u>saibamos</u>	Presente do Subjuntivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC D13	por que causa nos <u>sobreveio</u> este mal.	<u>sobreveio</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC D14	<u>Declara-nos</u> tu, agora,	<u>Declara</u>	Imperativo afirmativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>

ARC D15	por que razão nos <u>sobreveio</u> este mal.	<u>sobreveio</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC D16	Que ocupação <u>é</u> a tua?	<u>é</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC D17	E donde <u>vens</u> ?	<u>vens</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC D18	Qual <u>é</u> a tua terra?	<u>é</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC D19	E de que povo <u>és</u> tu?	<u>és</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC D20	Eu <u>sou</u> hebreu	<u>sou</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC D21	e <u>temo</u> ao Senhor,	<u>temo</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC D22	o Deus do céu, que <u>fez</u> o mar e a terra seca.	<u>fez</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC D23	Por que <u>fizeste</u> tu isso?	<u>fizeste</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC D24	Que te <u>faremos</u> nós,	<u>faremos</u>	Futuro do Presente	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC D25	para que o mar se <u>acalme</u> ?	<u>acalme</u>	Presente do Subjuntivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC D26	<u>Levantai-me</u>	<u>Levantai</u>	Imperativo afirmativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC D27	e <u>lançai-me</u> ao mar,	<u>lançai</u>	Imperativo afirmativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC D28	e o mar se <u>aquietará</u> ;	<u>aquietará</u>	Futuro do Presente	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC D29	porque eu <u>sei</u> que, por minha causa,	<u>sei</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC D30	vos <u>sobreveio</u> esta grande tempestade.	<u>sobreveio</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC D31	Ah! Senhor! Nós te <u>rogamos</u> !	<u>rogamos</u>	Presente	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC D32	Não <u>pereçamos</u> por causa da vida deste homem,	<u>pereçamos</u>	Imperativo negativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>

ARC D33	e não <u>ponhas</u> sobre nós o sangue inocente;	<u>ponhas</u>	Imperativo negativo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC D34	porque tu, Senhor, <u>fizeste</u>	<u>fizeste</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
ARC D35	como te <u>aprouve</u> .	<u>aprouve</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>

ANÁLISE DA TABELA 15: Foram encontradas, no primeiro capítulo de Jonas na versão Almeida Revista e Corrigida, um total de 35 unidades oracionais de Discurso Direto. Essa categoria secundária nessa versão apresentou diversidade em relação a Tempo, Aspecto e Modo. Em relação ao Tempo, os seguintes números foram encontrados: 12 verbos no Imperativo (10 no Imperativo afirmativo e 2 no Imperativo negativo), 9 verbos no Presente do Indicativo, 8 verbos no Pretérito Perfeito, 4 verbos no Presente do Subjuntivo, 2 verbos no Futuro do Presente. Destaca-se aqui que na versão ARC não houve nenhuma unidade oracional do Discurso Direto que apresentasse verbo no Pretérito Imperfeito, e em todas as outras categorias analisadas até este ponto do trabalho, exceto as categorias de Figura narrativa, foram encontrados verbos nesse Tempo. Em relação ao Aspecto verbal, houve predominância do Imperfectivo com 27 ocorrências, 8 verbos no Perfectivo e nenhum verbo no Aspecto Perfeito. Em relação ao Modo, o resultado foi balanceado, e, assim como ocorreu nessa mesma categoria na NVI, houve maior ocorrência do Modo *irrealis*, pois, das 35 unidades oracionais de Discurso Direto da ARC, houve 18 ocorrências do Modo *irrealis* e 17 ocorrências do Modo *realis*. Ao tomar o número de 88 unidades oracionais em toda a narrativa de Jonas nessa versão analisada, 35 unidades representam quase 40% das ocorrências, 3% a menos do que a mesma categoria na versão NVI. Semelhantemente à outra versão analisada, a ARC apresentou a maior parte de seu texto narrativo do primeiro capítulo de Jonas como Discurso Direto. Ainda mais do que a Categoria Intermediária, as sentenças de Discurso Direto foram as que apresentaram maior diversidade de tempo, aspecto e modo verbais. Chega-se ao mesmo raciocínio citado anteriormente de que provavelmente essa maior ocorrência de unidades oracionais de Discurso Direto se deve ao fato de que, numa história narrativa, o discurso direto é o que menos se aproxima do ato de narração, ou seja, é o tipo de sentença que menos exigiria trabalho do narrador.

FUNDO (BACKGROUND) – ARC

Tabela 16 – Análise dos verbos das unidades oracionais de Fundo de Jonas 1 na versão ARC

Nº	CONTEXTO	VERBO	TEMPO	ASPECTO	MODO
ARC B1	e o navio <u>estava para</u> <u>quebrar-se</u> .	<u>estava para</u> <u>quebrar</u>	Pretérito Imperfeito (perífrase verbal)	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B2	e <u>clamava</u> cada um ao seu deus,	<u>clamava</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B3	e <u>lançavam</u> no mar as fazendas	<u>lançavam</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B4	que <u>estavam</u> no navio,	<u>estavam</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B5	para o <u>aliviarem</u> do seu peso;	<u>aliviarem</u>	Forma nominal: infinitivo pessoal	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC B6	e <u>dormia</u> um profundo sono.	<u>dormia</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B7	E <u>dizia</u> cada um ao seu companheiro:	<u>dizia</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B8	Pois <u>sabiam</u> os homens	<u>sabiam</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B9	que <u>fugia</u> de diante do Senhor,	<u>fugia</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B10	porque ele lho <u>tinha</u> <u>declarado</u> .	<u>tinha declarado</u>	Pretérito mais-que- perfeito	Perfeito	<i>Realis</i>
ARC B11	Por que o mar se <u>elevava</u>	<u>elevava</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B12	e <u>engrossava</u> cada vez mais.	<u>engrossava</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>

ARC B13	Entretanto, os homens <u>remavam</u> ,	<u>remavam</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B14	<u>esforçando-se</u>	<u>esforçando</u>	Forma nominal: gerúndio	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B15	por <u>alcançar</u> a terra,	<u>alcançar</u>	Forma nominal: infinitivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i> ³³
ARC B16	mas não <u>podiam</u> ,	<u>podiam</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Irrealis</i> (devido à partícula negativa “não”)
ARC B17	porquanto o mar se <u>ia embravecendo</u> cada vez mais contra eles.	<u>ia embravecendo</u>	Pretérito Imperfeito (locução verbal)	Imperfectivo	<i>Realis</i>

ANÁLISE DA TABELA 16: No primeiro capítulo de Jonas na versão Almeida Revista e Corrigida, houve um total de 17 unidades oracionais do plano discursivo Fundo narrativo. Na categoria Tempo, foram observados 13 verbos no Pretérito Imperfeito, 2 verbos na forma nominal Infinitivo, 1 verbo na forma nominal Gerúndio, e 1 verbo no Pretérito mais-que-perfeito. Com a grande maioria das unidades oracionais no Tempo Pretérito Imperfeito, apresentou-se bem menos diversa em comparação ao Tempo verbal dessa mesma categoria na NVI. Em relação ao Aspecto, houve 16 unidades oracionais no Imperfectivo, 1 no Perfeito, e nenhuma unidade oracional com aspecto Perfectivo. Em relação ao Modo, houve 14 unidades no modo *realis*, e 3 no modo *irrealis*. Realizando-se por meio de 17 unidades oracionais, considerado um total de 88 unidades em todo o texto, o Fundo narrativo da versão ARC contabiliza cerca de 19% das ocorrências em todo o texto, 5% a mais do que as sentenças de Fundo narrativo da NVI. Diferentemente do Fundo da NVI, o Fundo da ARC apresenta praticamente só o Aspecto Imperfectivo. O Fundo da versão ARC apresenta uma ocorrência do Pretérito mais-que-perfeito, única em todo o capítulo 1 de Jonas nessa versão. Igualmente à NVI, é apenas nessa categoria que o Tempo Pretérito mais-que-perfeito ocorre, contudo, em comparação às 4 ocorrências na NVI, esse Tempo verbal na versão ARC não se mostrou tão relevante. Semelhantemente ao resultado da NVI, destaca-se aqui que, apesar de se

³³ Encaixa-se no modo *Irrealis*, pois, no contexto em que se encontra “esforçando-se por alcançar a terra”, essa

tratar de Fundo narrativo, que seria o espaço para a modalidade *irrealis* ocorrer, a grande maioria de unidades oracionais se apresentou no modo *realis*. Esse resultado novamente demonstra que o Fundo, grande parte das vezes, está lidando com descrições de eventos de fato ocorridos, no modo *realis*.

A análise até aqui, considerando agora o texto da narrativa de Jonas na versão Almeida Revista e Corrigida, rebate o que se esperava em relação à categoria Fundo: uma maior diversidade de realizações de Tempo, Aspecto e Modo. Diferentemente do que ocorreu nos textos da versão NVI, o Fundo narrativo da versão ARC se apresentou muito mais homogêneo em relação à categoria Aspecto verbal, com 16 das 17 ocorrências no Aspecto Imperfectivo. Contudo, apesar dessa diferença entre versões, percebeu-se que, tanto na ARC quanto na NVI, o Aspecto Imperfectivo não está necessariamente ligado a nenhum dos dois Modos, *realis* ou *irrealis*, ocorrendo diversamente. Já o Pretérito mais-que-perfeito, quando ocorreu, sempre apresentava Aspecto Perfeito e Modo *Realis*. Finalmente, confirma-se o que se indagava no fim da seção 5.1, a saber, mesmo em categorias que não são Figura narrativa, o Tempo Pretérito Perfeito está ligado ao Aspecto Perfectivo e ao Modo *realis*. Diferentemente da exceção encontrada na NVI, como em NVI B10, na versão ARC, não houve nenhuma ocorrência de verbo no Pretérito Perfeito e no Modo *irrealis*. Na ARC, não houve utilização de partículas negativas ou modalizadores que levassem ao Modo *irrealis* sentenças com verbos no Pretérito Perfeito. Tanto na NVI quanto na ARC, as sentenças de Discurso Direto apresentaram mais unidades oracionais no Modo *irrealis* do que no Modo *realis*, diferenciando-se das outras 3 categorias.

5.4 Regularidades encontradas nas quatro categorias discursivas: Figura, Categoria Intermediária, Discurso Direto, Fundo

Os padrões encontrados nas realizações verbais analisadas pelo sistema TAM nas quatro categorias discursivas (Figura, Categoria Intermediária, Discurso Direto, Fundo) foram os seguintes:

Na Figura narrativa, em ambas as versões NVI e ARC, os verbos se manifestaram no Tempo Pretérito Perfeito, no Aspecto Perfectivo, e no Modo Realis. As sentenças NVI F9 e ARC F11 exemplificam:

NVI 9 “O capitão dirigiu-se a ele”

ARC F11 “E o mestre do navio chegou-se a ele”

Verbos “dirigiu” e “chegou” - Tempo Pretérito Perfeito, Aspecto Perfectivo, Modo *Realis*.

Em linhas gerais, as unidades oracionais das categorias secundárias e de Fundo narrativo apresentaram diversidade de seus verbos em relação a Tempo e Modo verbais, tanto na NVI, quanto na ARC. A Categoria Intermediária nas duas versões e o Fundo narrativo da versão ARC apresentaram pouca diversidade aspectual, com grande predominância do Aspecto Imperfectivo. O Fundo narrativo da NVI e as categorias de Discurso Direto em ambas as versões apresentaram maioria do Aspecto Imperfectivo, mas não grande predominância dele como nas outras categorias.

Na categoria secundária denominada Categoria Intermediária, foi observada diversidade de verbos e suas realizações de Tempo, tanto na NVI, quanto na ARC. Em relação ao Aspecto verbal, a ARC apresentou verbos apenas no Imperfectivo, enquanto que a NVI, mesmo apresentando predominância do Imperfectivo, manifestou uma ocorrência do Aspecto Perfectivo. Em relação ao Modo, houve oposição de resultados. A NVI apresentou maioria de ocorrências no Modo *Realis*, enquanto que a versão ARC apresentou maioria de ocorrências no Modo *Irrealis* nessa Categoria Intermediária. Foram encontrados os seguintes resultados de Tempo, Aspecto e Modo verbais exemplificados a seguir.

NVI C1 “dirigindo-se para Társis.” (Tempo Forma nominal: gerúndio, Aspecto Imperfectivo, Modo *Realis*).

NVI C2 “onde encontrou um navio” (Tempo Pretérito Perfeito, Aspecto Perfectivo, Modo *Realis*).

NVI C3 “que se destinava àquele porto.” (Tempo Pretérito Imperfeito, Aspecto Imperfectivo, Modo *Realis*).

NVI C7 “para remar de volta à terra.” (Tempo Forma nominal: infinitivo, Aspecto Imperfectivo, Modo *Irrealis*).

As sentenças de Categoria Intermediária da NVI apresentaram quatro Tempos diferentes (Gerúndio, Infinitivo, Pretérito Imperfeito, e Pretérito Perfeito), dois Aspectos (Imperfectivo e Perfectivo), e os dois Modos (*Realis* e *Irrealis*).

ARC C2 “para fugir de diante da face do Senhor para Társis;” (Tempo Forma nominal: infinitivo, Aspecto Imperfectivo, Modo *Irrealis*)

ARC C3 “e, descendo a Jope,” (Tempo Forma nominal: gerúndio, Aspecto Imperfectivo, Modo *Realis*)

ARC C4 “que ia para Társis;” (Tempo Pretérito Imperfeito, Aspecto Imperfectivo, Modo *Irrealis*).

ARC C6 “para que tragasse a Jonas;” (Tempo Pretérito Imperfeito do Subjuntivo, Aspecto Imperfectivo, Modo *Irrealis*)

As sentenças de Categoria Intermediária da ARC apresentaram também quatro Tempos diferentes (Gerúndio, Infinitivo, Pretérito Imperfeito, e Pretérito Imperfeito do Subjuntivo), NVI e ARC diferem-se nos Tempos verbais Pretérito Perfeito (presente só na NVI nessa categoria) e Pretérito Imperfeito do Subjuntivo (presente só na ARC nessa categoria). A versão ARC apresentou apenas um Aspecto (Imperfectivo), e os dois Modos (*Realis* e *Irrealis*). Portanto, percebe-se que, apesar de a Categoria Intermediária apresentar mais variedade das categorias TAM ao ser comparada com a categoria Figura narrativa, a versão ARC apresentou menos diversidade em relação ao aspecto na Categoria Intermediária, com todas unidades oracionais imperfectivas, enquanto que na NVI houve dois aspectos. É interessante pontuar que os resultados de Modo verbal na Categoria Intermediária foram opostos nas duas versões bíblicas. A NVI apresentou a maior parte (75%) de suas sentenças no Modo *Realis* (6 ocorrências em 9), enquanto que a ARC apresentou a maior parte (67%) de suas sentenças no Modo *Irrealis* (4 ocorrências em 6) nessa categoria.

Nas unidades oracionais da categoria secundária denominada Discurso Direto, em ambas as versões bíblicas, foi observada grande diversidade de verbos e suas realizações de Tempo. Em relação ao Aspecto, foi percebida forte predominância do Aspecto Imperfectivo e não houve ocorrências do Aspecto Perfeito. Os Modos *realis* e *irrealis* se apresentaram de forma bem balanceada nas duas versões. O que pode indicar que essa categoria em específico não trata só de eventos ocorridos, mas também trata de situações não ocorridas, suposições, expectativas e planos

para o futuro. Por se tratar de fala dos envolvidos na história narrada, esse resultado é bem compreensível, pois os falantes não estão fazendo necessariamente o mesmo papel do narrador de tratar de eventos de fato ocorridos. Nas sentenças de Discurso Direto, foram encontrados os seguintes resultados de Tempo, Aspecto e Modo verbais exemplificados a seguir.

NVI D2 “e pregue contra ela,” (Tempo Imperativo, Aspecto Imperfectivo, Modo *Irrealis*).

NVI D3 “porque a sua maldade subiu até a minha presença” (Tempo Pretérito Perfeito, Aspecto Perfectivo, Modo *Realis*).

NVI D7 “Talvez ele tenha piedade de nós” (Tempo Presente do Subjuntivo, Aspecto Imperfectivo, Modo *Irrealis*).

NVI D9 “Vamos lançar sortes” (Tempo Futuro do presente, Aspecto Imperfectivo, Modo *Irrealis*).

NVI D10 “para descobrir” (Tempo Forma nominal: infinitivo, Aspecto Imperfectivo, Modo *Irrealis*).

NVI D30 “SENHOR, nós suplicamos, ” (Tempo Presente, Aspecto Imperfectivo, Modo *Realis*).

NVI D36 “o que desejavas” (Tempo Pretérito Imperfeito, Aspecto Imperfectivo, Modo *Realis*).

As sentenças de Discurso Direto da NVI apresentam sete Tempos diferentes (Imperativo, Presente do Indicativo, Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito, Futuro do presente, Presente do Subjuntivo, e Infinitivo), dois Aspectos (Imperfectivo e Perfectivo), e os dois Modos (*Realis* e *Irrealis*).

ARC D1 “Levanta-te,” (Tempo Imperativo, Aspecto Imperfectivo, Modo *Irrealis*).

ARC D5 “Que tens, dormente?” (Tempo Presente do Indicativo, Aspecto Imperfectivo, Modo *Realis*).

ARC D8 “talvez assim Deus se lembre de nós” (Tempo Presente do Subjuntivo, Aspecto Imperfectivo, Modo *Irrealis*).

ARC D13 “por que causa nos sobreveio este mal.” (Tempo Pretérito Perfeito, Aspecto Perfectivo, Modo *Realis*).

ARC D24 “Que te faremos nós,” (Tempo Futuro do Presente, Aspecto Imperfectivo, Modo *Irrealis*).

As sentenças de Discurso Direto da ARC apresentaram cinco Tempos diferentes (Imperativo, Presente do Indicativo, Presente do Subjuntivo, Pretérito Perfeito, Futuro do Presente), dois tempos a menos que a NVI, que também apresentou o Pretérito Imperfeito e a Forma Nominal Infinitivo. Apesar dessa diferença, a categoria de Discurso Direto apresentou-se mais parecida nas duas versões do que as categorias de Fundo e Categoria Intermediária. Em semelhança à NVI, a versão ARC apresentou os Aspectos Imperfectivo e Perfectivo, e os dois Modos (*Realis* e *Irrealis*). Nesta categoria, também se constata que a versão ARC apresentou menos diversidade em relação à NVI, dessa vez, porém, na categoria Tempo verbal. As duas versões apresentaram um pouco mais de sentenças no Modo *Irrealis* do que no Modo *Realis*.

Numa análise global, as sentenças de Fundo narrativo da NVI e da ARC apresentaram grande predominância do Modo *realis*. Ao contrário do que se esperava, o Fundo narrativo, sem considerar as categorias secundárias, principalmente sem considerar a categoria Discurso Direto, não parece ter sido o maior espaço das enunciações do Modo *irrealis*. Foram ao todo, na NVI, 11 vezes de ocorrências do Modo *realis* em um total de 12 sentenças, contabilizando 92% das ocorrências. Na ARC, houve 14 ocorrências do Modo *realis* dentro de um total de 17 sentenças, contabilizando 82% das ocorrências. Percebe-se, portanto, que proporcionalmente, a NVI apresentou mais sentenças de Modo *realis* em seu Fundo narrativo do que versão ARC. Os resultados de Tempo e Aspecto verbal, além do Modo, são exemplificados a seguir.

NVI B1 “Depois de pagar a passagem,” (Tempo Infinitivo, Aspecto Perfectivo, Modo *Realis*).

NVI B2 “e cada um clamava ao seu próprio deus.” (Tempo Pretérito Imperfeito, Aspecto Imperfectivo, Modo *Realis*).

NVI B3 “Enquanto isso, Jonas, que tinha descido ao porão” (Tempo Pretérito mais-que-perfeito, Aspecto Perfectivo, *Realis*).

NVI B10 “Mas não conseguiram,” (Tempo Pretérito Perfeito, Aspecto Perfectivo, Modo *Irrealis*).

A versão NVI apresentou quatro Tempos diferentes (Pretérito Imperfeito, Pretérito mais-que-perfeito, Pretérito Perfeito, Infinitivo), ocorrências em todos os Aspectos Imperfectivo, Perfeito e Perfectivo, e, como dito anteriormente, houve sentenças nos Modos *realis* e *irrealis*.

ARC B2 “e clamava cada um ao seu deus,” (Tempo Pretérito Imperfeito, Aspecto Imperfectivo, Modo *Realis*).

ARC B5 “para o aliviarem do seu peso;” (Tempo Forma nominal Infinitivo, Aspecto Imperfectivo, Modo *Irrealis*).

ARC B10 “porque ele lho tinha declarado.” (Tempo Pretérito mais-que-perfeito, Aspecto Perfeito, Modo *Realis*).

ARC B14 “esforçando-se” (Tempo Forma nominal Gerúndio, Aspecto Imperfectivo, Modo *Realis*).

Também nas sentenças de Fundo narrativo, o Tempo verbal das unidades oracionais da versão ARC se apresentou bem menos diverso em comparação a essa mesma categoria na NVI. Apesar de também terem apresentado quatro tempos diferentes (Pretérito Imperfeito, Pretérito mais-que-perfeito, Infinitivo, e Gerúndio), as sentenças da ARC apresentaram-se na grande maioria no Tempo Pretérito Imperfeito (13 de 17 ocorrências), enquanto que, na NVI, as sentenças foram diversificadas entre os Tempos Pretérito Imperfeito, Pretérito mais-que-perfeito, Pretérito Perfeito, e Infinitivo. O Aspecto dos verbos da ARC também seguiu essa menor diversidade, 16 verbos estavam no Aspecto Imperfectivo, apenas uma ocorrência no Aspecto Perfeito e não houve nenhuma ocorrência do Perfectivo nessa categoria dessa versão. Por outro lado, na NVI, houve 6 unidades oracionais no Imperfectivo, 4 no Perfeito, e 2 no Perfectivo.

Considerando os resultados gerais, a versão ARC apresentou menos diversidade de Tempo verbal na categoria Discurso Direto, dois tempos a menos que a NVI, e no Fundo narrativo, com menos diversidade numérica entre os quatro Tempos apresentados na ARC se comparada aos resultados da NVI, mesmo apresentando quatro Tempos também. A versão ARC também teve menos diversidade de Aspecto verbal na Categoria Intermediária, com apenas um tipo de Aspecto, a saber, o Imperfectivo. Em relação à diversidade modal, no Fundo narrativo, a NVI apresentou menos diversidade, com 92% de ocorrências no Modo *Realis* contra 82% na versão ARC. Já na Categoria Intermediária, houve oposição de resultados Modais, a versão ARC apresentou sua maioria de sentenças no Modo *Irrealis* (67%), enquanto que a NVI apresentou sua maioria de sentenças no Modo *Realis* (75%). Esses resultados de Modo verbal pode vir a indicar que, talvez, a narração da versão NVI seja feita mais no Modo *Realis* do que a narração feita pela versão ARC,

ou seja, esta última versão deve utilizar com mais frequência do que a NVI o Modo *Irrealis*, que não é o mais esperado para uma narrativa.

Na análise geral das duas versões, é importante buscar quais são os resultados numéricos e percentuais considerando as categorias verbais Tempo, Aspecto e Modo. Fizemos, portanto, a partir de tabelas, as seguintes apurações apresentadas nas seções 5.4.1 a 5.4.3. As tabelas (Tabelas 18 a 46) que auxiliaram a contagem se encontram no Apêndice C (Separação das sentenças no Sistema TAM).

5.4.1 O TEMPO VERBAL NAS DUAS VERSÕES BÍBLICAS

Em relação ao Tempo, cada uma das versões apresentou resultados diferentes.

NVI: 35 verbos no Tempo Pretérito Perfeito: 27 de Figura narrativa, 1 de Categoria Intermediária, 6 de Discurso Direto, 1 de Fundo narrativo.

8 verbos no Pretérito Imperfeito: 2 de Categoria Intermediária, 1 de Discurso Direto, 5 de Fundo narrativo.

4 verbos no Pretérito mais-que-perfeito, de Fundo narrativo.

12 verbos no Tempo Presente do Indicativo, de Discurso Direto.

8 na Forma nominal Infinitivo: 3 de Categoria Intermediária, 3 de Discurso Direto, e 2 de Fundo narrativo.

3 verbos na Forma nominal Gerúndio, de Categoria Intermediária.

2 verbos no tempo Futuro do Presente do Indicativo, de Discurso Direto.

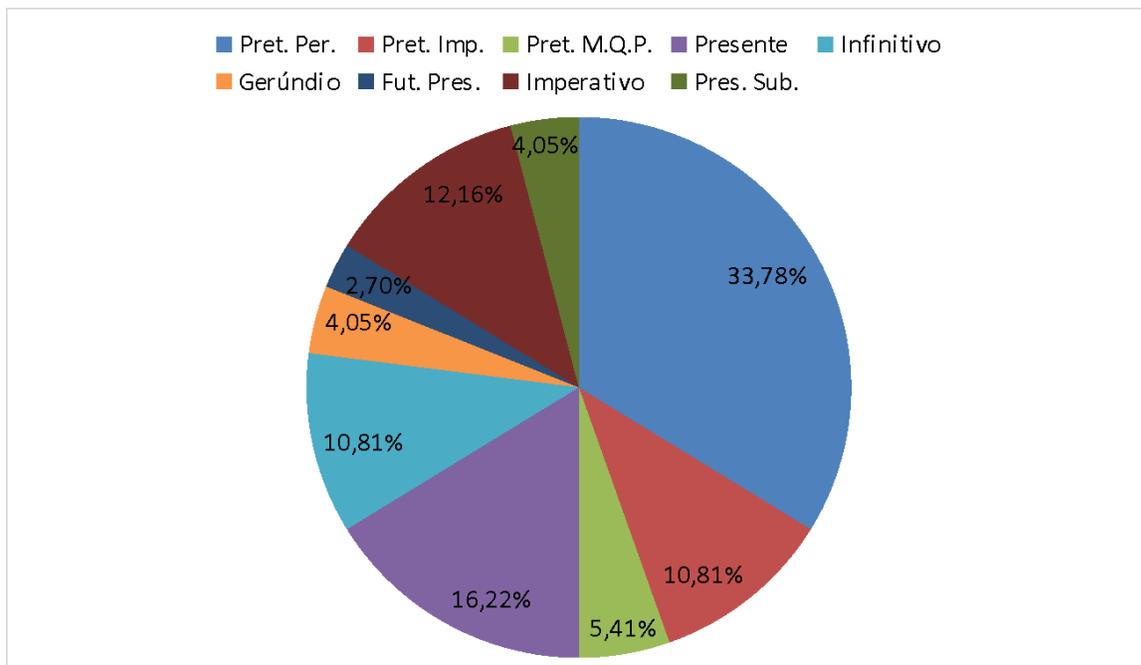
9 verbos no Imperativo, de Discurso Direto.

3 verbos no tempo Presente do Subjuntivo, de Discurso Direto.

Totalizando 84 verbos em conformidade com as 84 unidades oracionais encontradas na versão NVI.

O Gráfico 1, abaixo, expressa a porcentagem geral aproximada de ocorrência de cada Tempo verbal na Nova Versão Internacional.

Gráfico 1 – Tempo verbal no texto da NVI



Em valores percentuais, considerando os resultados mais expressivos, a versão NVI apresentou como maiores valores cerca de 34% de suas sentenças no Tempo Pretérito Perfeito, cerca de 16% de sentenças no Presente do Indicativo, e cerca de 12% de sentenças no Imperativo.

ARC:

38 verbos no Pretérito Perfeito: 30 de Figura narrativa, 8 de Discurso Direto.

14 verbos no Pretérito Imperfeito: 1 de Categoria Intermediária, 13 de Fundo narrativo.

Apenas 1 verbo no tempo Pretérito mais-que-perfeito, de Fundo narrativo.

9 verbos no tempo Presente do Indicativo, de Discurso Direto.

4 verbos na Forma nominal Infinitivo: 2 de Categoria Intermediária, 2 de Fundo narrativo.

3 verbos na Forma nominal Gerúndio: 2 de Categoria Intermediária, 1 de Fundo narrativo.

2 verbos no Futuro do Presente do Indicativo, de Discurso Direto.

12 verbos no Imperativo, de Discurso Direto.

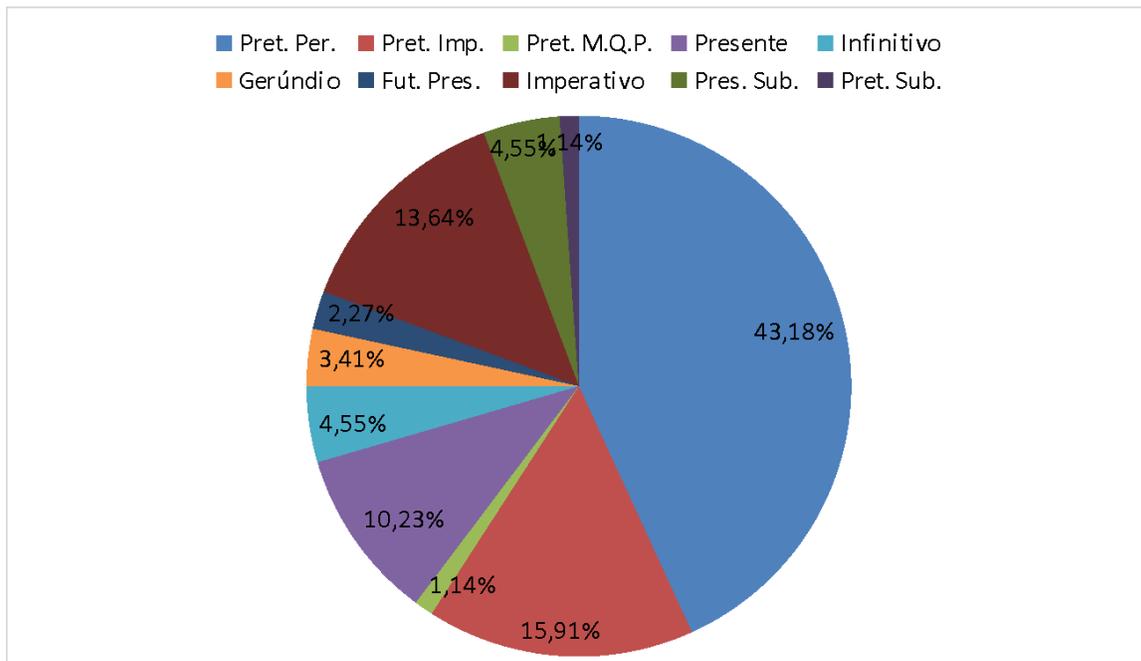
4 verbos no Presente do Subjuntivo, de Discurso Direto.

Apenas 1 verbo no tempo Pretérito Imperfeito do Subjuntivo, de Categoria Intermediária.

Totalizando 88 verbos em conformidade com as 88 unidades oracionais encontradas na versão Almeida Revista e Corrigida.

O Gráfico 2, abaixo, expressa a porcentagem aproximada de ocorrência de cada Tempo verbal na versão Almeida Revista e Corrigida.

Gráfico 2 – Tempo verbal no texto da ARC



Em valores percentuais, considerando os resultados mais expressivos, a versão ARC apresentou cerca de 43% de suas sentenças no Tempo Pretérito Perfeito, cerca de 10% a mais do que a versão NVI apresentou, cerca de 16% de sentenças no Tempo Pretérito Imperfeito, cerca de 4% a mais do que na NVI, e cerca de 14% de sentenças no Imperativo, contra 12% na NVI.

Além disso, na montagem dos dois gráficos acima, nesta seção, foi possível ver que, considerando todas as quatro categorias, a ARC apresentou um Tempo verbal a mais do que a NVI, indo aparentemente contra a expectativa de que a ARC fosse menos diversa em relação a Tempos verbais do que a NVI.

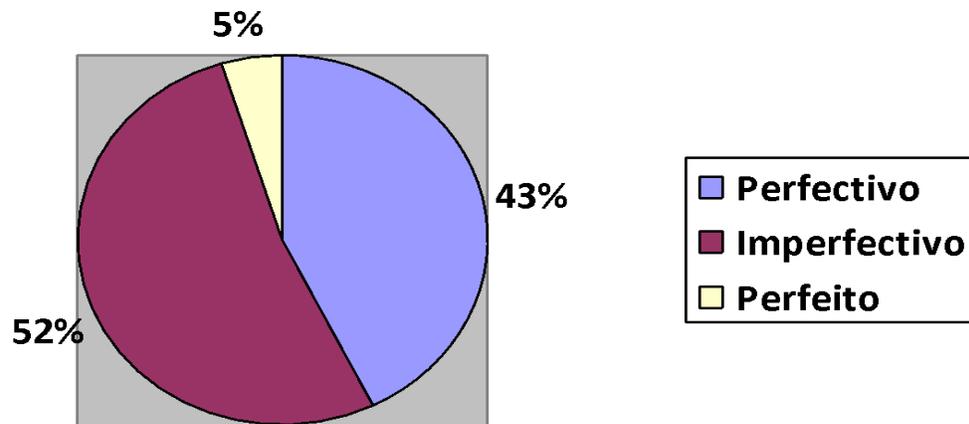
5.4.2 O ASPECTO VERBAL NAS DUAS VERSÕES BÍBLICAS

Em relação ao Aspecto, foram encontradas, na NVI:

- 44 sentenças no Aspecto Imperfectivo; 8 das 9 sentenças da Categoria Intermediária, 30 das 36 sentenças de Discurso Direto, 6 das 12 sentenças de Fundo narrativo, nenhuma de Figura narrativa.
- 4 sentenças no Aspecto Perfectivo; 4 das 12 sentenças de Fundo narrativo, nenhuma de Categoria Intermediária, Discurso Direto e de Figura narrativa.
- 36 sentenças no Aspecto Imperfectivo, sendo 27 delas presentes na Figura narrativa, apenas 9 sentenças de Aspecto Perfectivo, portanto, foram encontradas nas demais categorias: Fundo e categorias secundárias. Nessas demais categorias foram encontradas 1 das 9 sentenças da Categoria Intermediária, 6 das 36 sentenças de Discurso Direto, e 2 das 12 sentenças de Fundo narrativo.

Em valores percentuais, a versão NVI apresentou 52% de suas sentenças no Aspecto Imperfectivo, 43% no Perfectivo, e 5% no Perfeito. O Gráfico 3, abaixo, expressa a porcentagem aproximada de ocorrência de cada Aspecto verbal na Nova Versão Internacional.

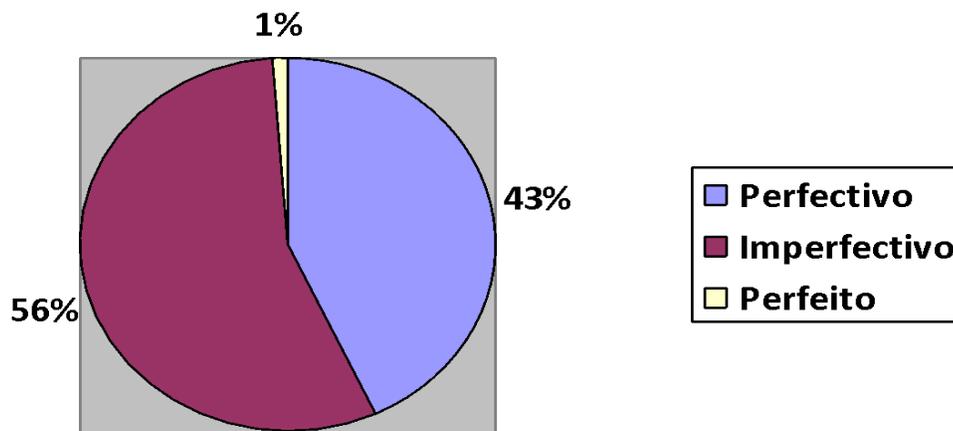
Gráfico 3 – Aspecto verbal no texto da NVI



Ainda em relação ao Aspecto, foram encontradas, na ARC:

- 49 sentenças no Aspecto Imperfectivo; 6 das 6 sentenças da Categoria Intermediária, 27 das 35 sentenças de Discurso Direto, 16 das 17 sentenças de Fundo narrativo, nenhuma de Figura narrativa.
- apenas 1 sentença no Aspecto Perfeito, presente no Fundo narrativo, 1 das 17 sentenças de Fundo narrativo.
- 38 sentenças no Aspecto Perfectivo, sendo 30 delas presentes na Figura narrativa, apenas 8 sentenças de Aspecto Perfectivo, portanto, foram encontradas nas demais categorias: Fundo e categorias secundárias. Nessas demais categorias foram encontradas 8 das 35 sentenças de Discurso Direto, nenhuma de Categoria Intermediária e de Figura narrativa.

Gráfico 4 – Aspecto verbal no texto da ARC



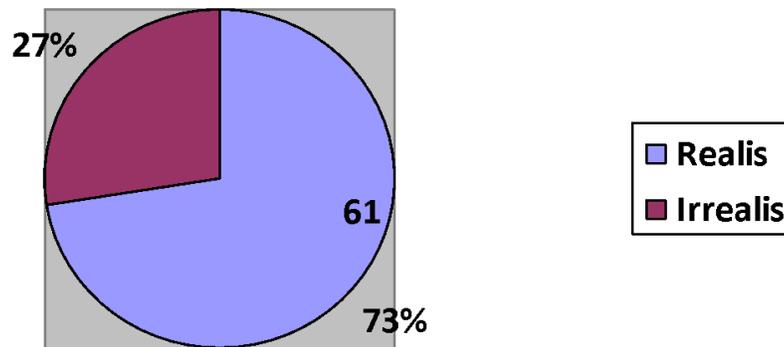
O Gráfico 4, acima, expressa a porcentagem aproximada de ocorrência de cada Aspecto verbal na versão Almeida Revista e Corrigida. Em valores percentuais, a versão ARC apresentou 56% de suas sentenças no Aspecto Imperfectivo, 43% no Perfectivo, e 1% no Perfeito. Esse resultado e os gráficos mostram que a ARC é mais homogênea aspectualmente do que a NVI.

5.4.3 O MODO VERBAL NAS DUAS VERSÕES BÍBLICAS

Em relação ao Modo, foram encontrados os números:

Na NVI, 23 sentenças no modo *Irrealis*, portanto, 61 sentenças no modo *Realis*. Descartando as 27 sentenças da Figura narrativa no modo *Realis*, houve 34 sentenças das demais categorias que se apresentaram no modo *Realis*. Nessas ocorrências foram encontradas 6 das 9 sentenças da Categoria Intermediária, 17 das 36 sentenças de Discurso Direto, e 11 das 12 sentenças de Fundo narrativo no modo *Realis*. Restaram, portanto, no modo *Irrealis*, 3 das 9 sentenças da Categoria Intermediária, 19 das 36 sentenças de Discurso Direto, e 1 das 12 sentenças de Fundo narrativo, e nenhuma sentença de Figura narrativa no modo *Irrealis*, totalizando 23.

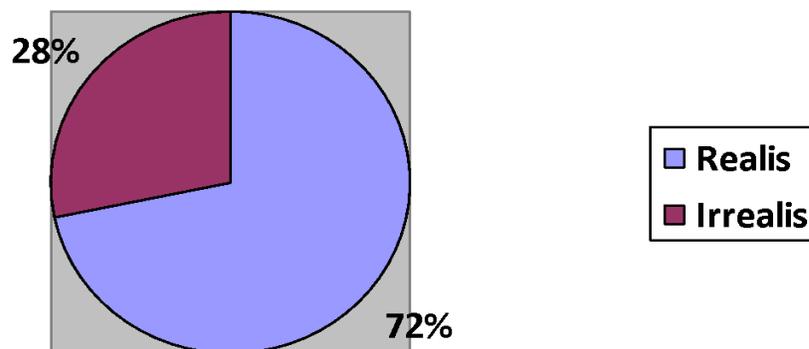
Gráfico 5 – Modo verbal no texto da NVI



O Gráfico 5, acima, expressa a porcentagem aproximada de ocorrência dos modos verbais na Nova Versão Internacional. Em valores percentuais, a versão NVI apresentou 73% de suas sentenças no Modo *Realis*, 27% no Modo *Irrealis*.

Na ARC, 25 sentenças no Modo *Irrealis*, portanto, 63 sentenças no modo *Realis*. Descartando as 30 sentenças da Figura narrativa no modo *Realis*, houve 33 sentenças das demais categorias que se apresentaram no modo *Realis*. Nessas 33 ocorrências categorias foram encontradas 2 das 6 sentenças da Categoria Intermediária, 17 das 35 sentenças de Discurso Direto, e 14 das 17 sentenças de Fundo narrativo no modo *Realis*. Restaram, portanto, no modo *Irrealis*, 4 das 6 sentenças da Categoria Intermediária, 18 das 35 sentenças de Discurso Direto, e 3 das 17 sentenças de Fundo narrativo, e nenhuma sentença de Figura narrativa no modo *Irrealis*, totalizando 25.

Gráfico 6 – Modo verbal no texto da ARC



O Gráfico 6, acima, expressa a porcentagem aproximada de ocorrência dos modos verbais na versão Almeida Revista e Corrigida. Em valores percentuais, a versão ARC apresentou 72% de suas sentenças no Modo *Realis*, 28% no Modo *Irrealis*.

Os resultados da análise do Modo nas duas versões bíblicas vão de encontro ao que se supôs anteriormente neste trabalho: que a narração da versão NVI fosse feita mais no Modo *Realis* do que a narração feita pela versão ARC, conseqüentemente, a ARC utilizaria com mais frequência do que a NVI o Modo *Irrealis*, que não é o mais esperado para uma narrativa. Neste ponto do trabalho, é possível constatar que tanto a NVI quanto a ARC utilizam o Modo *Realis* em 72% a 73% das ocorrências.

Sobre os resultados obtidos nessa análise do Modo verbal, vale lembrar algo já exposto neste trabalho anteriormente. Existe certa predileção a esperar que o Modo verbal *realis* seja preferido em relação ao Modo verbal *irrealis* em narrativas. Segundo Azevedo (1995), essa preferência ocorreria devido à noção de que o que está sendo narrado é tido como certo, acontecido, factual, pelo receptor da narrativa, ainda que essa factualidade seja em uma realidade criada para a narrativa. Os números encontrados nessa análise parecem indicar que o modo *Irrealis* ainda é consideravelmente utilizado em narrativas, pois, na NVI, 27% das sentenças estão no modo *Irrealis*, e na ARC, 28% das sentenças estão no Modo *Irrealis*. Isso indica que nessas narrativas quase um terço da descrição trata de eventos não ocorridos, como suposições, expectativas, atividades não realizadas ou não cumpridas, etc.

Todavia, é muito importante ressaltar que, se não considerarmos a categoria Discurso Direto como propriamente parte da narrativa, mas como parte da encenação, os resultados em relação ao Modo verbal em narrativas voltam a estar em mais conformidade com o que autores como Azevedo (2005) disseram. Observam-se, portanto, as seguintes novas análises:

Na NVI, desconsiderando a categoria Discurso Direto, há 4 sentenças no modo *Irrealis* (cerca de 8%), e 44 sentenças no modo *Realis* (cerca de 92%). Além das 27 sentenças da Figura narrativa no modo *Realis*, houve 17 sentenças das demais categorias que se apresentaram no modo *Realis*. Nessas ocorrências foram encontradas 6 das 9 sentenças da Categoria Intermediária, e 11 das 12 sentenças de Fundo narrativo no modo *Realis*. Restaram, portanto, 3 das 9 sentenças da Categoria Intermediária, e 1 das 12 sentenças de Fundo narrativo, e nenhuma sentença de Figura narrativa no modo *Irrealis*, totalizando 4 sentenças no modo *Irrealis*.

Na ARC, deixando de lado as sentenças da categoria Discurso Direto, há apenas 7 sentenças (cerca de 13%) no Modo *Irrealis*, e 46 sentenças (cerca de 87%) no modo *Realis*. Descartando as 30 sentenças da Figura narrativa no modo *Realis*, houve 16 sentenças das demais categorias que se apresentaram no modo *Realis*. Nessas 16 ocorrências das outras categorias, foram encontradas 2 das 6 sentenças da Categoria Intermediária, e 14 das 17 sentenças de Fundo narrativo no modo *Realis*. Restaram, portanto, 4 das 6 sentenças da Categoria Intermediária, e 3 das 17 sentenças de Fundo narrativo, e nenhuma sentença de Figura narrativa no modo *Irrealis*, totalizando apenas 7 sentenças no modo *Irrealis*.

Não somente os resultados da modalidade verbal nas narrativas são afetados pela análise das unidades de Discurso Direto, mas também os tipos de tempos verbais ficam muito mais variados devido ao fato de, em falas, não haver propriamente o ato de narração. Dessa forma, os resultados obtidos considerando o Discurso Direto não são tão fiéis à análise dos planos discursivos em narrativas. Portanto, para cumprir mais adequadamente os objetivos deste trabalho, a partir deste momento da análise, não consideraremos mais as unidades oracionais de Discurso Direto como material de análise dos planos discursivos das narrativas de Jonas.

6 ANÁLISE E RESULTADOS SEM A CATEGORIA DISCURSO DIRETO

Seguindo o raciocínio apresentado ao fim da seção 5.4.3, ao desconsiderar as sentenças e resultados da categoria secundária Discurso Direto, é possível fazer uma análise mais apurada do texto narrativo. Isso se deve ao fato de que as sentenças, logo as unidades oracionais, que aparecem no Discurso Direto não são necessariamente descrições narrativas, seja de Figura, seja de Fundo, mas, sim, tratam mais do conteúdo comunicativo, associado a verbos dicendi como “disse”, “perguntou”, “respondeu”. Por conseguinte, há uma pluralidade de verbos e resultados no sistema TAM nessa categoria que não auxiliam a avaliação da construção narrativa. Dessa forma, a partir deste ponto do trabalho, não analisaremos mais os resultados da categoria secundária Discurso Direto.

Outro ponto importante a se colocar aqui é que a categoria secundária denominada Categoria Intermediária se mostrou muito mais próxima formalmente à categoria Fundo narrativo do que à categoria Figura narrativa. Portanto, também a partir deste momento de análise, o Fundo narrativo englobará a Categoria Intermediária.

Estamos considerando, isto posto, 48 unidades oracionais da Nova Versão Internacional, e 53 unidades oracionais da versão Almeida Revista e Corrigida. Por conseguinte, nova tabela é gerada:

Tabela 17 – Nova Tabela comparativa das unidades oracionais da ARC e da NVI

Versão	Quantidade de unidades oracionais em FIGURA	Quantidade de unidades oracionais em FUNDO (Background)	Quantidade de unidades oracionais em Categoria Intermediária	<i>Total de unidades oracionais do Fundo global</i>	Total de unidades oracionais de cada versão
NVI	27 (56%)	12 (25%)	9 (19%)	=21 (44%)	=48
ARC	30 (57%)	17 (32%)	6 (11%)	=23 (43%)	=53

A Tabela 17 apresenta a percepção de que as unidades de Figura narrativa são a categoria mais expressiva numericamente em ambas as versões bíblicas em relação às outras categorias. Entretanto, diferentemente da Tabela 8, essa nova tabela, ao considerar a categoria secundária

Categoria Intermediária junto à categoria de Fundo narrativo, como um plano discursivo só, que chamaremos a partir deste ponto como Fundo global, e ao não considerar os resultados da categoria Discurso Direto como relevantes para nossa análise, revela que a Figura narrativa continua a ser a categoria mais expressiva numericamente, tanto na NVI (27 ocorrências de Figura contra 21 de Fundo global, 56% contra 44% respectivamente), quanto na ARC (30 ocorrências de Figura contra 23 de Fundo global, 57% contra 23% respectivamente). As versões bíblicas apresentam a diferença de duas unidades oracionais de Fundo global a menos na versão NVI.

Outra informação notável que a Tabela 17 traz é que a diferença de quantidade de unidades oracionais entre as versões praticamente não se altera ao serem desconsideradas as sentenças de Discurso Direto. Na primeira análise, a diferença entre as versões era de quatro unidades oracionais que a ARC apresentava a mais. Neste novo momento da análise, a versão ARC apresenta cinco sentenças a mais, elevando em uma unidade oracional a divergência numérica entre as versões bíblicas.

Nessa nova análise, em relação ao Tempo, cada uma das versões continuou a apresentar resultados diferentes entre si.

NVI:

29 verbos no Tempo Pretérito Perfeito: 27 de Figura narrativa, 1 de Categoria Intermediária, 1 de Fundo narrativo.

7 verbos no Pretérito Imperfeito: 2 de Categoria Intermediária, 5 de Fundo narrativo.

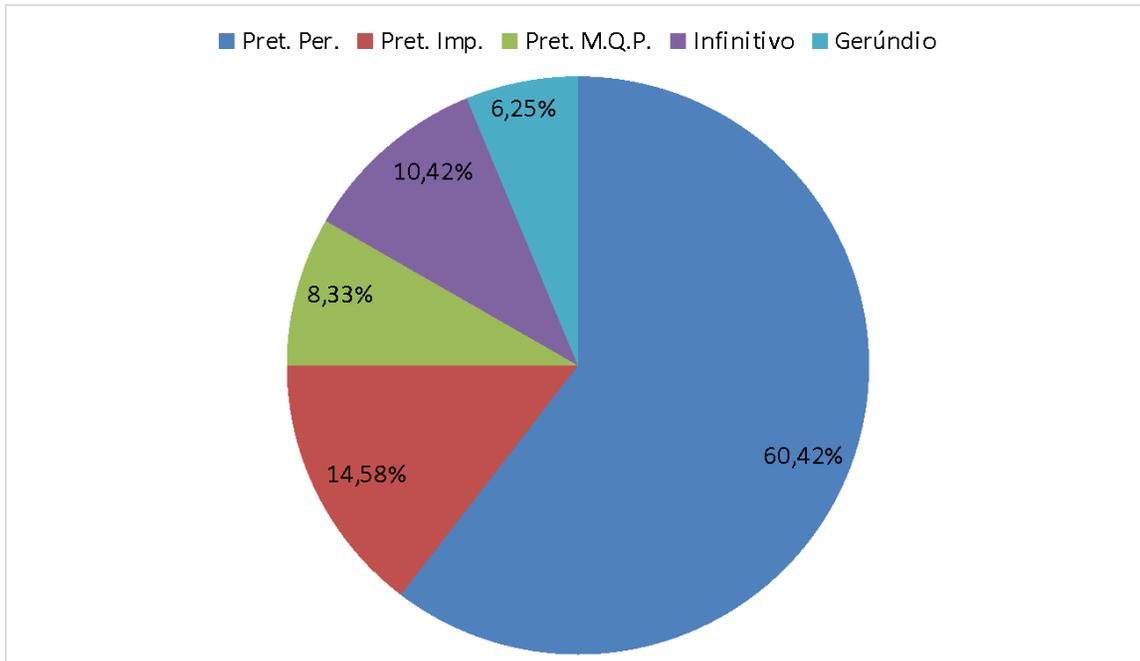
4 verbos no Pretérito mais-que-perfeito, de Fundo narrativo.

5 na Forma nominal Infinitivo: 3 de Categoria Intermediária, e 2 de Fundo narrativo.

3 verbos na Forma nominal Gerúndio, de Categoria Intermediária.

Totalizando 48 verbos em conformidade com as 48 unidades oracionais encontradas na versão NVI desconsiderando as unidades de Discurso Direto.

O Gráfico 7, abaixo, apresenta a porcentagem aproximada de ocorrência de cada Tempo verbal na Nova Versão Internacional, desconsiderando-se as sentenças de Discurso Direto.

Gráfico 7 – Tempo verbal no texto da NVI sem Discurso Direto

Nessa nova análise, a partir do Gráfico 7, em comparação ao Gráfico 1 (Tempo Verbal NVI), fica mais evidente a predominância do Pretérito Perfeito, com 60% das ocorrências, e a presença ainda relevante do Pretérito Imperfeito, com cerca de 15% das ocorrências, e do Infinitivo, com cerca de 11% das ocorrências. Pretérito mais-que-perfeito (8%) e Gerúndio (6%) também são expressivos nessa nova avaliação. Além disso, com a saída do Presente do Indicativo dos dados, fica claro que o narrador da história bíblica de Jonas não utilizou o Presente Histórico para descrever o desenrolar dos acontecimentos.

ARC:

30 verbos no Pretérito Perfeito: todos de Figura narrativa.

14 verbos no Pretérito Imperfeito: 1 de Categoria Intermediária, 13 de Fundo narrativo.

Apenas 1 verbo no tempo Pretérito mais-que-perfeito, de Fundo narrativo.

4 verbos na Forma nominal Infinitivo: 2 de Categoria Intermediária, 2 de Fundo narrativo.

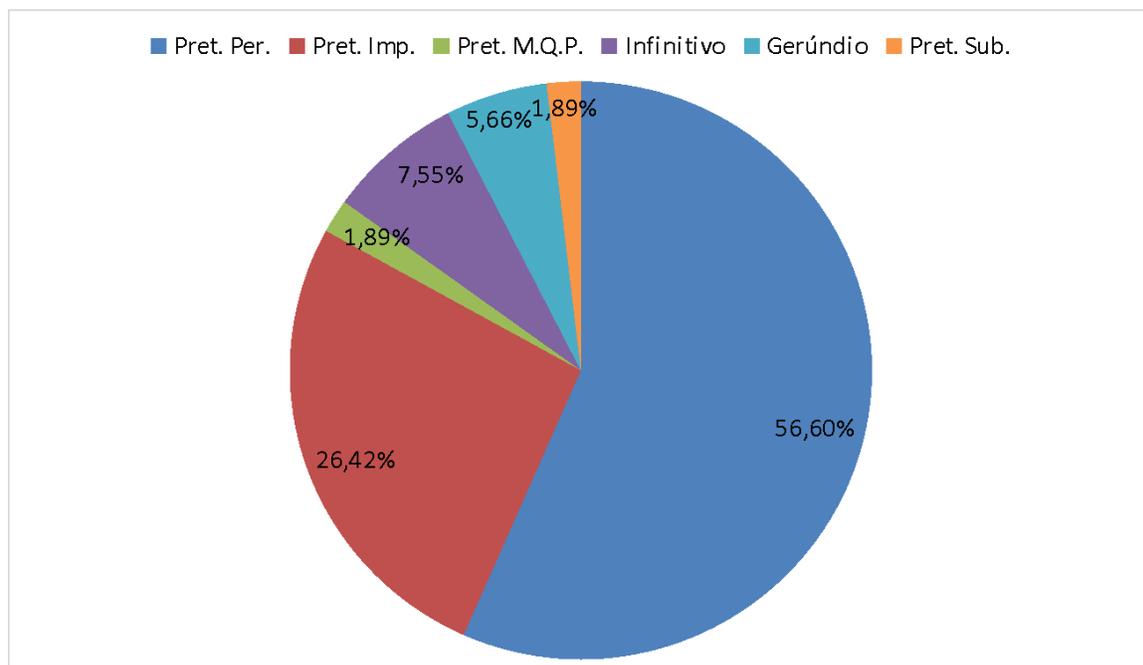
3 verbos na Forma nominal Gerúndio: 2 de Categoria Intermediária, 1 de Fundo narrativo.

Apenas 1 verbo no tempo Pretérito Imperfeito do Subjuntivo, de Categoria Intermediária.

Totalizando 53 verbos em conformidade com as 53 unidades oracionais encontradas na versão Almeida Revista e Corrigida, desconsiderando as sentenças de Discurso Direto.

O Gráfico 8, abaixo, expressa a porcentagem de ocorrência de cada Tempo verbal na versão Almeida e Revista e Corrigida, desconsiderando-se as sentenças de Discurso Direto.

Gráfico 8 – Tempo verbal no texto da ARC sem Discurso Direto



Nessa nova análise do texto da versão ARC, a partir do Gráfico 8, em comparação ao Gráfico 2 (Tempo Verbal ARC), semelhantemente ao ocorrido na análise da NVI, fica mais evidente a predominância do Pretérito Perfeito, com 57% das ocorrências. O Pretérito Imperfeito se mostrou muito relevante com 26% das ocorrências. Por outro lado, diferentemente dos resultados da NVI, na ARC, devido à grande presença de sentenças no Pretérito Imperfeito, além de sentenças no Pretérito Perfeito, as unidades oracionais que se apresentaram no Infinitivo (7%), Gerúndio (6%), Pretérito mais-que-perfeito (2%), e Pretérito Imperfeito do Subjuntivo (2%) não mostraram números tão expressivos. Observa-se aqui que a versão ARC, mesmo desconsideradas as unidades oracionais de Discurso Direto, apresentou ocorrência do Pretérito Imperfeito do Subjuntivo, o que não aconteceu na versão NVI. Essa constatação pode demonstrar, diferentemente da primeira análise na seção 5 deste trabalho, a qual ainda considerava as sentenças de Discurso Direto, que a

versão ARC é apresenta tempos diversos, quando são consideradas todas as três categorias Figura, Fundo e Categoria Intermediária. A ARC também lança mão de Tempos verbais do modo *irrealis*, como os verbos do modo Subjuntivo. Nessa nova análise também, com a saída do Presente do Indicativo dos dados, fica claro que o narrador da história bíblica de Jonas não utilizou o Presente Histórico para descrever o desenrolar dos acontecimentos.

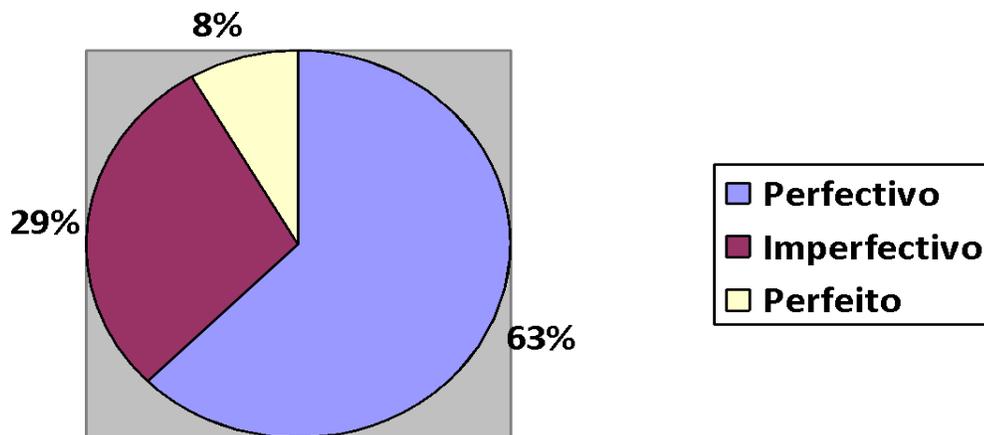
Em relação ao Aspecto, em cada uma das versões, os resultados foram os seguintes.

Na versão NVI:

- 30 sentenças no Aspecto Perfectivo; 27 das 27 sentenças de Figura narrativa, 1 das 9 sentenças da Categoria Intermediária, e 2 das 12 sentenças de Fundo narrativo.
- 14 sentenças no Aspecto Imperfectivo; 8 das 9 sentenças da Categoria Intermediária, 6 das 12 sentenças de Fundo narrativo, nenhuma de Figura narrativa.
- 4 sentenças no Aspecto Perfeito; 4 das 12 sentenças de Fundo narrativo.

O Gráfico 9, abaixo, apresenta as porcentagens de ocorrência cada Aspecto verbal na Nova Versão Internacional.

Gráfico 9 – Aspecto verbal no texto da NVI sem Discurso Direto

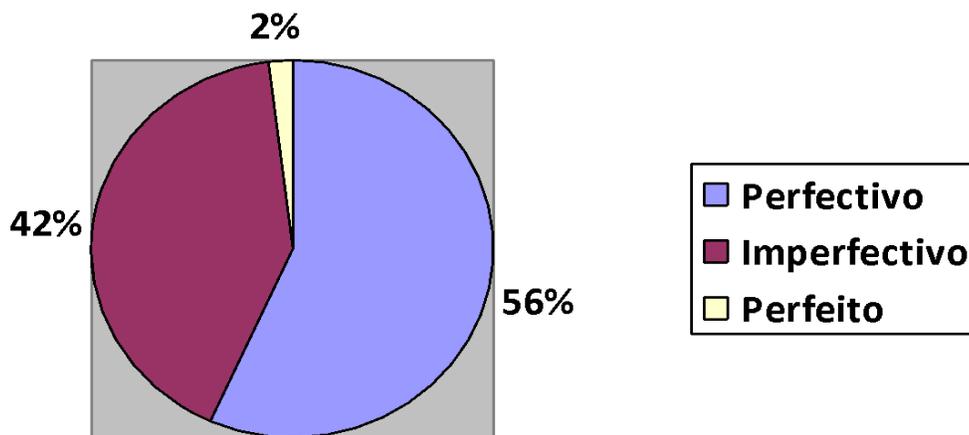


Na versão ARC:

- 30 sentenças no Aspecto Perfectivo, 30 das 30 sentenças de Figura narrativa, e nenhuma de Categoria Intermediária e de Figura narrativa.
- 22 sentenças no Aspecto Imperfectivo; 6 das 6 sentenças da Categoria Intermediária, 16 das 17 sentenças de Fundo narrativo, nenhuma de Figura narrativa.
- apenas 1 sentença no Aspecto Perfeito, presente no Fundo narrativo, 1 das 17 sentenças de Fundo narrativo.

Ressalta-se que na versão Almeida Revista e Corrigida não houve sentenças de Fundo global no Aspecto Perfectivo, como aconteceria se considerássemos a categoria Discurso Direto como parte do Fundo narrativo global. O Gráfico 10, abaixo, apresenta as porcentagens de ocorrência cada Aspecto verbal na versão Almeida Revista e Corrigida.

Gráfico 10 – Aspecto verbal no texto da ARC sem Discurso Direto



Nesta análise da seção 6, que desconsidera as sentenças de Discurso Direto, o Aspecto Imperfectivo tanto na ARC quanto na NVI deixa de ser a maior parte das ocorrências, caindo consideravelmente em frequência na NVI, de 52% para 29%, enquanto a ARC diminui apenas de 56% para 42% das

ocorrências. O Aspecto Perfectivo, por sua vez, aumenta nas duas versões e passa ser a maior parte de ocorrências.

Em relação ao Modo, houve as seguintes mudanças em cada uma das versões.

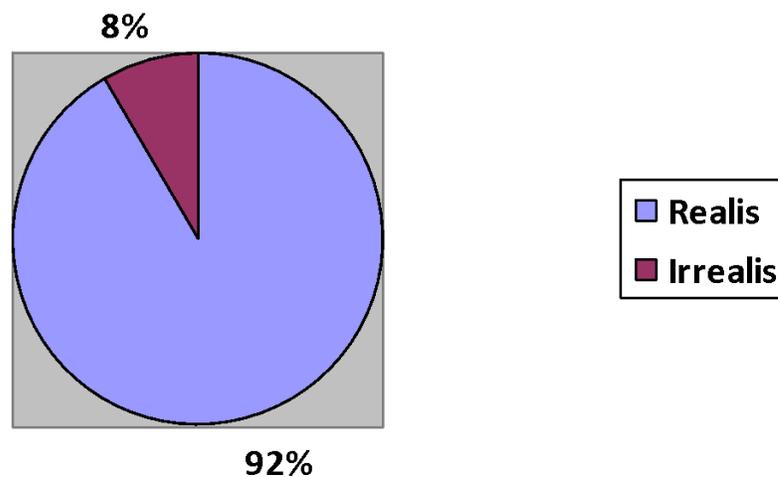
NVI:

- 44 ocorrências no Modo *Realis*: 27 das 27 sentenças da Figura narrativa, 6 das 9 sentenças da Categoria Intermediária, e 11 das 12 sentenças de Fundo narrativo.

- 4 ocorrências do Modo *Irrealis*: 3 das 9 sentenças da Categoria Intermediária, e 1 das 12 sentenças de Fundo narrativo.

O Gráfico 11, abaixo, apresenta as porcentagens de ocorrência dos modos verbais na Nova Versão Internacional.

Gráfico 11 – Modo verbal no texto da NVI sem Discurso Direto



Há uma grande diminuição da porcentagem do Modo *Irrealis*, que caiu de 27% para 8%, e aumento do Modo *Realis* de 73% para 92%.

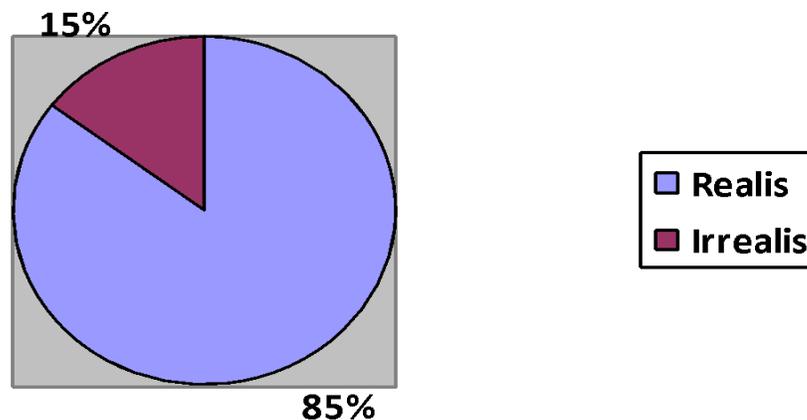
ARC:

- 46 ocorrências do Modo *Realis*: 30 das 30 sentenças da Figura, 2 das 6 sentenças da Categoria Intermediária, e 14 das 17 sentenças de Fundo narrativo.

- 7 ocorrências do Modo *Irrealis*: 4 das 6 sentenças da Categoria Intermediária, e 3 das 17 sentenças de Fundo narrativo.

O Gráfico 12, abaixo, apresenta as porcentagens de ocorrência dos modos verbais na versão Almeida Revista e Corrigida.

Gráfico 12 – Modo verbal no texto da ARC sem Discurso Direto



Na versão ARC, a diminuição do Modo *Irrealis* é menor do que na NVI. Na versão Almeida Revista e Corrigida, de 28%, as ocorrências de modo *Irrealis* continuaram 15%, enquanto que na NVI, de 27%, as ocorrências do modo *Irrealis* caíram para 8%. A versão ARC, portanto, teve crescimento de ocorrências no Modo *Realis* de 72% para apenas 85%.

Esses dados comprovam que a versão ARC utiliza uma frequência considerável de sentenças no Modo *Irrealis*, diferentemente do que havia sido pressuposto no começo deste estudo ao considerar que, em narrativas, o Modo *Irrealis* quase não seria utilizado.

Nesta próxima seção, discutiremos como o Fundo global de cada uma das versões ARC e NVI se comportam em relação a Tempo, Aspecto e Modo verbais.

6.1 Resultados das categorias TAM no Fundo Narrativo Global

Novamente, consideramos como Fundo global a categoria Fundo narrativo e a Categoria Intermediária, por esta se mostrar muito mais semelhante em aspectos formais ao Fundo, mais variado em TAM, do que à Figura narrativa. Os resultados obtidos em cada versão foram os seguintes.

Em relação ao Tempo:

NVI: 2 sentenças no Pretérito Perfeito, 7 sentenças no Pretérito Imperfeito, 4 sentenças no Pretérito mais-que-perfeito, 5 sentenças na Forma Nominal Infinitivo, 3 sentenças na Forma Nominal Gerúndio.

ARC: nenhuma sentença no Pretérito Perfeito, 14 sentenças no Pretérito Imperfeito, 1 sentença no Pretérito mais-que-perfeito, 4 sentenças na Forma Nominal Infinitivo, 3 sentenças na Forma Nominal Gerúndio, 1 sentença no Pretérito Imperfeito do Subjuntivo.

Gráfico 13 – Tempo verbal no Fundo global da NVI

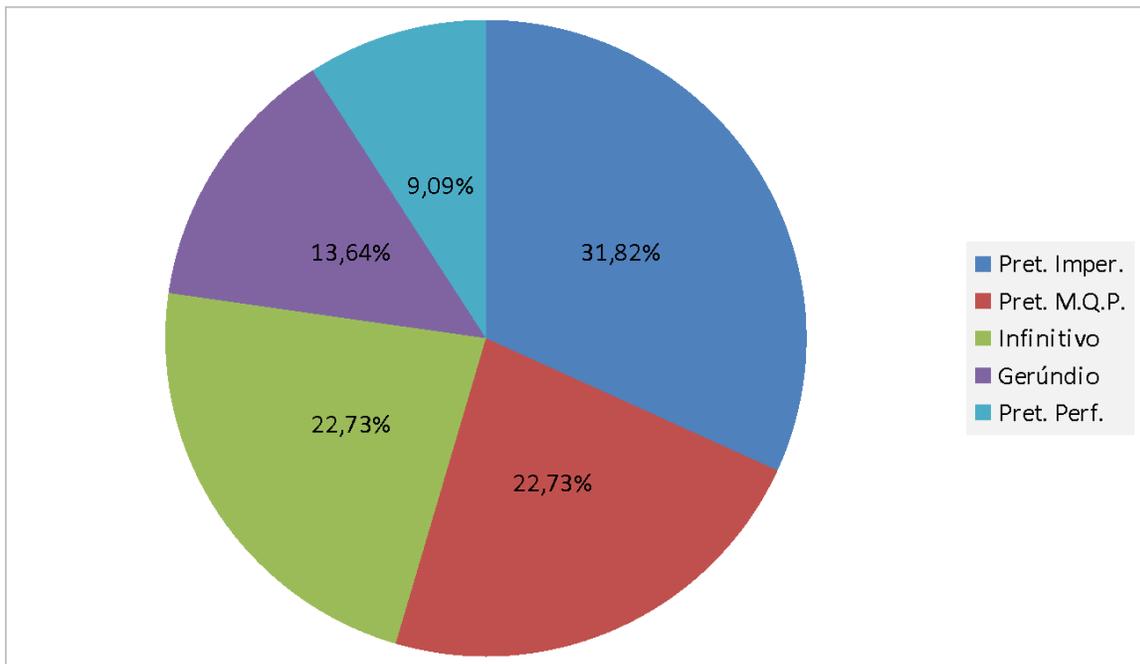
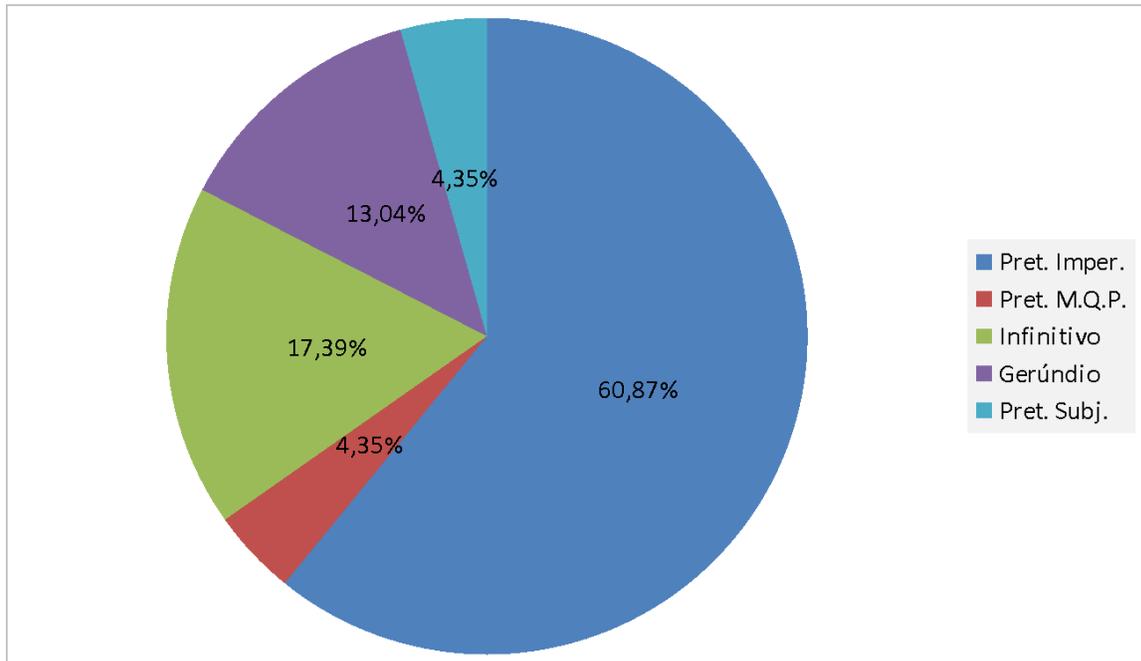


Gráfico 14 – Tempo verbal no Fundo global da ARC



Com base nos gráficos 13 e 14, pode-se perceber que a versão bíblica ARC, em seu plano discursivo de Fundo, apresenta mais frequentemente o uso do Pretérito Imperfeito em relação à versão NVI. Além disso, no Fundo narrativo da ARC, o Pretérito Imperfeito se mostra bem mais frequente que qualquer outro Tempo verbal. Apenas Infinitivo e Gerúndio têm alguma expressão, contudo ainda pequena se comparada aos 61% de ocorrência do Pretérito Imperfeito. Por outro lado, a versão NVI apresenta uma variedade de frequência dos Tempos verbais em seu Fundo narrativo. Há maior utilização do Pretérito Imperfeito, entretanto o Pretérito mais-que-perfeito e o Infinitivo também se mostram Tempos bem relevantes na descrição narrativa nessa versão. Esse resultado continua condizente com as primeiras análises deste trabalho, que consideravam Discurso Direto, descrevendo a versão NVI como temporalmente mais diversa, ou seja, não há grande predominância de um tempo verbal no Fundo narrativo como houve na ARC.

Em relação ao Aspecto:

NVI: 14 sentenças no Aspecto Imperfectivo, 4 no Perfeito, e 3 no Perfectivo.

ARC: 22 sentenças no Aspecto Imperfectivo, 1 sentença no Perfeito, e nenhuma no Perfectivo.

Mais uma vez, a NVI se revela mais diversa do que a ARC, resultado este diferente do que se obteve quando também eram considerados as estrutura Figura e o Discurso Direto. A versão ARC praticamente utilizou apenas o Aspecto Imperfectivo, com uma única ocorrência do Aspecto Perfeito. Já a versão NVI fez grande uso do Aspecto Imperfectivo, 67% das ocorrências, contudo também utilizou o Aspecto Perfeito e o Aspecto Perfectivo em sua elaboração descritiva, equivalentes a 33% das ocorrências, praticamente um terço destas. Os gráficos 15 e 16 a seguir explicitam as porcentagens de uso aspectual.

Gráfico 15 – Aspecto verbal no Fundo global da NVI

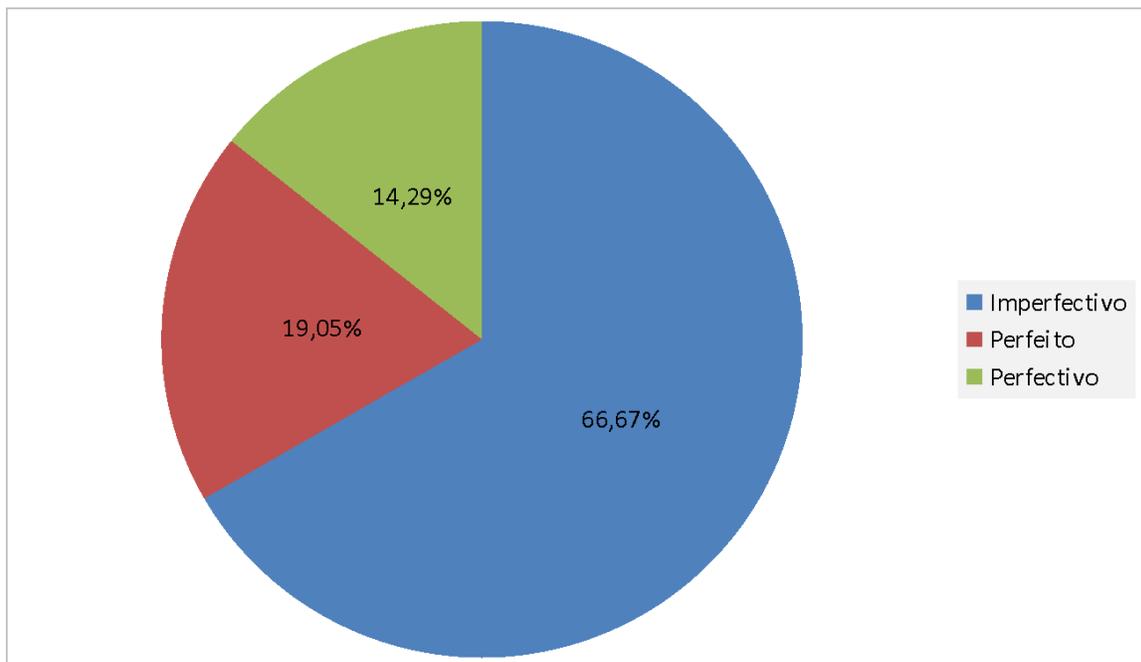
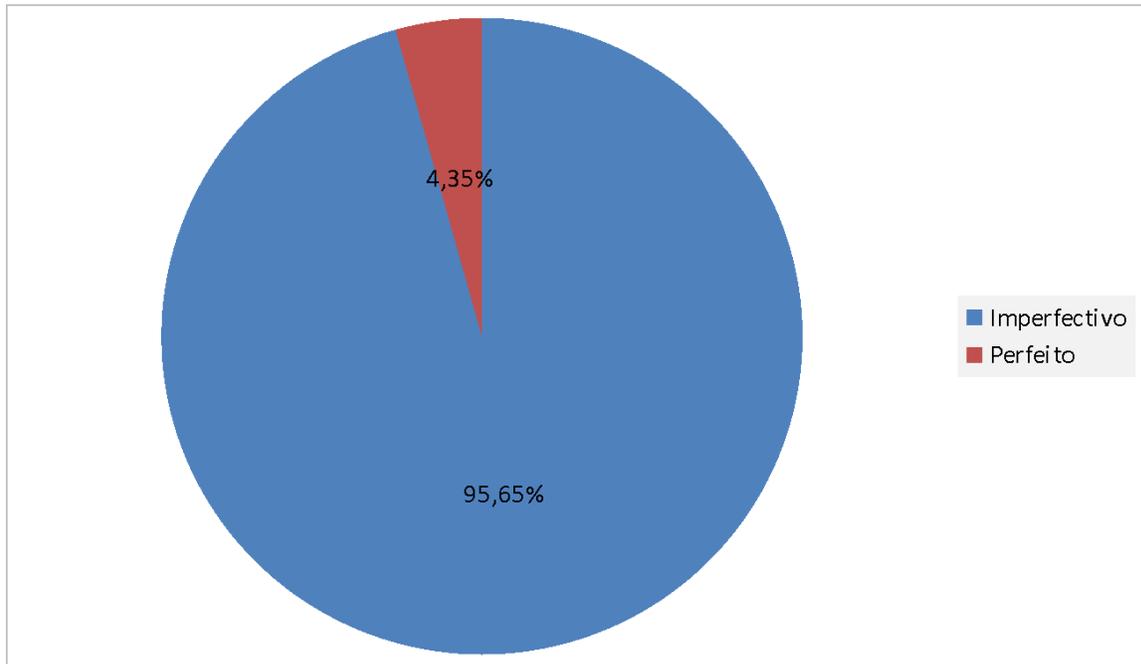


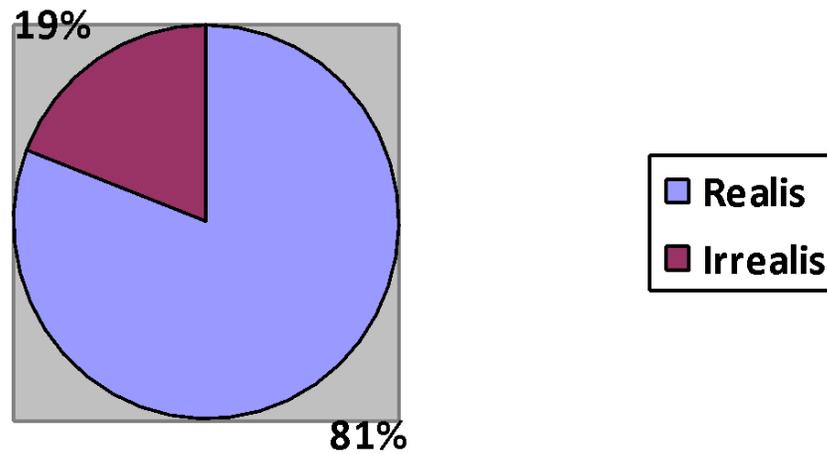
Gráfico 16 – Aspecto verbal no Fundo global da ARC



Em relação ao Modo:

NVI: 17 sentenças no Modo *Realis*, 4 sentenças no Modo *Irrealis*.

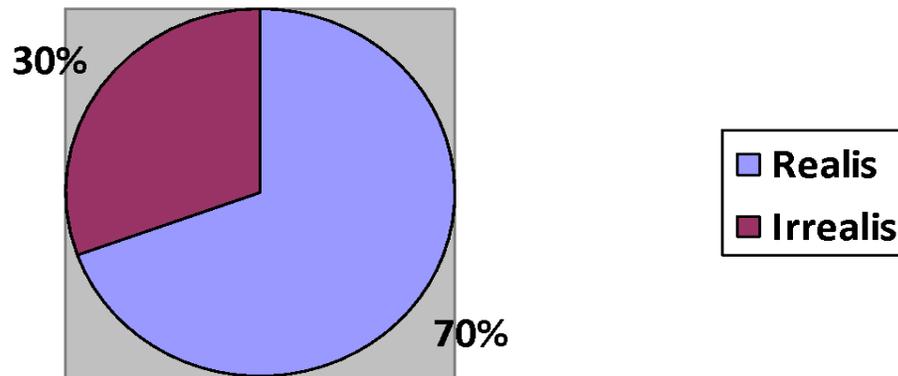
Gráfico 17 – Modo verbal no Fundo global da NVI



O Gráfico 17, acima, demonstra as porcentagens de cada modo verbal no Fundo global da NVI.

ARC: 16 sentenças no Modo *Realis*, 7 sentenças no Modo *Irrealis*.

Gráfico 18 – Modo verbal no Fundo global da ARC



O Gráfico 18, acima, demonstra as porcentagens de cada modo verbal no Fundo global da versão ARC.

Apenas na categoria Modo, as versões parecem se comportar um pouco mais similarmente. A maior parte das sentenças nas duas versões foi elaborada no Modo *Realis*. Todavia, é importante notar que, mesmo com sentenças mais numerosas, a ARC apresentou menos ocorrências no Modo *Realis* (70%) em comparação à NVI (81%). Atesta-se, portanto, que, na descrição do Fundo narrativo, a versão ARC utiliza uma parte relevante de suas sentenças (30%) no Modo *Irrealis*.

6.2 Análise dos Níveis de Fundidade

Como Silveira (1990) propôs, analisaremos nesta parte do trabalho níveis de fundidade. Tomaremos como ponto inicial que o Fundo narrativo pode se apresentar em diferentes níveis, por ser uma categoria variada e complexa, diferentemente da Figura narrativa.

Conforme tratado antes, reitera-se que entre as sentenças de Fundo narrativo, há sentenças com grau maior de fundidade e sentenças com grau menor. Entretanto, diferentemente do tipo de análises feitas até este ponto, esses níveis de fundidade propostos por Silveira não são

categorizados a partir de bases formais, mas sim considerados e separados a partir de sentidos e significados das orações na narrativa.

Por conseguinte, a análise dos níveis de fundidade das sentenças de Fundo global na narrativa de Jonas acontecerá não por meio de análise classificatória dos verbos de suas sentenças, mas pelas informações que as unidades oracionais como um todo apresentam ao receptor da narrativa.

6.2.1 NÍVEIS DE FUNDIDADE NA VERSÃO NVI

1º Nível de Fundidade - Composto por sentenças mais semelhantes a sentenças de Figura narrativa, engloba orações que trazem informações objetivas ao apresentar resumidamente a história a ser narrada, com possíveis antecipações da trama, apresenta o cenário, os participantes da história ou alguma informação a mais sobre eles.³⁴

As unidades oracionais que se encaixaram neste nível foram as dispostas abaixo.

NVI C2	onde <u>encontrou</u> um navio	<u>encontrou</u>	Pretérito perfeito	Perfectivo	<i>Realis</i>
NVI B2	e cada um <u>clamava</u> ao seu próprio deus.	<u>clamava</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI B3	Enquanto isso, Jonas, que <u>tinha descido</u> ao porão	<u>tinha descido</u>	Pretérito mais-que-perfeito (locução verbal)	Perfeito	<i>Realis</i>
NVI B4	e se [tinha] <u>deitado</u> ,	[tinha] <u>deitado</u>	Pretérito mais-que-perfeito	Perfeito	<i>Realis</i>
NVI B5	[Jonas] <u>dormia</u> profundamente	<u>dormia</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI B9	Visto que o mar <u>estava</u> cada vez mais agitado,	<u>estava</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>

³⁴ O discurso direto entraria nesse primeiro nível de Fundidade, contudo, nesta etapa da pesquisa, não estamos mais considerando analiticamente as unidades oracionais de discurso direto.

NVI B10	Ao <u>verem</u> isso,	<u>verem</u>	Forma nominal: infinitivo pessoal	Imperfectivo	<i>Realis</i>
------------	-----------------------	--------------	--	--------------	---------------

Resultados 1º nível - NVI: 7 das 21 sentenças de Fundo global pertencem a esse nível (33%).

Tempo: Pretérito perfeito (1), Pretérito mais-que-perfeito (2), Pretérito Imperfeito (3), Infinitivo (1)

Aspecto: Imperfectivo (4), Perfeito (2), Perfectivo (1)

Modo: Apenas modo *realis* (7)

2º Nível de Fundidade – Lida com o âmbito de ocorrência das circunstâncias narradas como tempo (localização temporal dos eventos), modo/maneira e finalidade dos ocorridos.

As unidades oracionais que se encaixaram neste nível foram as dispostas abaixo.

NVI C4	para <u>fugir</u> do Senhor.	<u>fugir</u>	Forma nominal: infinitivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI C6	para <u>tornar</u> o navio mais leve.	<u>tornar</u>	Forma nominal: infinitivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI C10	para <u>remar</u> de volta à terra.	<u>remar</u>	Forma nominal: infinitivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI B1	Depois de <u>pagar</u> a passagem,	<u>pagar</u>	Forma nominal: Infinitivo	Perfectivo	<i>Realis</i>

Resultados 2º nível - NVI: 4 das 21 sentenças de Fundo global pertencem a esse nível (19%).

Tempo: Apenas Infinitivo (4)

Aspecto: Imperfectivo (3), Perfectivo (1)

Modo: *Irrealis* (3), *Realis* (1)

3º Nível de Fundidade - Engloba orações relacionadas a outras orações, especificando ou ampliando informações, realizado por meio de orações adjetivas, ou que complementam o verbo da anterior.

As unidades oracionais que se encaixaram neste nível foram as dispostas abaixo.

NVI C1	<u>dirigindo</u> -se para Társis.	<u>dirigindo</u>	Forma nominal: gerúndio	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI C3	que se <u>destinava</u> àquele porto.	<u>destinava</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI C8	<u>oferecendo</u> -lhe sacrifício	<u>oferecendo</u>	Forma nominal: gerúndio	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI C9	e <u>fazendo</u> -lhe votos.	<u>fazendo</u>	Forma nominal: gerúndio	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI B7	que Jonas <u>estava fugindo</u> do SENHOR,	<u>estava fugindo</u>	Pretérito Imperfeito (locução verbal)	Imperfectivo	<i>Realis</i>

Resultados 3º nível - NVI: 5 das 21 sentenças de Fundo global pertencem a esse nível (24%).

Tempo: Pretérito Imperfeito (2), Gerúndio (3)

Aspecto: Apenas Imperfectivo (5)

Modo: Apenas modo *realis* (5)

4º Nível de Fundidade - Apresenta orações que descrevem causa ou consequência dos fatos narrados, adversidade para os eventos descritos.

As unidades oracionais que se encaixaram neste nível foram as dispostas abaixo.

NVI C5	que o barco <u>ameaçava arrebentar</u> -se.	<u>ameaçava arrebentar</u>	Pretérito Imperfeito (locução verbal)	Imperfectivo	<i>Realis</i>
NVI B6	pois <u>sabiam</u>	<u>sabiam</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>

NVI B8	porque ele já lhes <u>tinha dito</u> .	<u>tinha dito</u>	Pretérito mais-que- perfeito	Perfeito	<i>Realis</i>
NVI B10	Mas não <u>conseguiram</u> ,	<u>conseguiram</u>	Pretérito Perfeito	Perfectivo	<i>Irrealis</i>
NVI B11	porque o mar <u>tinha ficado</u> ainda mais violento.	<u>tinha ficado</u>	Pretérito mais-que- perfeito	Perfeito	<i>Realis</i>

Resultados 4º nível - NVI: 5 das 21 sentenças de Fundo global pertencem a esse nível (24%).

Tempo: Pretérito perfeito (1), Pretérito mais-que-perfeito (2), Pretérito Imperfeito (2)

Aspecto: Imperfectivo (2), Perfeito (2), Perfectivo (1)

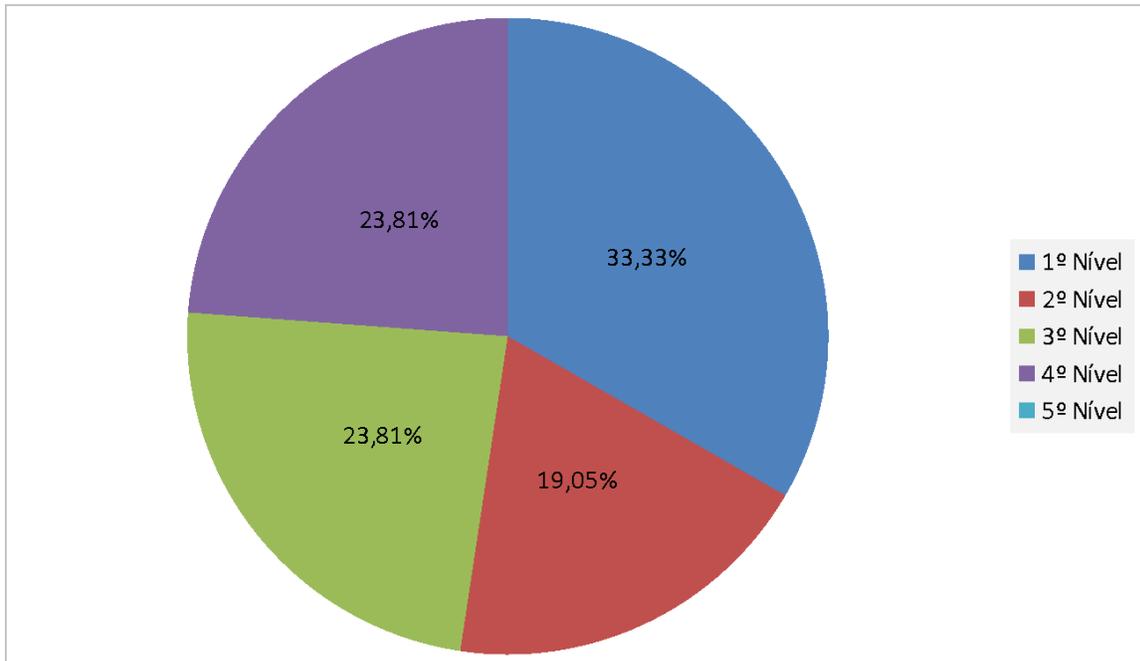
Modo: *Irrealis* (1), *Realis* (4)

5º Nível de Fundidade – No extremo oposto às sentenças de 1º nível, este quinto nível é o que tem menos características de Figura narrativa. É composto por orações que revelam intervenções narrativas de quem está contando a história. É espaço para as sentenças que apresentam opiniões do narrador, resumo pelo narrador do que este narrou, ou dúvida ou incerteza do narrador sobre o que está descrevendo.

Não houve sentenças do Fundo global presentes na versão NVI que se encaixassem nesse quinto nível de fundidade.

A partir dessa análise, foi gerado o Gráfico 19 abaixo.

Gráfico 19 – Porcentagem de ocorrências dos níveis de Fundidade na NVI



O Gráfico 19 explicita que o primeiro nível de fundidade nas unidades oracionais da NVI é mais frequente com cerca de 33% das ocorrências. Os níveis 3 e 4 são os que ocorrem mais em segundo lugar com cerca de 24% das ocorrências cada, totalizando cerca de 48% do Fundo global. O segundo nível de fundidade ocorre em cerca de 19% das unidades oracionais de Fundo. Já o nível 5 não ocorre em momento algum da narrativa.

6.2.2 NÍVEIS DE FUNDIDADE NA VERSÃO ARC

1º Nível de Fundidade

As unidades oracionais que se encaixaram neste nível foram as dispostas abaixo.

ARC C3	e, <u>descendo</u> a Jope,	<u>descendo</u>	Forma nominal: gerúndio	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B2	e <u>clamava</u> cada um ao seu deus,	<u>clamava</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>

ARC B3	e <u>lançavam</u> no mar as fazendas	<u>lançavam</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B6	e <u>dormia</u> um profundo sono.	<u>dormia</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B7	E <u>dizia</u> cada um ao seu companheiro:	<u>dizia</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B13	Entretanto, os homens <u>remavam</u> ,	<u>remavam</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>

Resultados 1º nível - ARC: 6 das 23 sentenças de Fundo global pertencem a esse nível (26%).

Tempo: Pretérito Imperfeito (5), Gerúndio (1)

Aspecto: Apenas Imperfectivo (6)

Modo: Apenas modo *realis* (6)

2º Nível de Fundidade

As unidades oracionais que se encaixaram neste nível foram as dispostas abaixo.

ARC C2	para <u>fugir</u> de diante da face do Senhor para Társsis;	<u>fugir</u>	Forma nominal: infinitivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC C5	para <u>ir</u> com eles para Társsis, de diante da face do Senhor.	<u>ir</u>	Forma nominal: infinitivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC C6	para que <u>tragasse</u> a Jonas;	<u>tragasse</u>	Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC B5	para o <u>aliviarem</u> do seu peso;	<u>aliviarem</u>	Forma nominal: infinitivo pessoal	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>

ARC B8	Pois <u>sabiam</u> os homens	<u>sabiam</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B10	porque ele lho <u>tinha declarado</u> .	<u>tinha declarado</u>	Pretérito mais-que-perfeito	Perfeito	<i>Realis</i>
ARC B11	Por que o mar se <u>elevava</u>	<u>elevava</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B12	e <u>engrossava</u> cada vez mais.	<u>engrossava</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B14	<u>esforçando-se</u>	<u>esforçando</u>	Forma nominal: gerúndio	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B15	por <u>alcançar</u> a terra,	<u>alcançar</u>	Forma nominal: infinitivo	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC B17	porquanto o mar se <u>ia embravecendo</u> cada vez mais contra eles.	<u>ia embravecendo</u>	Pretérito Imperfeito (locução verbal)	Imperfectivo	<i>Realis</i>

Resultados 2º nível - ARC: 11 das 23 sentenças de Fundo global pertencem a esse nível (48%).

Tempo: Pretérito mais-que-perfeito (1), Pretérito Imperfeito (4), Infinitivo (4), Gerúndio (1), Pretérito Imperfeito do Subjuntivo (1)

Aspecto: Imperfectivo (10), Perfeito (1)

Modo: *Irrealis* (5), *Realis* (6)

3º Nível de Fundidade

As unidades oracionais que se encaixaram neste nível foram as dispostas abaixo.

ARC C1	<u>dizendo</u> :	<u>dizendo</u>	Forma nominal: gerúndio	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC C4	que <u>ia</u> para Társsis;	<u>ia</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Irrealis</i>
ARC B4	que <u>estavam</u> no navio,	<u>estavam</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B9	que <u>fugia</u> de diante do Senhor,	<u>fugia</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Realis</i>

Resultados 3º nível - ARC: 4 das 23 sentenças de Fundo global pertencem a esse nível (17%).

Tempo: Pretérito Imperfeito (3), Gerúndio (1)

Aspecto: Apenas Imperfectivo (4)

Modo: *Irrealis* (1), *Realis* (3)

4º Nível de Fundidade

As unidades oracionais que se encaixaram neste nível foram as dispostas abaixo.

ARC B1	e o navio <u>estava para quebrar-se</u> .	<u>estava para quebrar</u>	Pretérito Imperfeito (perífrase verbal)	Imperfectivo	<i>Realis</i>
ARC B16	mas não <u>podiam</u> ,	<u>podiam</u>	Pretérito Imperfeito	Imperfectivo	<i>Irrealis</i> (devido à partícula negativa “não”)

Resultados 4º nível - ARC: 2 das 23 sentenças de Fundo global pertencem a esse nível (9%).

Tempo: Apenas Pretérito Imperfeito (2)

Aspecto: Apenas Imperfectivo (2)

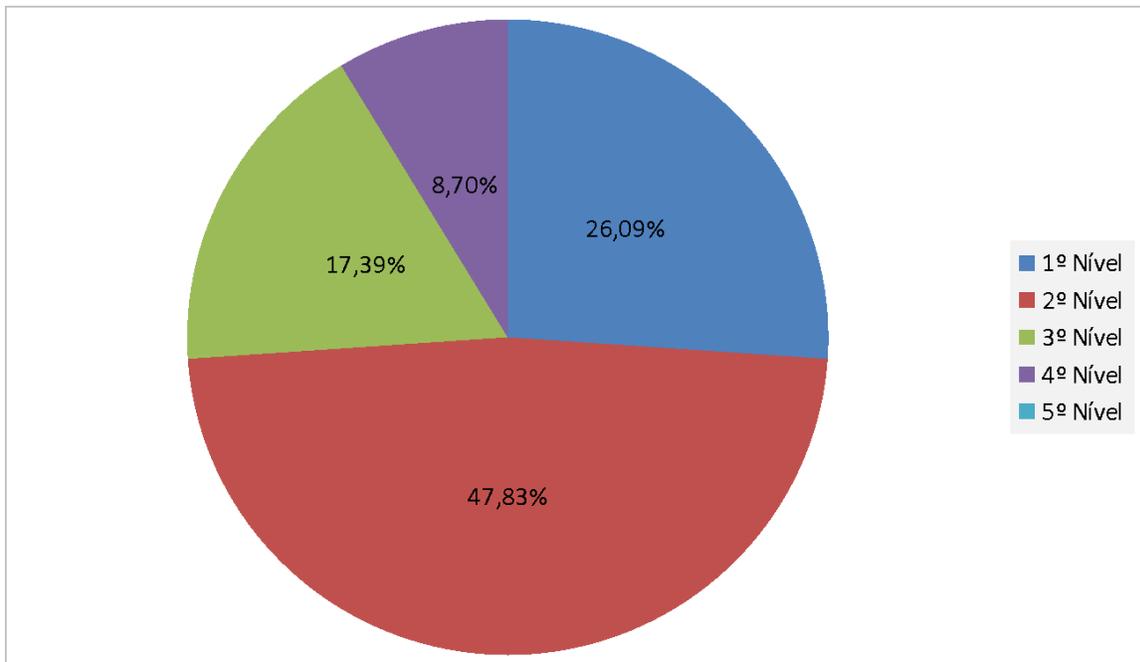
Modo: *Irrealis* (1), *Realis* (1)

5º Nível de Fundidade

Não houve sentenças do Fundo global presente na versão ARC que se encaixassem nesse quinto nível de fundidade.

A partir dessa análise, foi gerado o Gráfico 20 abaixo.

Gráfico 20 – Porcentagem de ocorrências dos níveis de Fundidade na ARC



O Gráfico 20 deixa evidente que, na versão ARC, o segundo nível de Fundidade é o mais frequente, com quase metade (cerca de 48%) das ocorrências de unidades oracionais de Fundo. O primeiro nível de fundidade é o segundo mais comum com cerca de 26%. É interessante ressaltar que a ARC possui aproximadamente 74% de suas sentenças apenas nos dois primeiros níveis de fundidade. Em seguida, o terceiro nível de fundidade é também o terceiro nível que mais ocorre na versão

ARC com 17%. O nível quatro é menos expressivo, com 9% das ocorrências. Contudo, o nível 5 não ocorre em momento algum da narrativa nessa versão, em semelhança à versão NVI.

Era esperado que o quinto nível de fundidade não aparecesse nos resultados já que é o nível mais intenso e prototípico do Fundo narrativo, sendo o que menos colabora para a descrição do desenrolar dos eventos narrativos, da linha principal da história. Como esse quinto nível é o nível que mais está ligado à informalidade, os contextos mais formais, caso do texto bíblico, podem se apresentar inadequados para o uso indiscriminado do quinto grau de Fundidade, como já afirmado antes. Além disso, pelo fato de ser uma narrativa formada em texto escrito, há menos chances de diálogo entre narrador e leitor ao descrever a história. Considerando que esse nível envolveria unidades oracionais que podem apresentar intervenções claras do narrador, comentários ou dúvidas, e até a requisição de que o leitor ou ouvinte participe do processo narrativo, e como o texto bíblico de Jonas é um texto religioso e sagrado em sua cultura de origem, sem abrir espaço para informalidade em seu contexto de produção, os resultados da análise dos níveis de fundidade das duas versões ARC e NVI reforçam essa concepção sobre o quinto nível de fundidade. Ademais, esse quinto nível é bem periférico à descrição narrativa, portanto, a falta dele não se apresenta como um problema à compreensão dos eventos narrados.

Após todas as etapas de análise, na seção a seguir, apresentamos nossas os resultados gerais de nossa pesquisa.

7 RESULTADOS GERAIS

7.1 Números de ocorrências nos planos discursivos

As análises demonstraram que a Figura narrativa é bem frequente em ambas as versões bíblicas. Não houve correspondência quantitativa de ocorrência entre as versões, contudo. A versão ARC apresentou três unidades oracionais de Figura narrativa a mais que a NVI.

O Fundo narrativo ultrapassa a quantidade de sentenças de Figura narrativa apenas quando o Discurso Direto é considerado na contagem de unidades oracionais. Quando avaliamos o Fundo global como a junção do Fundo original com apenas a Categoria Intermediária, a Figura narrativa se estabeleceu como a mais frequente no texto, em ambas as versões.

A versão ARC apresentou uma unidade oracional de Fundo mais categorias secundárias a mais do que a NVI. Na segunda etapa da pesquisa, a ARC continuou apresentando sentenças a mais que a NVI, duas unidades, no Fundo global, que seria o Fundo original unido à Categoria Intermediária. Isso pode se dever ao fato de que a ARC apresentou mais sentenças ao todo (englobando as quatro categorias utilizadas neste trabalho) do que a NVI, tanto na primeira etapa da pesquisa, com quatro unidades oracionais a mais, quanto na segunda parte do trabalho, após serem desconsideradas as sentenças de Discurso Direto, com cinco sentenças a mais do que a NVI.

7.2 Os resultados de TAM nos Fundos narrativos

Apesar de conter menos unidades oracionais do que a versão ARC, a NVI apresentou uma diversidade maior no uso de Tempos verbais no Fundo narrativo do que a versão Almeida Revista e Corrigida. Da mesma forma, em relação aos Aspectos verbais, a Nova Versão Internacional revelou-se mais diversa, com unidades oracionais contemplando os três aspectos Imperfectivo, Perfeito e Perfectivo. A versão ARC praticamente apenas construiu suas sentenças de Fundo narrativo no Aspecto Imperfectivo. Em relação aos Modos verbais, entretanto, as duas versões apresentaram comportamento mais semelhante com a maior utilização do Modo *Realis*. Esse uso

do Modo *Realis* em maior quantidade em ambas versões provavelmente está ligado à noção de que a narrativa se propõe a contar eventos ocorridos, ao invés de focar em situações não factuais. De todo modo, é importante ressaltar que a versão ARC apresentou cerca de um terço de suas sentenças de Fundo narrativo no Modo *Irrealis*, quantia considerável, já que este modo não é muito esperado em narrativas.

7.3 Os níveis de Fundidade nas duas versões bíblicas

A análise dos níveis de fundidade das unidades oracionais de Fundo global das duas versões trabalhadas nesta pesquisa demonstrou comportamentos distintos das duas versões bíblicas. Desconsiderando o quinto nível, o qual não foi encontrado em nenhuma das duas versões devido à característica de maior formalidade da narração analisada, na Nova Versão Internacional, o segundo nível de fundidade apresentou-se como menos frequente. Enquanto isso, a versão Almeida Revista e Corrigida apresentou o segundo nível de fundidade como o mais frequente em sua descrição narrativa, somando quase metade de todas as suas sentenças de Fundo global.

Os primeiros níveis de fundidade são os níveis que mais se assemelham à Figura narrativa e, por conseguinte, os últimos níveis são compostos de sentenças que menos parecem sentenças de Figura e mais se demonstram como Fundo prototípico. Considerando que a NVI apresentou o primeiro nível de fundidade como o mais frequente, mas, ao mesmo tempo, também apresentou grande frequência dos terceiro e quarto níveis, pode-se postular que essa versão bíblica apresenta sentenças de Fundo mais profundas em fundidade. Isso pode ser postulado também por causa do comportamento das sentenças da versão ARC. Com menos ocorrências dos terceiro e quarto níveis de fundidade, a versão Almeida Revista e Corrigida tem mais da metade (cerca de 74%) de suas sentenças de Fundo nos níveis mais “rasos” de fundidade, ou seja, apresenta sentenças de Fundo próximas às sentenças de Figura.

Esse resultado de níveis de Fundidade pode indicar que a versão Almeida Revista e Corrigida tem a maior parte de seu texto com unidades oracionais mais semelhantes à Figura narrativa, levando ao leitor uma maior carga de informações que precisam ser entendidas em sequência. Enquanto isso, pode-se postular que a Nova Versão Internacional, em relação à ARC,

tem uma parte maior de seu texto composto de unidades oracionais que trazem explicações, informações de suporte aos eventos de Figura, levando, possivelmente, a uma maior facilidade de compreensão da narrativa. Com base nesses resultados gerais, podemos passar agora para nossas considerações finais.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visou à análise comparativa dos planos discursivos de duas versões para o Português de uma narrativa bíblica. Para a análise dos planos discursivos Figura e Fundo, foi necessária a criação de etapas de trabalho com os textos bíblicos da versão Almeida Revista e Corrigida e da Nova Versão Internacional, descritas na Metodologia deste. Essa análise comparativa foi feita com o intuito de observar se haveria diferenças significativas de seleção de sentenças de Figura e de Fundo narrativo entre duas versões de uma mesma história narrada.

Dirigimos nossa análise a partir de três perguntas de pesquisa. A primeira pergunta considerava a alegação de Labov de que uma narrativa é construída a partir de um esqueleto, que seria a Figura narrativa, e este esqueleto seria preenchido por Fundo narrativo, informações narradas que não seriam dadas com o fim de tratar do desenrolar dos eventos em si. O primeiro questionamento se resumiria em saber se as versões preservariam a mesma quantidade de eventos como Figura. Nosso trabalho atestou-se que as duas versões apresentam quantidades diferentes de sentenças de Figura e de Fundo narrativo. Entretanto, essas diferenças numéricas não se mostraram significativas no decorrer da análise do trabalho. Ao desconsiderarmos em nossa análise os resultados das sentenças de Discurso Direto, encontramos quase que números iguais em ambas as versões em relação à quantidade de Figura narrativa, bem como de Fundo global narrativo. A NVI apresentou 56% de suas sentenças como Figura narrativa, enquanto a ARC apresentou 57%. Em relação ao Fundo, a NVI apresentou 44% de suas sentenças como Fundo global narrativo, e a ARC apresentou 43%. Conclui-se que a diferença numérica de seleção de Figura e Fundo entre as versões não foi significativa, 1% de diferença em ambos os planos discursivos. Essa conclusão responde à primeira pergunta deste trabalho: duas versões de uma mesma narrativa tendem a selecionar a mesma quantidade proporcional de sentenças de Figura e de Fundo narrativo.

Além disso, nos propusemos a descobrir se haveria seleção diversa de Fundo narrativo entre as versões ARC e NVI. Nossa pesquisa revelou que, numericamente, não há diversidade relevante de seleção de Fundo entre as duas versões. A versão ARC apresentou até duas sentenças de Fundo narrativo a mais do que a NVI, o equivalente a apenas 1% de diferença numérica como dito anteriormente.

Ademais, também questionamos se, havendo diferenças de seleção de Fundo narrativo entre as versões, elas apresentariam uso diferenciado de Tempo, Aspecto e Modo verbal. O que

constatamos foi que, mesmo não havendo diferença significativa de seleção de Fundo, as unidades oracionais desse plano discursivo da Nova Versão Internacional se revelaram mais diversas quanto ao Tempo e ao Aspecto verbal, porém ambas as versões bíblicas comprovaram que o Modo *Realis* prevalece na constituição do texto narrativo. Todavia, a versão Almeida Revista e Corrigida apresentou uma particularidade: mesmo com mais números de sentenças, a ARC apresentou menos ocorrências proporcionalmente no Modo *Realis* (70%) em comparação à NVI (81%). Concluímos, portanto, que, na descrição do Fundo narrativo, a versão ARC utiliza uma parte relevante e considerável de suas sentenças (30%) no Modo *Irrealis*. Esse resultado parece demonstrar que a narração na versão ARC trabalha com um Modo mais incomum nas narrativas e, portanto, essa versão pode vir a ter uma leitura mais dificultada.

A terceira pergunta de pesquisa que este trabalho fez considerou os níveis de fundidade e questionou se haveria diferentes “profundidades” entre as versões, ou seja, uma versão apresentaria níveis mais fundos do que a outra. A análise desta pesquisa demonstrou que a Nova Versão Internacional, no geral, apresentou mais unidades oracionais em níveis mais fundos, que se assemelham mais ao Fundo prototípico, em comparação à versão Almeida Revista e Corrigida. Conforme sugerido na seção anterior, esse resultado de níveis de Fundidade pode indicar que a versão Almeida Revista e Corrigida tem a maior parte de seu texto com unidades oracionais mais semelhantes à Figura narrativa, levando ao leitor uma maior carga de informações que precisam ser entendidas em sequência. Enquanto isso, a Nova Versão Internacional teria uma parte maior de seu texto composto de unidades oracionais que trazem explicações, informações de suporte aos eventos de Figura, levando a uma facilidade maior de compreensão da narrativa.

O que percebemos, portanto, é que a Nova Versão Internacional se apresenta com um maior grau de legibilidade textual do que a versão Almeida Revista e Corrigida. Acreditamos nessa maior legibilidade da NVI devido à sua maior variedade de Tempos e Aspectos verbais, por não apresentar frequentemente sentenças de estruturas muito parecidas. Além disso, o fato de a ARC apresentar proporcionalmente mais sentenças no modo *Realis* leva-nos a crer que o leitor se vê com a dificuldade de absorver uma narrativa que usa consideravelmente de um modo que não é tão comum em narrativas, o modo *Irrealis* por estas normalmente se tratarem de eventos de fato ocorridos. Ademais, o fato de a NVI apresentar maior parte de sentenças em níveis mais profundos de Fundidade também nos leva a indagar se narrativas como a narrativa de Jonas da versão ARC, que tem muitas sentenças de Fundo narrativo mais parecidas com a Figura, levam ao leitor a ter

dificuldade de compreender o que é material essencial da narrativa e o que é material que a explica e a amplia, diminuindo o grau de legibilidade dessa versão.

Essas conclusões a partir das análises dos níveis de Fundidade das duas versões podem parecer contrárias à conclusão de autores como Conceição (2010), conforme já exposto nas considerações iniciais deste trabalho, de que a recuperação de orações de Fundo narrativa exige um maior amadurecimento de seu leitor, se alguém vier a indagar que a versão que apresenta mais unidades no nível menos profundo de Fundidade deve ser de mais fácil recuperação pelo leitor. Contudo, acreditamos que nossas conclusões não são contrárias ao que concluiu Conceição (2010), ambas as versões NVI e ARC apresentam praticamente a mesma quantidade de Fundo narrativo. Diante disso, nossa proposta é a de que, uma vez que a NVI apresenta sentenças de Figura e sentenças de Fundo menos semelhantes entre si, a compreensão dessa versão torna-se mais ágil, pois o leitor pode mais facilmente distinguir o que é informação esquelética da narrativa, do que é informação descritiva ampliada.

Retomando as noções da Teoria Gestalt, imagens que apresentam Figura e Fundo muito unidos ou semelhantes tendem a ser de mais difícil compreensão. Por outro lado, quanto mais diferenciamos a Figura do Fundo, mais facilmente compreendemos a imagem. Conclui-se, dessa forma, que a versão NVI é mais facilmente desenhada do que a ARC, justamente por seus planos discursivos serem menos parecidos, e, por isso, acreditamos que os leitores das duas versões tendem a considerar a NVI uma versão de mais fácil leitura do que a ARC.

A partir do desenvolvimento de nossas análises, percebemos que narrativas que apresentam Fundo formado por unidades oracionais com menos diversidade verbal em relação a Tempo e Aspecto não acarretam em uma narrativa mais simples, bem como Fundos narrativos que apresentam mais níveis de fundidade primários, ou seja, mais níveis mais parecidos com a Figura narrativa, compõem textos mais complexos cognitivamente.

Finalmente, os estudos realizados neste trabalho comprovaram que uma mesma história pode apresentar seleções de Figura e Fundo narrativo diversas em relação a Tempo, Aspecto e Modo verbais, mesmo que não haja diferença numérica relevante de sentenças de Figura e de Fundo em diferentes versões. Além disso, a legibilidade textual de uma narrativa parece estar ligada à utilização mais frequente do modo verbal *realis*, bem como de sentenças de Fundo em níveis mais profundos, que estão mais voltados em auxiliar a compreensão do leitor sobre a história narrada. Cabem aqui algumas inspirações para futuras pesquisas: a diferente quantidade de unidades

oracionais tanto de Figura quanto de Fundo também equivale a diferentes seleções de conteúdos como Figura e de conteúdos como Fundo em uma versão, quando comparada a outra? Uma informação que é trazida como Figura em uma versão da narrativa pode tranquilamente ser trazida como Fundo em outra versão? O que motivaria essa troca de planos discursivos?

Finalmente, acreditamos que a análise e os resultados deste trabalho são relevantes, pois foram utilizadas duas versões de uma narrativa prototípica universal. Isso se deve ao fato de que os textos bíblicos são milenares e foram utilizados como base e inspiração para muitos outros textos no decorrer da história. Além disso, este trabalho traz algumas inovações metodológicas, na análise de planos discursivos em narrativas: o “abandono” da análise de sentenças de Discurso Direto com o objetivo de analisar mais acuradamente/particularmente o desenvolvimento da narrativa; o agrupamento de níveis de Fundidade propostos por Silveira (1990), neste trabalho unimos os níveis 1 e 2, como um primeiro nível mais raso de Fundidade, e os níveis 3 e 4, como um segundo nível mais profundo de Fundidade, também consideramos que, em narrativas mais formais, existe a tendência de não ocorrer o nível 5 de Fundidade, que, em nossa nova divisão de níveis de Fundidade, seria o terceiro nível, o nível que menos se aproxima do ato narrativo. Ademais, buscamos comprovar, por meio de análise quantitativa, as diferenças que os planos discursivos podem trazer à legibilidade textual de uma narrativa. Por fim, os resultados deste trabalho se apresentam em conformidade à Teoria Gestalt de que Figura e Fundo estão presentes na construção de uma imagem, seja desenhada, seja narrada, e quanto mais conseguimos diferenciar os planos discursivos, mais conseguimos enxergar a imagem ou a história.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Andréia Silva; FREITAG, Raquel Meister Ko. O Funcionamento dos Planos Discursivos em Textos Narrativos e Opinativos: Um Estudo da Atuação do Domínio Aspectual. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**, Londrina, n. 15/1, p. 57-76, jun. 2012.

AZEVEDO, Adriana Maria Tenuta. **Tempo, modo e aspecto verbal na estruturação do discurso narrativo**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Belo Horizonte: UFMG, 1992.

_____. Tempo, modo e aspecto verbal na estruturação do discurso narrativo. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.2, p. 179-195, 1995.

_____. Domínios Discursivos: uma visão cognitiva da estruturação de narrativas orais. Tese (Doutorado em Linguística). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

BECHARA, Evanildo. **Gramática Fácil**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira Participações S.A., 2014.

BRINTON, Laurel J. BRINTON, Donna M. **The linguistic structure of modern English**. [S.I.:s.n.] 2010.

CAMÂRA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

CARREIRAS, Manuel; CARRIEDO, Núria; ALONSO, Maria Angeles; FERNÁNDEZ, Angel. The role of verb tense and verb aspect in the foregrounding of information during reading. In: [S.I.] **Memory & Cognition**. 1997.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. 48.ed. [S.I.] Companhia Editora Nacional, 2009.

CHAFE, Wallace. **Discourse, consciousness, and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CHEDIER, Carolina Moreira. **Perfil de figura fundo em crianças com e sem queixas escolares**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2007.

COAN, Márluce; PONTES, Valdecy de Oliveira. Relevo discursivo e uso do passado imperfectivo em narrativas literárias. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 50-79, 2012.

COMRIE, B. Aspect. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CONCEIÇÃO, Priscila Thaiss. **Planos discursivos em diferentes níveis de escolaridade: estudo de recontagem de Figura e Fundo**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

FANG, Dan; LI, Shuxiang. Thematic Structure and its application to English writing. In: **2nd International Conference on Education Reform and Modern Management**. [S.I.] Atlantis Press, 2015.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centra no Uso. In: **Revista do GELNE – Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**. Vol. 15. Números ½. Natal: UFRN, 2013. Disponível em: <<http://gelne.org.br/site/revista-pdf/volume15.pdf>>. Acesso em mar, 2016.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, J. R. (2013) Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (org.) **Linguística Centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, pp. 13-39.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: An introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2001. P.285-334.

_____. **A compreensão da gramática**. Trad. FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; MARTELOTTA, Mária Eduardo; ALBANI, Filipe. São Paulo: Cortez; Natal, RN: EDUFRN, 2012.

_____. (ed.). **Topic continuity in discourse: a quantitative cross-language study**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1983.

HALLIDAY, M. A. K. MATTHIESSEN, Christian M.I.M. (Rev.). **Halliday's introduction to Functional Grammar**. 4ed. Oxon: Routledge, 2014.

HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. In: **Syntax and Semantics**. Vol. 12. New York: Academic Press, 1979. p. 213-241.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. In: **Language**. Vol 56, pp. 251-299, June, 1980.

ILARI, Rodolfo. As formas progressivas do Português. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Número 4. P. 27-60. Campinas: Unicamp, 1983.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. O verbo. In: ILARI, Rodolfo (Org.). **Gramática do Português culto falado no Brasil**: volume III: palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2104.

LABOV, William. Some further steps in narrative analysis. In: **The Journal of Narrative and Life History**. Vol 7. Numbers 1-4. 1997. Tradução: Waldemar Ferreira Netto.

_____. The Transformation of Experience in Narrative Syntax. In: **Language in the Inner City**. Philadelphia, University of Pa. Press, 1972.

LABOV, William; WALETZKY, Joshua. 1967. Narrative analysis. In: HELM. J. (ed.), **Essays on the Verbal and Visual Arts**. Seattle: U. of Washington Press. Pp. 1244.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de Linguística**. 2.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NICODEMUS, Augustus. **Qual tradução da Bíblia devo usar?** Palestra proferida em Conferência da Editora Fiel. Disponível online: <<https://www.youtube.com/watch?v=hhT5y6pYdL0>>. Acesso em: 10 fev.2017.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; CEZARIO, Maria Maura. PCN à luz do funcionalismo linguístico. **Linguagem & Ensino**, v.10, n.1, p.87-108, jan./jun.2007.

PEREIRA, Fabiane A. Monteiro. **A categoria de aspecto: forma e função.** Niterói: Universidade Federal Fluminense – Instituto de Letras, 2008.

REINHART, Tanya. Principles of Gestalt Perception in the Temporal Organization of Narrative Texts. A paper for *Synopsis*. No 4: **Representation in Fiction.** Telaviv, 1982.

SAITO, Cláudia L. Nascimento; ZIRONDI, Maria I. **A produção textual sugerida no ENEM: reflexões.** Letras -UEL. 2014.

SILVEIRA, Elizabeth. **Relevância em Narrativas Oraís.** Tese (Doutorado em Letras). Universidade do Federal do Rio de Janeiro, 1990.

_____. **Relevância discursiva: o discurso do adulto vs o discurso do aluno.** In: **Cad.Est.Ling.,** Campinas, Jul./Dez. 1994.

APÊNDICE A: Tabelas comparativas da análise piloto

Tabela 1 - Tabela comparativa de verbos das versões ARC e NVI dos versículos 1 e 2 de Jonas 1

Ordem	Unidade	Versão	Verbo	Equivalência de verbos?	Classificação	Equivalência de classificação dos verbos?
1 ^a	“dizendo”	ARC	dizendo	Não.	Gerúndio	Não.
1 ^a	“com esta ordem”	NVI	<i>Não há verbo.</i>		-	
2 ^a	“Levanta-te”	ARC	levanta	Não.	Imperativo	Não.
2 ^a	<i>Não houve equivalente.</i>	NVI	-		-	
3 ^a	“vai à grande cidade de Nínive”	ARC	vai	Não.	Imperativo	Sim.
3 ^a	“Vá depressa à grande cidade de Nínive”	NVI	vá		Imperativo	
4 ^a	“e clama contra ela”	ARC	clama	Não.	Imperativo	Sim.
4 ^a	“e pregue contra ela”	NVI	pregue		Imperativo	
5 ^a	“porque a sua malícia subiu até mim”	ARC	subiu	Sim.	Pretérito perfeito do Indicativo	Sim.
5 ^a	“porque a sua maldade subiu até a minha presença”	NVI	subiu		Pretérito perfeito do Indicativo	

Tabela 2 - Tabela comparativa de verbos das versões ARC e NVI do versículo 3 de Jonas 1

Ordem	Unidade	Versão	Verbo	Equivalência de verbos?	Classificação	Equivalência de classificação dos verbos?
1 ^a	“para fugir de diante da face do Senhor para Tárzis.”	ARC	fugir	Não.	Infinitivo	Não.
1 ^a	“dirigindo-se para Tárzis”	NVI	dirigindo		Gerúndio	
2 ^a	“E descendo a Jope”	ARC	descendo	Não.	Gerúndio	Não.
2 ^a	<i>Não houve equivalente.</i>	NVI	-		-	
3 ^a	“que ia para Tárzis”	ARC	ia	Não.	Pretérito imperfeito do Indicativo	Sim.
3 ^a	“que se destinava àquele porto.”	NVI	destinava		Pretérito imperfeito do Indicativo	
4 ^a	<i>Não houve equivalente.</i>	ARC	-	Não.	-	Não.
4 ^a	“Depois de pagar a passagem”	NVI	pagar		Infinitivo	
5 ^a	“para ir com eles para Tárzis, de diante da face do Senhor.”	ARC	ir	Não.	Infinitivo	Sim.
5 ^a	“para fugir do Senhor.”	NVI	fugir		Infinitivo	

Tabela 3 – Tabela comparativa de verbos das versões ARC e NVI do versículo 4 de Jonas 1

Ordem	Unidade	Versão	Verbo	Equivalên cia de verbos?	Classificação	Equivalência de classificação dos verbos?
1 ^a	“e o navio estava”	ARC	estava	Não.	Pretérito imperfeito do Indicativo	Sim.
1 ^a	“que o barco ameaçava”	NVI	ameaçava		Pretérito imperfeito do Indicativo	
2 ^a	“para quebrar-se.”	ARC	quebrar	Não	Infinitivo	Sim.
2 ^a	“arrebentar- se.”	NVI	arrebentar		Infinitivo	

APÊNDICE B: Separação e classificação dos planos discursivos das versões bíblicas

Tabela 4 – Figura narrativa - NVI

Numeração das sentenças de Figura	Texto + Sentenças de FIGURA destacadas em negrito
1 ^a	A palavra do SENHOR <u>veio</u> a Jonas, filho de Amitai, com esta ordem: "Vá depressa à grande cidade de Nínive e pregue contra ela, porque a sua maldade subiu até a minha presença".
2 ^a	Mas Jonas <u>fugiu</u> da presença do SENHOR, dirigindo-se para Társis.
3 ^a	<u>Desceu</u> à cidade de Jope, onde encontrou um navio que se destinava àquele porto. Depois de pagar a passagem,
4 ^a	<u>embarcou</u> para Társis, para fugir do Senhor.
5 ^a	O Senhor, porém, <u>fez soprar</u> um forte vento sobre o mar,
6 ^a	e <u>caiu</u> uma tempestade tão violenta que o barco ameaçava arrebentar-se.
7 ^a	Todos os marinheiros <u>ficaram</u> com medo e cada um clamava ao seu próprio deus.
8 ^a	E <u>atiraram</u> as cargas ao mar para tornar o navio mais leve. Enquanto isso, Jonas, que tinha descido ao porão e se deitado, dormia profundamente.
9 ^a	O capitão <u>dirigiu-se</u> a ele
10 ^a	e <u>disse:</u> "Como você pode ficar aí dormindo? Levante-se e clame ao seu deus! Talvez ele tenha piedade de nós e não morramos".
11 ^a	Então os marinheiros <u>combinaram</u> entre si: "Vamos lançar sortes para descobrir quem é o responsável por esta desgraça que se abateu sobre nós".
12 ^a	<u>Lançaram</u> sortes,
13 ^a	e a sorte <u>caiu</u> sobre Jonas.
14 ^a	Por isso <u>lhe perguntaram:</u> "Diga-nos, quem é o responsável por esta calamidade? Qual é a sua profissão? De onde você vem? Qual é a sua terra? A que povo você pertence? "

15 ^a	Ele <u>respondeu</u>: "Eu sou hebreu, adorador do SENHOR, o Deus dos céus, que fez o mar e a terra".
16 ^a	Então os homens <u>ficaram</u> apavorados
17 ^a	e <u>perguntaram</u>: "O que foi que você fez? ", pois sabiam que Jonas estava fugindo do SENHOR, porque ele já lhes tinha dito. Visto que o mar estava cada vez mais agitado,
18 ^a	eles lhe <u>perguntaram</u>: "O que devemos fazer com você, para que o mar se acalme?"
19 ^a	Respondeu ele: "Peguem-me e joguem-me ao mar, e ele se acalmará. Pois eu sei que é por minha causa que esta violenta tempestade caiu sobre vocês".
20 ^a	Ao invés disso, os homens <u>se esforçaram</u> ao máximo para remar de volta à terra. Mas não conseguiram, porque o mar tinha ficado ainda mais violento.
21 ^a	Eles <u>clamaram</u> ao SENHOR: "SENHOR, nós suplicamos, não nos deixes morrer por tirarmos a vida deste homem. Não caia sobre nós a culpa de matar um inocente, porque tu, ó Senhor, fizeste o que desejavas".
22 ^a	Em seguida <u>pegaram</u> Jonas
23 ^a	e o <u>lançaram</u> ao mar enfurecido,
24 ^a	e este <u>se aquietou</u>. Ao verem isso,
25 ^a	os homens <u>adoraram</u> o SENHOR com temor, oferecendo-lhe sacrifício e fazendo-lhe votos.
26 ^a	O SENHOR <u>fez com que um grande peixe engolisse</u> Jonas,
27 ^a	e ele <u>ficou</u> dentro do peixe três dias e três noites.

Tabela 5 – Figura narrativa - ARC

Numeração das sentenças de Figura	Texto + Figura Narrativa em negrito
1 ^a	E <u>veio</u> a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai, dizendo: Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim.

2 ^a	E Jonas se <u>levantou</u> para fugir de diante da face do Senhor para Társsis; e, descendo a Jope,
3 ^a	<u>achou</u> um navio que ia para Társsis;
4 ^a	<u>pagou, pois, a sua passagem</u>
5 ^a	e <u>desceu</u> para dentro dele , para ir com eles para Társsis, de diante da face do Senhor.
6 ^a	Mas o Senhor <u>mandou</u> ao mar um grande vento,
7 ^a	e <u>fez-se no mar uma grande tempestade</u> , e o navio estava para quebrar-se.
8 ^a	Então, <u>temeram</u> os marinheiros , e clamava cada um ao seu deus, e lançavam no mar as fazendas que estavam no navio, para o aliviarem do seu peso;
9 ^a	Jonas, porém, <u>desceu</u> aos lugares do porão,
10 ^a	e se <u>deitou</u> , e dormia um profundo sono.
11 ^a	E o mestre do navio <u>chegou-se a ele</u>
12 ^a	e <u>disse-lhe</u> : Que tens, dormente? Levanta-te, invoca o teu Deus; talvez assim Deus se lembre de nós para que não pereçamos. E dizia cada um ao seu companheiro: Vinde, e lancemos sortes, para que saibamos por que causa nos sobreveio este mal.
13 ^a	E <u>lançaram</u> sortes,
14 ^a	e a sorte <u>caiu</u> sobre Jonas.
15 ^a	Então, <u>lhe disseram</u> : Declara-nos tu, agora, por que razão nos sobreveio este mal. Que ocupação é a tua? E donde vens? Qual é a tua terra? E de que povo és tu?
16 ^a	E ele <u>lhes disse</u> : Eu sou hebreu e temo ao Senhor, o Deus do céu, que fez o mar e a terra seca.
17 ^a	Então, os homens se <u>encheram</u> de grande temor
18 ^a	e <u>lhe disseram</u> : Por que fizeste tu isso? Pois sabiam os homens que fugia de diante do Senhor, porque ele lho tinha declarado.
19 ^a	E <u>disseram-lhe</u> : Que te faremos nós, para que o mar se acalme?

	Por que o mar se elevava e engrossava cada vez mais.
20 ^a	E ele lhes <u>disse</u>: Levantai-me e lançai-me ao mar, e o mar se aquietará; porque eu sei que, por minha causa, vos sobreveio esta grande tempestade. Entretanto, os homens remavam, esforçando-se por alcançar a terra, mas não podiam, porquanto o mar se ia embravecendo cada vez mais contra eles.
21 ^a	Então, <u>clamaram</u> ao Senhor
22 ^a	e <u>disseram</u>: Ah! Senhor! Nós te rogamos! Não pereçamos por causa da vida deste homem, e não ponhas sobre nós o sangue inocente; porque tu, Senhor, fizeste como te aprouve.
23 ^a	E <u>levantaram</u> Jonas
24 ^a	e o <u>lançaram</u> ao mar;
25 ^a	e <u>cessou</u> o mar da sua fúria.
26 ^a	<u>Temeram</u>, pois, estes homens ao Senhor com grande temor;
27 ^a	e <u>ofereceram</u> sacrifícios ao Senhor
28 ^a	e <u>fizeram</u> votos.
29 ^a	<u>Deparou</u>, pois, o Senhor um grande peixe, para que tragasse a Jonas;
30 ^a	e <u>esteve</u> Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe.

Tabela 6 – Sentenças de Figura, de Categoria Intermediária, de Fundo, e de Discurso Direto no texto bíblico de Jonas na NVI

Orde- nação de todas as senten- ças do texto	Nomen- -clatu- ra das unida- des oracio- nais	FIGURA	CATEGORIA INTERMEDIÁRIA	FUNDO	DISCURSO DIRETO
1º	NVI F1	A palavra do SENHOR <u>veio</u> a Jonas, filho de Amitai, com esta ordem:			
2º	NVI D1				" <u>Vá</u> depressa à grande cidade de Nínive
3º	NVI D2				e <u>pregue</u> contra ela,
4º	NVI D3				porque a sua maldade <u>subiu</u> até a minha presença".
5º	NVI F2	Mas Jonas <u>fugiu</u> da presença do SENHOR,			
6º	NVI C1		<u>dirigindo-se</u> para Társis.		
7º	NVI F3	<u>Desceu</u> à cidade de Jope,			
8º	NVI C2		onde <u>encontrou</u> um navio		
9º	NVI C3		que se <u>destinava</u> àquele porto.		
10º	NVI B1			Depois de <u>pagar</u> a passagem	
11º	NVI F4	<u>embarcou</u> para Társis,			
12º	NVI C 4		para <u>fugir</u> do Senhor.		
13º	NVI F5	O Senhor, porém, <u>fez</u> soprar um forte			

		vento sobre o mar,			
14°	NVI F6	e <u>caiu</u> uma tempestade tão violenta			
15°	NVI C5		que o barco <u>ameaçava arrebentar-se.</u>		
16°	NVI F7	Todos os marinheiros <u>ficaram</u> com medo			
17°	NVI B2			e cada um <u>clamava</u> ao seu próprio deus.	
18°	NVI F8	E <u>atiraram</u> as cargas ao mar			
19°	NVI C6		para <u>tornar</u> o navio mais leve.		
20°	NVI B3			Enquanto isso, Jonas, que <u>tinha descido</u> ao porão [pois não está diretamente ligada à Figura E caracteriza-se como sub-enredo]	
21°	NVI B4			e se <u>deitado</u> , [pois não está diretamente ligada à Figura]	
22°	NVI B5			<u>dormia</u> profundamente	
23°	NVI F9	O capitão <u>dirigiu-se</u> a ele			
24°	NVI F10	e <u>disse</u> :			
25°	NVI D4				"Como você <u>pode ficar aí dormindo?</u>
26°	NVI D5				<u>Levante-se</u>

27°	NVI D6				e <u>clame</u> ao seu deus!
28°	NVI D7				Talvez ele <u>tenha</u> piedade de nós
29°	NVI D8				e não <u>morrámos</u> ".
30°	NVI F11	Então os marinheiros <u>combinaram</u> entre si:			
31°	NVI D9				"Vamos <u>lançar</u> sortes
32°	NVI D10				para <u>descobrir</u>
33°	NVI D11				quem <u>é</u> o responsável por esta desgraça
34°	NVI D12				que se <u>abateu</u> sobre nós".
35°	NVI F12	<u>Lançaram</u> sortes,			
36°	NVI F13	e a sorte <u>caiu</u> sobre Jonas.			
37°	NVI F14	Por isso lhe <u>perguntaram</u> :			
38°	NVI D13				" <u>Diga</u> -nos,
39°	NVI D14				quem <u>é</u> o responsável por esta calamidade?
40°	NVI D15				Qual <u>é</u> a sua profissão?
41°	NVI D16				De onde você <u>vem</u> ?
42°	NVI D17				Qual <u>é</u> a sua terra?
43°	NVI D18				A que povo você <u>pertence</u> ? "
44°	NVI F15	Ele <u>respondeu</u> :			

45°	NVI D19				"Eu <u>sou</u> hebreu, adorador do SENHOR, o Deus dos céus,
46°	NVI D20				que <u>fez</u> o mar e a terra".
47°	NVI F16	Então os homens <u>ficaram</u> apavorados			
48°	NVI F17	e perguntaram:			
49°	NVI D21				"O que <u>foi</u> que você <u>fez</u> ? ", (sentença clivada)
50°	NVI B6			pois <u>sabiam</u>	
51°	NVI B7			que Jonas <u>estava fugindo</u> do SENHOR, [pois está ligada ao Fundo não à Figura]	
52°	NVI B8			porque ele já lhes <u>tinha dito</u> .	
53°	NVI B9			Visto que o mar <u>estava</u> cada vez mais agitado,	
54°	NVI F18	eles lhe <u>perguntaram</u> :			
55°	NVI D22				"O que <u>devemos fazer</u> com você,
56°	NVI D23				para que o mar se <u>acalme</u> ? "
57°	NVI F19	<u>Respondeu</u> ele:			
58°	NVI D24				" <u>Peguem-me</u>
59°	NVI D25				e <u>joguem-me</u> ao mar,
60°	NVI D26				e ele se <u>acalmará</u> .

61°	NVI D27				Pois eu <u>sei</u>
62°	NVI D28				que <u>é</u> por minha causa
63°	NVI D29				que esta violenta tempestade <u>caiu</u> sobre vocês".
64°	NVI F20	Ao invés disso, os homens <u>se</u> <u>esforçaram</u> ao máximo			
65°	NVI C7		para <u>remar</u> de volta à terra.		
66°	NVI B10			Mas <u>não</u> <u>conseguiram</u> ,	
67°	NVI B11			porque o mar <u>tinha ficado</u> ainda mais violento.	
68°	NVI F21	Eles <u>clamaram</u> ao SENHOR:			
69°	NVI D30				"SENHOR, nós <u>suplicamos</u> ,
70°	NVI D31				não nos <u>deixes</u> <u>morrer</u>
71°	NVI D32				por <u>tirarmos</u> a vida deste homem.
72°	NVI D33				Não <u>caia</u> sobre nós a culpa
73°	NVI D34				de <u>matar</u> um inocente,
74°	NVI D35				porque tu, ó Senhor, <u>fizeste</u>
75°	NVI D36				o que <u>desejavas</u> ".
76°	NVI F22	Em seguida <u>pegaram</u> Jonas			
77°	NVI F23	e o <u>lançaram</u> ao mar enfurecido,			
78°	NVI F24	e este <u>se</u> <u>aquietou</u> .			

79°	NVI B12			Ao <u>verem</u> isso, [está ligada à Figura]	
80°	NVI F25	os homens <u>adoraram</u> o SENHOR com temor,			
81°	NVI C8		<u>oferecendo-lhe</u> sacrifício		
82°	NVI C9		e <u>fazendo-lhe</u> votos.		
83°	NVI F26	O SENHOR <u>fez</u> com que um <u>grande peixe</u> <u>engolisse</u> Jonas,			
84°	NVI F27	e ele <u>ficou</u> dentro do peixe três dias e três noites.			

Tabela 7 – Sentenças de Figura, de Categoria Intermediária, de Fundo, e de Discurso Direto no texto bíblico de Jonas na ARC

Orde- nação de todas as senten- ças do texto	Nomen- -clatu- ra das unida- des oracio- nais	FIGURA	CATEGORIA INTERMEDIÁRIA	FUNDO	DISCURSO DIRETO
1°	ARC F1	E <u>veio</u> a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai,			
2°	ARC C1		<u>dizendo:</u>		
3°	ARC D1				<u>Levanta-te,</u>
4°	ARC D2				<u>vai</u> à grande cidade de Nínive
5°	ARC D3				e <u>clama</u> contra ela,

6°	ARC D4				porque a sua malícia <u>subiu</u> até mim.
7°	ARC F2	E Jonas se <u>levantou</u>			
8°	ARC C2		para <u>fugir</u> de diante da face do Senhor para Társis;		
9°	ARC C3		e, <u>descendo</u> a Jope,		
10°	ARC F3	<u>achou</u> um navio			
11°	ARC C4		que <u>ia</u> para Társis;		
12°	ARC F4	<u>pagou</u> , pois, a sua passagem			
13°	ARC F5	e <u>desceu</u> para dentro dele			
14°	ARC C5		para <u>ir</u> com eles para Társis, de diante da face do Senhor.		
15°	ARC F6	Mas o Senhor <u>mandou</u> ao mar um grande vento,			
16°	ARC F7	e <u>fez-se</u> no mar uma grande tempestade,			
17°	ARC B1			e o navio <u>estava para quebrar-se</u> .	
18°	ARC F8	Então, <u>temeram</u> os marinheiros,			
19°	ARC B2			e <u>clamava</u> cada um ao seu deus,	
20°	ARC B3			e <u>lançavam</u> no mar as fazendas	
21°	ARC B4			que <u>estavam</u> no navio, [pois não está diretamente ligada à Figura]	

22°	ARC B5			para o <u>aliviarem</u> do seu peso; [pois não está diretamente ligada à Figura]	
23°	ARC F9	Jonas, porém, <u>desceu</u> aos lugares do porão,			
24°	ARC F10	e se <u>deitou</u> ,			
25°	ARC B6			e <u>dormia</u> um profundo sono	
26°	ARC F11	E o mestre do navio <u>chegou-se</u> a ele			
27°	ARC F12	e <u>disse-lhe</u> :			
28°	ARC D5				Que <u>tens</u> , dormente?
29°	ARC D6				<u>Levanta-te</u> ,
30°	ARC D7				<u>invoca</u> o teu Deus;
31°	ARC D8				talvez assim Deus se <u>lembre</u> de nós
32°	ARC D9				para que não <u>pereçamos</u> .
33°	ARC B7			E <u>dizia</u> cada um ao seu companheiro:	
34°	ARC D10				<u>Vinde</u> ,
35°	ARC D11				e <u>lancemos</u> sortes,
36°	ARC D12				para que <u>saibamos</u>
37°	ARC D13				por que causa nos <u>sobreveio</u> este mal.

38°	ARC F13	E <u>lançaram</u> sortes,			
39°	ARC F14	e a sorte <u>caiu</u> sobre Jonas.			
40°	ARC F15	Então, lhe <u>disseram</u> :			
41°	ARC D14				<u>Declara</u> -nos tu, agora,
42°	ARC D15				por que razão nos <u>sobreveio</u> este mal.
43°	ARC D16				Que ocupação <u>é</u> a tua?
44°	ARC D17				E donde <u>vens</u> ?
45°	ARC D18				Qual <u>é</u> a tua terra?
46°	ARC D19				E de que povo <u>és</u> tu?
47°	ARC F16	E ele lhes <u>disse</u> :			
48°	ARC D20				Eu <u>sou</u> hebreu
49°	ARC D21				e <u>temo</u> ao Senhor, o Deus do céu,
50°	ARC D22				que <u>fez</u> o mar e a terra seca.
51°	ARC F17	Então, os homens se <u>encheram</u> de grande temor			
52°	ARC F18	e lhe <u>disseram</u> :			
53°	ARC D23				Por que <u>fizeste</u> tu isso?
54°	ARC B8			Pois <u>sabiam</u> os homens	

55°	ARC B9			que <u>fugia</u> de diante do Senhor, [pois não está diretamente ligada à Figura]	
56°	ARC B10			porque ele lho <u>tinha declarado</u> .	
57°	ARC F19	E <u>disseram-lhe</u> :			
58°	ARC D24				Que te <u>faremos</u> nós,
59°	ARC D25				para que o mar se <u>acalme</u> ?
60°	ARC B11			Por que o mar se <u>elevava</u>	
61°	ARC B12			e <u>engrossava</u> cada vez mais.	
62°	ARC F20	E ele lhes <u>disse</u> :			
63°	ARC D26				<u>Levantai-me</u>
64°	ARC D27				e <u>lançai-me</u> ao mar,
65°	ARC D28				e o mar se <u>aquietará</u> ;
66°	ARC D29				porque eu <u>sei</u> que, por minha causa,
67°	ARC D30				vos <u>sobreveio</u> esta grande tempestade.
68°	ARC B13			Entretanto, os homens <u>remavam</u> ,	

69°	ARC B14			esforçando-se (não é classificado como Categoria Intermediária por não ser subordinada a outra sentença de Figura)	
70°	ARC B15			por <u>alcançar</u> a terra, [pois não está diretamente ligada à Figura]	
71°	ARC B16			mas não <u>podiam</u> ,	
72°	ARC B17			porquanto o mar se <u>ia embravecendo</u> cada vez mais contra eles.	
73°	ARC F21	Então, <u>clamaram</u> ao Senhor			
74°	ARC F22	e <u>disseram</u> :			
75°	ARC D31				Ah! Senhor! Nós te <u>rogamos</u> !
76°	ARC D32				Não <u>pereçamos</u> por causa da vida deste homem,
77°	ARC D33				e não <u>ponhas</u> sobre nós o sangue inocente;
78°	ARC D34				porque tu, Senhor, <u>fizeste</u>
79°	ARC D35				como te <u>aprouve</u> .
80°	ARC F23	E <u>levantaram</u> Jonas			
81°	ARC F24	e o <u>lançaram</u> ao mar;			

82°	ARC F25	e <u>cessou</u> o mar da sua fúria.			
83°	ARC F26	<u>Temeram</u> , pois, estes homens ao Senhor com grande temor;			
84°	ARC F27	e <u>ofereceram</u> sacrifícios ao Senhor			
85°	ARC F28	e <u>fizeram</u> votos.			
86°	ARC 29	<u>Deparou</u> , pois, o Senhor um grande peixe,			
87°	ARC C6		para que <u>tragasse</u> a Jonas;		
88°	ARC F30	e <u>esteve</u> Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe.			

APÊNDICE C: Separação das sentenças no Sistema TAM

TEMPO

Tabela 18 - Pretérito Perfeito - NVI

	Nº	CONTEXTO	TEMPO
1	NVI F1	A palavra do SENHOR <u>veio</u> a Jonas, filho de Amitai, com esta ordem:	Pretérito perfeito
2	NVI F2	Mas Jonas <u>fugiu</u> da presença do SENHOR,	
3	NVI F3	<u>Desceu</u> à cidade de Jope,	
4	NVI F4	<u>embarcou</u> para Társis,	
5	NVI F5	O Senhor, <u>porém</u> , <u>fez soprar</u> um forte vento sobre o mar,	
6	NVI F6	e <u>caiu</u> uma tempestade tão violenta	
7	NVI F7	Todos os marinheiros <u>ficaram</u> com medo	
8	NVI F8	E <u>atiraram</u> as cargas ao mar	
9	NVI F9	O capitão <u>dirigiu-se</u> a ele	
10	NVI F10	e [o capitão] <u>disse</u> :	
11	NVI F11	Então os marinheiros <u>combinaram</u> entre si:	
12	NVI F12	<u>Lançaram</u> sortes,	
13	NVI F13	e a sorte <u>caiu</u> sobre Jonas.	
14	NVI F14	Por isso <u>lhe perguntaram</u> :	
15	NVI F15	Ele <u>respondeu</u> :	
16	NVI F16	Então os homens <u>ficaram</u> apavorados	
17	NVI F17	e [os homens] <u>perguntaram</u> :	
18	NVI F18	eles <u>lhe perguntaram</u> :	
19	NVI F19	<u>Respondeu</u> ele:	
20	NVI F20	Ao invés disso, os homens <u>se esforçaram</u> ao máximo	
21	NVI F21	Eles <u>clamaram</u> ao SENHOR:	
22	NVI F22	Em seguida <u>pegaram</u> Jonas	
23	NVI F23	e o <u>lançaram</u> ao mar enfurecido,	
24	NVI F24	e este <u>se aquietou</u> .	
25	NVI F25	os homens <u>adoraram</u> o SENHOR com temor,	
26	NVI F26	O SENHOR <u>fez com que</u> um grande peixe <u>engolisse</u> Jonas,	
27	NVI F27	e ele <u>ficou</u> dentro do peixe três dias e três noites.	
= 27 verbos de Figura narrativa na NVI no tempo Pretérito Perfeito			
28	NVI C2	onde <u>encontrou</u> um navio	Pretérito perfeito
= 1 verbo de Categoria Intermediária na NVI no tempo Pretérito Perfeito			
29	NVI D3	porque a sua maldade <u>subiu</u> até a minha presença".	Pretérito perfeito
30	NVI D12	que [desgraça] se <u>abateu</u> sobre nós".	
31	NVI D20	que <u>fez</u> o mar e a terra".	
32	NVI D21	"O que <u>foi</u> que você <u>fez</u> ?"	
33	NVI D29	que esta violenta tempestade <u>caiu</u> sobre vocês".	
34	NVI D35	porque tu, ó Senhor, <u>fizeste</u>	
= 6 verbos de Discurso Direto na NVI no tempo Pretérito Perfeito			

35	NVI B10	Mas não <u>conseguiram</u> ,	Pretérito perfeito
= 1 verbo de Fundo narrativo na NVI no tempo Pretérito Perfeito			

Tabela 19 - Pretérito Imperfeito - NVI

	Nº	CONTEXTO	TEMPO
1	NVI C3	que se <u>destinava</u> àquele porto.	Pretérito imperfeito
2	NVI C5	que o barco <u>ameaçava arrebentar-se</u> .	
= 2 verbos de Categoria Intermediária na NVI no tempo Pretérito Imperfeito			
3	NVI D36	o que <u>desejavas</u> ".	Pretérito imperfeito
= 1 verbo de Discurso Direto na NVI no tempo Pretérito Imperfeito			
4	NVI B2	e cada um <u>clamava</u> ao seu próprio deus.	Pretérito imperfeito
5	NVI B5	[Jonas] <u>dormia</u> profundamente	
6	NVI B6	pois <u>sabiam</u>	
7	NVI B7	que Jonas <u>estava fugindo</u> do SENHOR,	
8	NVI B9	Visto que o mar <u>estava</u> cada vez mais agitado,	
= 5 verbos de Fundo narrativo na NVI no tempo Pretérito Imperfeito			

Tabela 20 - Pretérito mais-que-perfeito - NVI

	Nº	CONTEXTO	TEMPO
1	NVI B3	Enquanto isso, Jonas, que <u>tinha descido</u> ao porão	Pretérito mais-que-perfeito
2	NVI B4	e se [tinha] <u>deitado</u> ,	
3	NVI B8	porque ele já lhes <u>tinha dito</u> .	
4	NVI B11	porque o mar <u>tinha ficado</u> ainda mais violento.	
= 4 verbos de Fundo narrativo na NVI no tempo Pretérito mais-que-perfeito			

Tabela 21 - Presente do Indicativo - NVI

	Nº	CONTEXTO	TEMPO
1	NVI D4	"Como você <u>pode ficar</u> aí <u>dormindo</u> ?"	Presente
2	NVI D11	quem <u>é</u> o responsável por esta desgraça	
3	NVI D14	quem <u>é</u> o responsável por esta calamidade?	
4	NVI D15	Qual <u>é</u> a sua profissão?	
5	NVI D16	De onde você <u>vem</u> ?	
6	NVI D17	Qual <u>é</u> a sua terra?	
7	NVI D18	A que povo você <u>pertence</u> ? "	
8	NVI D19	"Eu <u>sou</u> hebreu, adorador do SENHOR, o Deus dos céus,	
9	NVI D22	"O que <u>devemos fazer</u> com você,	
10	NVI D27	Pois eu <u>sei</u>	
11	NVI D28	que <u>é</u> por minha causa	

12	NVI D30	"SENHOR, nós <u>suplicamos</u> ,	
= 12 verbos de Discurso Direto na NVI no Tempo Presente do Indicativo			

Tabela 22 - Forma Nominal: Infinitivo - NVI

	Nº	CONTEXTO	TEMPO
1	NVI C4	para <u>fugir</u> do Senhor.	Forma nominal: infinitivo
2	NVI C6	para <u>tornar</u> o navio mais leve.	
3	NVI C7	para <u>remar</u> de volta à terra.	
= 3 verbos de Categoria Intermediária na NVI na Forma nominal: Infinitivo			
4	NVI D10	para <u>descobrir</u>	Forma nominal: infinitivo
5	NVI D32	por <u>tirarmos</u> a vida deste homem.	
6	NVI D34	[a culpa] de <u>matar</u> um inocente,	
= 3 verbos de Discurso Direto na NVI na Forma nominal: Infinitivo			
7	NVI B1	Depois de <u>pagar</u> a passagem,	Forma nominal: infinitivo
8	NVI B12	Ao <u>verem</u> isso,	
= 2 verbos de Fundo narrativo na NVI na Forma nominal: Infinitivo			

Tabela 23 - Forma Nominal: Gerúndio - NVI

	Nº	CONTEXTO	TEMPO
1	NVI C1	<u>dirigindo-se</u> para Társis.	Forma nominal: gerúndio
2	NVI C8	<u>oferecendo-lhe</u> sacrificio	
3	NVI C9	e <u>fazendo-lhe</u> votos.	
= 3 verbos de Categoria Intermediária na NVI na Forma nominal: Gerúndio			

Tabela 24 - Futuro do Presente do Indicativo – NVI

	Nº	CONTEXTO	TEMPO
1	NVI D9	" <u>Vamos lançar</u> sortes	Futuro do presente
2	NVI D26	e ele se <u>acalmará</u> .	
= 2 verbos de Discurso Direto na NVI no tempo Futuro do Presente do Indicativo			

Tabela 25 - Imperativo – NVI

	Nº	CONTEXTO	TEMPO
1	NVI D1	" <u>Vá</u> depressa à grande cidade de Nínive	Imperativo afirmativo
2	NVI D2	e <u>pregue</u> contra ela,	
3	NVI D5	<u>Levante-se</u>	
4	NVI D6	e <u>clame</u> ao seu deus!	

5	NVI D13	"Diga-nos,	Imperativo negativo
6	NVI D24	"Peguem-me	
7	NVI D25	e <u>joguem</u> -me ao mar,	
8	NVI D31	não nos <u>deixes morrer</u>	
9	NVI D33	Não <u>caia</u> sobre nós a culpa	
= 9 verbos de Discurso Direto na NVI no Imperativo			

Tabela 26 - Presente do Subjuntivo - NVI

	Nº	CONTEXTO	TEMPO
1	NVI D7	Talvez ele <u>tenha</u> piedade de nós	Presente do Subjuntivo
2	NVI D8	e [talvez] não <u>morramos</u> ".	
3	NVI D23	para que o mar se <u>acalme</u> ? "	
= 3 verbos de Discurso Direto na NVI no tempo Presente do Subjuntivo			

Tabela 27 - Pretérito Perfeito - ARC

	Nº	CONTEXTO	TEMPO
1	ARC F1	E <u>veio</u> a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai,	Pretérito Perfeito
2	ARC F2	E Jonas se <u>levantou</u>	
3	ARC F3	<u>achou</u> um navio	
4	ARC F4	<u>pagou</u> , pois, a sua passagem	
5	ARC F5	e <u>desceu</u> para dentro dele,	
6	ARC F6	Mas o Senhor <u>mandou</u> ao mar um grande vento,	
7	ARC F7	e <u>fez-se</u> no mar uma grande tempestade,	
8	ARC F8	Então, <u>temeram</u> os marinheiros,	
9	ARC F9	Jonas, porém, <u>desceu</u> aos lugares do porão,	
10	ARC F10	e se <u>deitou</u> ,	
11	ARC F11	E o mestre do navio <u>chegou-se</u> a ele	
12	ARC F12	e [o mestre] <u>disse-lhe</u> :	
13	ARC F13	E <u>lançaram</u> sortes,	
14	ARC F14	e a sorte <u>caiu</u> sobre Jonas.	
15	ARC F15	Então, lhe <u>disseram</u> :	
16	ARC F16	E ele lhes <u>disse</u> :	
17	ARC F17	Então, os homens se <u>encheram</u> de grande temor	
18	ARC F18	e lhe <u>disseram</u> :	
19	ARC F19	E <u>disseram-lhe</u> :	
20	ARC F20	E ele lhes <u>disse</u> :	
21	ARC F21	Então, <u>clamaram</u> ao Senhor	
22	ARC F22	e <u>disseram</u> :	
23	ARC F23	E <u>levantaram</u> Jonas	
24	ARC F24	e o <u>lançaram</u> ao mar;	
25	ARC F25	e <u>cessou</u> o mar da sua fúria.	

26	ARC F26	<u>Temeram</u> , pois, estes homens ao Senhor com grande temor;	
27	ARC F27	e <u>ofereceram</u> sacrifícios ao Senhor	
28	ARC F28	e <u>fizeram</u> votos.	
29	ARC F29	<u>Deparou</u> , pois, o Senhor um grande peixe,	
30	ARC F30	e <u>esteve</u> Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe.	
= 30 verbos de Figura narrativa na ARC no tempo Pretérito Perfeito			
31	ARC D4	porque a sua malícia <u>subiu</u> até mim.	Pretérito Perfeito
32	ARC D13	por que causa nos <u>sobreveio</u> este mal.	
33	ARC D15	por que razão nos <u>sobreveio</u> este mal.	
34	ARC D22	o Deus do céu, que <u>fez</u> o mar e a terra seca.	
35	ARC D23	Por que <u>fizeste</u> tu isso?	
36	ARC D30	vos <u>sobreveio</u> esta grande tempestade.	
37	ARC D34	porque tu, Senhor, <u>fizeste</u>	
38	ARC D35	como te <u>aprouve</u> .	
= 8 verbos de Discurso Direto na ARC no tempo Pretérito Perfeito			

Tabela 28 - Pretérito Imperfeito – ARC

	Nº	CONTEXTO	TEMPO
1	ARC C4	que <u>ia</u> para Tárzis;	Pretérito Imperfeito
= 1 verbo de Categoria Intermediária na ARC no tempo Pretérito Imperfeito			
2	ARC B1	e o navio <u>estava para quebrar-se</u> .	Pretérito Imperfeito
3	ARC B2	e <u>clamava</u> cada um ao seu deus,	
4	ARC B3	e <u>lançavam</u> no mar as fazendas	
5	ARC B4	que <u>estavam</u> no navio,	
6	ARC B6	e <u>dormia</u> um profundo sono.	
7	ARC B7	E <u>dizia</u> cada um ao seu companheiro:	
8	ARC B8	Pois <u>sabiam</u> os homens	
9	ARC B9	que <u>fugia</u> de diante do Senhor,	
10	ARC B11	Por que o mar se <u>elevava</u>	
11	ARC B12	e <u>engrossava</u> cada vez mais.	
12	ARC B13	Entretanto, os homens <u>remavam</u> ,	
13	ARC B16	mas não <u>podiam</u> ,	
14	ARC B17	porquanto o mar se <u>ia embravecendo</u> cada vez mais contra eles.	
= 13 verbos de Fundo narrativo na ARC no tempo Pretérito Imperfeito			

Tabela 29 - Pretérito mais-que-perfeito – ARC

	Nº	CONTEXTO	TEMPO
1	ARC B10	porque ele lho <u>tinha</u> declarado.	Pretérito mais-que-perfeito
= 1 verbo de Fundo narrativo na ARC no tempo Pretérito mais-que-perfeito			

Tabela 30 - Presente do Indicativo – ARC

	Nº	CONTEXTO	TEMPO
1	ARC D5	Que <u>tens</u> , dormente?	Presente
2	ARC D16	Que ocupação <u>é</u> a tua?	
3	ARC D17	E donde <u>vens</u> ?	
4	ARC D18	Qual <u>é</u> a tua terra?	
5	ARC D19	E de que povo <u>és</u> tu?	
6	ARC D20	Eu <u>sou</u> hebreu	
7	ARC D21	e <u>temo</u> ao Senhor,	
8	ARC D29	porque eu <u>sei</u> que, por minha causa,	
9	ARC D31	Ah! Senhor! Nós te <u>rogamos</u> !	
= 9 verbos de Discurso Direto na ARC no tempo Presente do Indicativo			

Tabela 31 - Forma Nominal: Infinitivo – ARC

	Nº	CONTEXTO	TEMPO
1	ARC C2	para <u>fugir</u> de diante da face do Senhor para Társis;	Forma nominal: infinitivo
2	ARC C5	para <u>ir</u> com eles para Társis, de diante da face do Senhor.	
= 2 verbos de Categoria Intermediária na ARC na Forma Nominal: Infinitivo			
3	ARC B5	para o <u>aliviarem</u> do seu peso;	Forma nominal: infinitivo
4	ARC B15	por <u>alcançar</u> a terra,	
= 2 verbos de Fundo narrativo na ARC na Forma Nominal: Infinitivo			

Tabela 32 - Forma Nominal: Gerúndio – ARC

	Nº	CONTEXTO	TEMPO
1	ARC C1	<u>dizendo</u> :	Forma nominal: gerúndio
2	ARC C3	e, <u>descendo</u> a Jope,	
= 2 verbos de Categoria Intermediária na ARC na Forma Nominal: Gerúndio			

3	ARC B14	<u>esforçando-se</u>	Forma nominal: gerúndio
= 1 verbo de Fundo narrativo na ARC na Forma Nominal: Gerúndio			

Tabela 33 - Futuro do Presente do Indicativo - ARC

	Nº	CONTEXTO	TEMPO
1	ARC D24	Que te <u>faremos</u> nós,	Futuro do Presente
2	ARC D28	e o mar se <u>aquietará</u> ;	
= 2 verbos de Discurso Direto na ARC no Futuro do Presente do Indicativo			

Tabela 34 - Imperativo – ARC

	Nº	CONTEXTO	TEMPO
1	ARC D1	<u>Levanta-te</u> ,	Imperativo afirmativo
2	ARC D2	<u>vai</u> à grande cidade de Nínive	
3	ARC D3	e <u>clama</u> contra ela,	
4	ARC D6	<u>Levanta-te</u> ,	
5	ARC D7	<u>invoca</u> o teu Deus;	
6	ARC D10	<u>Vinde</u> ,	
7	ARC D11	e <u>lancemos</u> sortes,	
8	ARC D14	<u>Declara-nos</u> tu, agora,	
9	ARC D26	<u>Levantai-me</u>	
10	ARC D27	e <u>lançai-me</u> ao mar,	
11	ARC D32	Não <u>pereçamos</u> por causa da vida deste homem,	Imperativo negativo
12	ARC D33	e não <u>ponhas</u> sobre nós o sangue inocente;	
= 12 verbos de Discurso Direto na ARC no Imperativo			

Tabela 35 - Pretérito Imperfeito do Subjuntivo - ARC

	Nº	CONTEXTO	TEMPO
1	ARC C6	para que <u>tragasse</u> a Jonas;	Presente Imperfeito do Subjuntivo
= 1 verbo de Categoria Intermediária na ARC no tempo Pretérito Imperfeito do Subjuntivo			

Tabela 36 - Presente do Subjuntivo – ARC

	Nº	CONTEXTO	TEMPO
1	ARC D8	talvez assim Deus se <u>lembre</u> de nós	Presente do Subjuntivo
2	ARC D9	para que não <u>pereçamos</u> .	
3	ARC D12	para que <u>saibamos</u>	

4	ARC D25	para que o mar se <u>acalme</u> ?	
= 4 verbos de Discurso Direto na ARC no Presente do Subjuntivo			

Tabela 37 – Aspecto Imperfectivo - NVI

	Nº	CONTEXTO	ASPECTO
1	NVI C1	<u>dirigindo-se</u> para Társis.	Imperfectivo
2	NVI C3	que se <u>destinava</u> àquele porto.	
3	NVI C4	para <u>fugir</u> do Senhor.	
4	NVI C5	que o barco <u>ameaçava arrebentar-se</u> .	
5	NVI C6	para <u>tornar</u> o navio mais leve.	
6	NVI C7	para <u>remar</u> de volta à terra.	
7	NVI C8	<u>oferecendo-lhe</u> sacrifício	
8	NVI C9	e <u>fazendo-lhe</u> votos.	
= 8 verbos de Categoria Intermediária na NVI no Aspecto Imperfectivo			
9	NVI D1	" <u>Vá</u> depressa à grande cidade de Nínive	Imperfectivo
10	NVI D2	e <u>pregue</u> contra ela,	
11	NVI D4	"Como você <u>pode ficar</u> aí <u>dormindo</u> ?"	
12	NVI D5	<u>Levante-se</u>	
13	NVI D6	e <u>clame</u> ao seu deus!	
14	NVI D7	Talvez ele <u>tenha</u> piedade de nós	
15	NVI D8	e [talvez] não <u>morramos</u> ".	
16	NVI D9	"Vamos <u>lançar</u> sortes	
17	NVI D10	para <u>descobrir</u>	
18	NVI D11	quem <u>é</u> o responsável por esta desgraça	
19	NVI D13	" <u>Diga-nos</u> ,	
20	NVI D14	quem <u>é</u> o responsável por esta calamidade?"	
21	NVI D15	Qual <u>é</u> a sua profissão?"	
22	NVI D16	De onde você <u>vem</u> ?"	
23	NVI D17	Qual <u>é</u> a sua terra?"	
24	NVI D18	A que povo você <u>pertence</u> ?" "	
25	NVI D19	"Eu <u>sou</u> hebreu, adorador do SENHOR, o Deus dos céus,	
26	NVI D22	"O que <u>devemos fazer</u> com você,	
27	NVI D23	para que o mar se <u>acalme</u> ?" "	
28	NVI D24	" <u>Peguem-me</u>	
29	NVI D25	e <u>joguem-me</u> ao mar,	
30	NVI D26	e ele se <u>acalmará</u> .	
31	NVI D27	Pois eu <u>sei</u>	
32	NVI D28	que <u>é</u> por minha causa	
33	NVI D30	"SENHOR, nós <u>suplicamos</u> ,	
34	NVI D31	não nos <u>deixes morrer</u>	
35	NVI D32	por <u>tirarmos</u> a vida deste homem.	
36	NVI D33	Não <u>caia</u> sobre nós a culpa	

37	NVI D34	[a culpa] de <u>matar</u> um inocente,	
38	NVI D36	o que <u>desejavas</u> ".	
= 30 verbos de Discurso Direto na NVI no Aspecto Imperfectivo			
39	NVI B2	e cada um <u>clamava</u> ao seu próprio deus.	Imperfectivo
40	NVI B5	[Jonas] <u>dormia</u> profundamente	
41	NVI B6	pois <u>sabiam</u>	
42	NVI B7	que Jonas <u>estava fugindo</u> do SENHOR,	
43	NVI B9	Visto que o mar <u>estava</u> cada vez mais agitado,	
44	NVI B12	Ao <u>verem</u> isso,	
= 6 verbos de Fundo narrativo na NVI no Aspecto Imperfectivo			

Tabela 38 - Aspecto Perfeito - NVI

	Nº	CONTEXTO	ASPECTO
1	NVI B3	Enquanto isso, Jonas, que <u>tinha descido</u> ao porão	Perfeito
2	NVI B4	e se [tinha] <u>deitado</u> ,	
3	NVI B8	porque ele já lhes <u>tinha dito</u> .	
4	NVI B11	porque o mar <u>tinha ficado</u> ainda mais violento.	
= 4 verbos de Fundo narrativo na NVI no Aspecto Perfeito			

Tabela 39 - Aspecto Perfectivo - NVI

	Nº	CONTEXTO	ASPECTO
1	NVI F1	A palavra do SENHOR <u>veio</u> a Jonas, filho de Amitai, com esta ordem:	Perfectivo
2	NVI F2	Mas Jonas <u>fugiu</u> da presença do SENHOR,	
3	NVI F3	<u>Desceu</u> à cidade de Jope,	
4	NVI F4	<u>embarcou</u> para Társis,	
5	NVI F5	O Senhor, porém, <u>fez soprar</u> um forte vento sobre o mar,	
6	NVI F6	e <u>caiu</u> uma tempestade tão violenta	
7	NVI F7	Todos os marinheiros <u>ficaram</u> com medo	
8	NVI F8	E <u>atiraram</u> as cargas ao mar	
9	NVI F9	O capitão <u>dirigiu-se</u> a ele	
10	NVI F10	e [o capitão] <u>disse</u> :	
11	NVI F11	Então os marinheiros <u>combinaram</u> entre si:	
12	NVI F12	<u>Lançaram</u> sortes,	
13	NVI F13	e a sorte <u>caiu</u> sobre Jonas.	
14	NVI F14	Por isso lhe <u>perguntaram</u> :	
15	NVI F15	Ele <u>respondeu</u> :	
16	NVI F16	Então os homens <u>ficaram</u> apavorados	
17	NVI F17	e [os homens] <u>perguntaram</u> :	
18	NVI F18	eles lhe <u>perguntaram</u> :	

19	NVI F19	Respondeu ele:	
20	NVI F20	Ao invés disso, os homens <u>se esforçaram</u> ao máximo	
21	NVI F21	Eles <u>clamaram</u> ao SENHOR:	
22	NVI F22	Em seguida <u>pegaram</u> Jonas	
23	NVI F23	e o <u>lançaram</u> ao mar enfurecido,	
24	NVI F24	e este <u>se aquietou</u> .	
25	NVI F25	os homens <u>adoraram</u> o SENHOR com temor,	
26	NVI F26	O SENHOR <u>fez com que</u> um grande peixe <u>engolisse</u> Jonas,	
27	NVI F27	e ele <u>ficou</u> dentro do peixe três dias e três noites.	
= 27 verbos de Figura narrativa na NVI no Aspecto Perfectivo			
28	NVI C2	onde <u>encontrou</u> um navio	Perfectivo
= 1 verbo de Categoria Intermediária na NVI no Aspecto Perfectivo			
29	NVI D3	porque a sua maldade <u>subiu</u> até a minha presença".	Perfectivo
30	NVI D12	que [desgraça] <u>se abateu</u> sobre nós".	
31	NVI D20	que <u>fez</u> o mar e a terra".	
32	NVI D21	"O que <u>foi</u> que você <u>fez</u> ?	
33	NVI D29	que esta violenta tempestade <u>caiu</u> sobre vocês".	
34	NVI D35	porque tu, ó Senhor, <u>fizeste</u>	
= 6 verbos de Discurso Direto na NVI no Aspecto Perfectivo			
35	NVI B1	Depois de <u>pagar</u> a passagem,	Perfectivo
36	NVI B7	Mas não <u>conseguiram</u> ,	
= 2 verbos de Fundo narrativo na NVI no Aspecto Perfectivo			

Tabela 40 - Aspecto Imperfectivo - ARC

	Nº	CONTEXTO	ASPECTO
1	ARC C1	<u>dizendo</u> :	Imperfectivo
2	ARC C2	para <u>fugir</u> de diante da face do Senhor para Társsis;	
3	ARC C3	e, <u>descendo</u> a Jope,	
4	ARC C4	que <u>ia</u> para Társsis;	
5	ARC C5	para <u>ir</u> com eles para Társsis, de diante da face do Senhor.	
6	ARC C6	para que <u>tragasse</u> a Jonas;	
= 6 verbos de Categoria Intermediária na ARC no Aspecto Imperfectivo			
7	ARC D1	<u>Levanta-te</u> ,	Imperfectivo
8	ARC D2	<u>vai</u> à grande cidade de Nínive	
9	ARC D3	e <u>clama</u> contra ela,	
10	ARC D5	Que <u>tens</u> , dormente?	
11	ARC D6	<u>Levanta-te</u> ,	
12	ARC D7	<u>invoca</u> o teu Deus;	
13	ARC D8	talvez assim Deus se <u>lembre</u> de nós	
14	ARC D9	para que não <u>pereçamos</u> .	

15	ARC D10	<u>Vinde</u> ,	
16	ARC D11	e <u>lancemos</u> sortes,	
17	ARC D12	para que <u>saibamos</u>	
18	ARC D14	<u>Declara-nos</u> tu, agora,	
19	ARC D16	Que <u>ocupação é</u> a tua?	
20	ARC D17	E donde <u>vens</u> ?	
21	ARC D18	Qual <u>é</u> a tua terra?	
22	ARC D19	E de que povo <u>és</u> tu?	
23	ARC D20	Eu <u>sou</u> hebreu	
24	ARC D21	e <u>temo</u> ao Senhor,	
25	ARC D24	Que te <u>faremos</u> nós,	
26	ARC D25	para que o mar se <u>acalme</u> ?	
27	ARC D26	<u>Levantai-me</u>	
28	ARC D27	e <u>lançai-me</u> ao mar,	
29	ARC D28	e o mar se <u>aquietará</u> ;	
30	ARC D29	porque eu <u>sei</u> que, por minha causa,	
31	ARC D31	Ah! Senhor! Nós te <u>rogamos</u> !	
32	ARC D32	Não <u>pereçamos</u> por causa da vida deste homem,	
33	ARC D33	e não <u>ponhas</u> sobre nós o sangue inocente;	
= 27 verbos de Discurso Direto na ARC no Aspecto Imperfectivo			
34	ARC B1	e o navio <u>estava para quebrar-se</u> .	Imperfectivo
35	ARC B2	e <u>clamava</u> cada um ao seu deus,	
36	ARC B3	e <u>lançavam</u> no mar as fazendas	
37	ARC B4	que <u>estavam</u> no navio,	
38	ARC B5	para o <u>aliviarem</u> do seu peso;	
39	ARC B6	e <u>dormia</u> um profundo sono.	
40	ARC B7	E <u>dizia</u> cada um ao seu companheiro:	
41	ARC B8	Pois <u>sabiam</u> os homens	
42	ARC B9	que <u>fugia</u> de diante do Senhor,	
43	ARC B11	Por que o mar se <u>elevava</u>	
44	ARC B12	e <u>engrossava</u> cada vez mais.	
45	ARC B13	Entretanto, os homens <u>remavam</u> ,	
46	ARC B14	<u>esforçando-se</u>	
47	ARC B15	por <u>alcançar</u> a terra,	
48	ARC B16	mas não <u>podiam</u> ,	
49	ARC B17	porquanto o mar se <u>ia embravecendo</u> cada vez mais contra eles.	
= 16 verbos de Fundo narrativo na ARC no Aspecto Imperfectivo			

Tabela 41 - Aspecto Perfeito - ARC

	Nº	CONTEXTO	ASPECTO
1	ARC B10	porque ele lho <u>tinha declarado</u> .	Perfeito
= 1 verbo de Fundo narrativo na ARC no Aspecto Perfeito			

Tabela 42 - Aspecto Perfectivo - ARC

	Nº	CONTEXTO	ASPECTO
1	ARC F1	E <u>veio</u> a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai,	Perfectivo
2	ARC F2	E Jonas se <u>levantou</u>	
3	ARC F3	<u>achou</u> um navio	
4	ARC F4	<u>pagou</u> , pois, a sua passagem	
5	ARC F5	e <u>desceu</u> para dentro dele,	
6	ARC F6	Mas o Senhor <u>mandou</u> ao mar um grande vento,	
7	ARC F7	e <u>fez-se</u> no mar uma grande tempestade,	
8	ARC F8	Então, <u>temeram</u> os marinheiros,	
9	ARC F9	Jonas, porém, <u>desceu</u> aos lugares do porão,	
10	ARC F10	e se <u>deitou</u> ,	
11	ARC F11	E o mestre do navio <u>chegou-se</u> a ele	
12	ARC F12	e [o mestre] <u>disse-lhe</u> :	
13	ARC F13	E <u>lançaram</u> sortes,	
14	ARC F14	e a sorte <u>caiu</u> sobre Jonas.	
15	ARC F15	Então, <u>lhe disseram</u> :	
16	ARC F16	E ele <u>lhes disse</u> :	
17	ARC F17	Então, os homens se <u>encheram</u> de grande temor	
18	ARC F18	e <u>lhe disseram</u> :	
19	ARC F19	E <u>disseram-lhe</u> :	
20	ARC F20	E ele <u>lhes disse</u> :	
21	ARC F21	Então, <u>clamaram</u> ao Senhor	
22	ARC F22	e <u>disseram</u> :	
23	ARC F23	E <u>levantaram</u> Jonas	
24	ARC F24	e o <u>lançaram</u> ao mar;	
25	ARC F25	e <u>cessou</u> o mar da sua fúria.	
26	ARC F26	<u>Temeram</u> , pois, estes homens ao Senhor com grande temor;	
27	ARC F27	e <u>ofereceram</u> sacrifícios ao Senhor	
28	ARC F28	e <u>fizeram</u> votos.	
29	ARC F29	<u>Deparou</u> , pois, o Senhor um grande peixe,	
30	ARC F30	e <u>esteve</u> Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe.	
= 30 verbos de Figura narrativa na ARC no Aspecto Perfectivo			
31	ARC D4	porque a sua malícia <u>subiu</u> até mim.	Perfectivo
32	ARC D13	por que causa nos <u>sobreveio</u> este mal.	

33	ARC D15	por que razão nos <u>sobreveio</u> este mal.	
34	ARC D22	o Deus do céu, que <u>fez</u> o mar e a terra seca.	
35	ARC D23	Por que <u>fizeste</u> tu isso?	
36	ARC D30	vos <u>sobreveio</u> esta grande tempestade.	
37	ARC D34	porque tu, Senhor, <u>fizeste</u>	
38	ARC D35	como te <u>aprouve</u> .	
= 8 verbos de Discurso Direto na ARC no Aspecto Perfectivo			

Tabela 43 - Modo *Realis* - NVI

	Nº	CONTEXTO	MODO
1	NVI F1	A palavra do SENHOR <u>veio</u> a Jonas, filho de Amitai, com esta ordem:	<i>Realis</i>
2	NVI F2	Mas Jonas <u>fugiu</u> da presença do SENHOR,	
3	NVI F3	<u>Desceu</u> à cidade de Jope,	
4	NVI F4	<u>embarcou</u> para Társis,	
5	NVI F5	O Senhor, porém, <u>fez soprar</u> um forte vento sobre o mar,	
6	NVI F6	e <u>caiu</u> uma tempestade tão violenta	
7	NVI F7	Todos os marinheiros <u>ficaram</u> com medo	
8	NVI F8	E <u>atiraram</u> as cargas ao mar	
9	NVI F9	O capitão <u>dirigiu-se</u> a ele	
10	NVI F10	e [o capitão] <u>disse</u> :	
11	NVI F11	Então os marinheiros <u>combinaram</u> entre si:	
12	NVI F12	<u>Lançaram</u> sortes,	
13	NVI F13	e a sorte <u>caiu</u> sobre Jonas.	
14	NVI F14	Por isso lhe <u>perguntaram</u> :	
15	NVI F15	Ele <u>respondeu</u> :	
16	NVI F16	Então os homens <u>ficaram</u> apavorados	
17	NVI F17	e [os homens] <u>perguntaram</u> :	
18	NVI F18	eles lhe <u>perguntaram</u> :	
19	NVI F19	<u>Respondeu</u> ele:	
20	NVI F20	Ao invés disso, os homens <u>se esforçaram</u> ao máximo	
21	NVI F21	Eles <u>clamaram</u> ao SENHOR:	
22	NVI F22	Em seguida <u>pegaram</u> Jonas	
23	NVI F23	e o <u>lançaram</u> ao mar enfurecido,	
24	NVI F24	e este <u>se aquietou</u> .	
25	NVI F25	os homens <u>adoraram</u> o SENHOR com temor,	
26	NVI F26	O SENHOR <u>fez com que um grande peixe engolisse</u> Jonas,	
27	NVI F27	e ele <u>ficou</u> dentro do peixe três dias e três noites.	
= 27 sentenças de Figura narrativa na NVI no modo <i>Realis</i>			
28	NVI C1	<u>dirigindo-se</u> para Társis.	<i>Realis</i>
29	NVI C2	onde <u>encontrou</u> um navio	
30	NVI C3	que se <u>destinava</u> àquele porto.	

31	NVI C5	que o barco <u>ameaçava</u> arrebentar-se.	
32	NVI C8	<u>oferecendo-lhe</u> sacrifício	
33	NVI C9	e <u>fazendo-lhe</u> votos.	
= 6 sentenças de Categoria Intermediária na NVI no modo <i>Realis</i>			
34	NVI D3	porque a sua maldade <u>subiu</u> até a minha presença".	<i>Realis</i>
35	NVI D11	quem <u>é</u> o responsável por esta desgraça	
36	NVI D12	que [desgraça] se <u>abateu</u> sobre nós".	
37	NVI D14	quem <u>é</u> o responsável por esta calamidade?	
38	NVI D15	Qual <u>é</u> a sua profissão?	
39	NVI D16	De onde você <u>vem</u> ?	
40	NVI D17	Qual <u>é</u> a sua terra?	
41	NVI D18	A que povo você <u>pertence</u> ? "	
42	NVI D19	"Eu <u>sou</u> hebreu, adorador do SENHOR, o Deus dos céus,	
43	NVI D20	que <u>fez</u> o mar e a terra".	
44	NVI D21	"O que <u>foi</u> que você <u>fez</u> ?	
45	NVI D27	Pois eu <u>sei</u>	
46	NVI D28	que <u>é</u> por minha causa	
47	NVI D29	que esta violenta tempestade <u>caiu</u> sobre vocês".	
48	NVI D30	"SENHOR, nós <u>suplicamos</u> ,	
49	NVI D35	porque tu, ó Senhor, <u>fizeste</u>	
50	NVI D36	o que <u>desejavas</u> ".	
= 17 sentenças de Discurso Direto na NVI no modo <i>Realis</i>			
51	NVI B1	Depois de <u>pagar</u> a passagem,	<i>Realis</i>
52	NVI B2	e cada um <u>clamava</u> ao seu próprio deus.	
53	NVI B3	Enquanto isso, Jonas, que <u>tinha</u> descido ao porão	
54	NVI B4	e se [tinha] <u>deitado</u> ,	
55	NVI B5	[Jonas] <u>dormia</u> profundamente	
56	NVI B6	pois <u>sabiam</u>	
57	NVI B7	que Jonas <u>estava</u> fugindo do SENHOR,	
58	NVI B8	porque ele já lhes <u>tinha</u> dito.	
59	NVI B9	Visto que o mar <u>estava</u> cada vez mais agitado,	
60	NVI B11	porque o mar <u>tinha</u> ficado ainda mais violento.	
61	NVI B12	Ao <u>verem</u> isso,	
= 11 sentenças de Fundo narrativo na NVI no modo <i>Realis</i>			

Tabela 44 - Modo *Irrealis* - NVI

	Nº	CONTEXTO	MODO
1	NVI C4	para <u>fugir</u> do Senhor.	<i>Irrealis</i>
2	NVI C6	para <u>tornar</u> o navio mais leve.	
3	NVI C7	para <u>remar</u> de volta à terra.	
= 3 sentenças de Categoria Intermediária na NVI no modo <i>irrealis</i>			
4	NVI D1	" <u>Vá</u> depressa à grande cidade de Nínive	<i>Irrealis</i>

5	NVI D2	e <u>pregue</u> contra ela,	
6	NVI D4	"Como você <u>pode ficar</u> aí <u>dormindo</u> ?"	
7	NVI D5	<u>Levante-se</u>	
8	NVI D6	e <u>clame</u> ao seu deus!	
9	NVI D7	Talvez ele <u>tenha</u> piedade de nós	
10	NVI D8	e [talvez] não <u>morramos</u> ".	
11	NVI D9	" <u>Vamos lançar</u> sortes	
12	NVI D10	para <u>descobrir</u>	
13	NVI D13	" <u>Diga-nos</u> ,	
14	NVI D22	"O que <u>devemos fazer</u> com você,	
15	NVI D23	para que o mar se <u>acalme</u> ? "	
16	NVI D24	" <u>Peguem-me</u>	
17	NVI D25	e <u>joguem-me</u> ao mar,	
18	NVI D26	e ele se <u>acalmará</u> .	
19	NVI D31	não nos <u>deixes morrer</u>	
20	NVI D32	por <u>tirarmos</u> a vida deste homem.	
21	NVI D33	Não <u>caia</u> sobre nós a culpa	
22	NVI D34	[a culpa] de <u>matar</u> um inocente,	
= 19 sentenças de Discurso Direto na NVI no modo <i>irrealis</i>			
23	NVI B10	Mas não <u>conseguiram</u> ,	<i>Irrealis</i>
= 1 sentença de Fundo narrativo na NVI no modo <i>irrealis</i>			

Tabela 45 - Modo *Realis* - ARC

	Nº	CONTEXTO	MODO
1	ARC F1	E <u>veio</u> a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai,	<i>Realis</i>
2	ARC F2	E Jonas se <u>levantou</u>	
3	ARC F3	<u>achou</u> um navio	
4	ARC F4	<u>pagou</u> , pois, a sua passagem	
5	ARC F5	e <u>desceu</u> para dentro dele,	
6	ARC F6	Mas o Senhor <u>mandou</u> ao mar um grande vento,	
7	ARC F7	e <u>fez-se</u> no mar uma grande tempestade,	
8	ARC F8	Então, <u>temeram</u> os marinheiros,	
9	ARC F9	Jonas, porém, <u>desceu</u> aos lugares do porão,	
10	ARC F10	e se <u>deitou</u> ,	
11	ARC F11	E o mestre do navio <u>chegou-se</u> a ele	
12	ARC F12	e [o mestre] <u>disse-lhe</u> :	
13	ARC F13	E <u>lançaram</u> sortes,	
14	ARC F14	e a sorte <u>caiu</u> sobre Jonas.	
15	ARC F15	Então, lhe <u>disseram</u> :	
16	ARC F16	E ele lhes <u>disse</u> :	
17	ARC F17	Então, os homens se <u>encheram</u> de grande temor	
18	ARC F18	e lhe <u>disseram</u> :	
19	ARC F19	E <u>disseram-lhe</u> :	

20	ARC F20	E ele lhes <u>disse</u> :	
21	ARC F21	Então, <u>clamaram</u> ao Senhor	
22	ARC F22	e <u>disseram</u> :	
23	ARC F23	E <u>levantaram</u> Jonas	
24	ARC F24	e o <u>lançaram</u> ao mar;	
25	ARC F25	e <u>cessou</u> o mar da sua fúria.	
26	ARC F26	<u>Temeram</u> , pois, estes homens ao Senhor com grande temor;	
27	ARC F27	e <u>ofereceram</u> sacrifícios ao Senhor	
28	ARC F28	e <u>fizeram</u> votos.	
29	ARC F29	<u>Deparou</u> , pois, o Senhor um grande peixe,	
30	ARC F30	e <u>esteve</u> Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe.	
= 30 sentenças de Figura narrativa na ARC no modo <i>Realis</i>			
31	ARC C1	<u>dizendo</u> :	<i>Realis</i>
32	ARC C3	e, <u>descendo</u> a Jope,	
= 2 sentenças de Categoria Intermediária na ARC no modo <i>Realis</i>			
33	ARC D4	porque a sua malícia <u>subiu</u> até mim.	<i>Realis</i>
34	ARC D5	Que <u>tens</u> , dormente?	
35	ARC D13	por que causa nos <u>sobreveio</u> este mal.	
36	ARC D15	por que razão nos <u>sobreveio</u> este mal.	
37	ARC D16	Que ocupação <u>é</u> a tua?	
38	ARC D17	E donde <u>vens</u> ?	
39	ARC D18	Qual <u>é</u> a tua terra?	
40	ARC D19	E de que povo <u>és</u> tu?	
41	ARC D20	Eu <u>sou</u> hebreu	
42	ARC D21	e <u>temo</u> ao Senhor,	
43	ARC D22	o Deus do céu, que <u>fez</u> o mar e a terra seca.	
44	ARC D23	Por que <u>fizeste</u> tu isso?	
45	ARC D29	porque eu <u>sei</u> que, por minha causa,	
46	ARC D30	vos <u>sobreveio</u> esta grande tempestade.	
47	ARC D31	Ah! Senhor! Nós te <u>rogamos</u> !	
48	ARC D34	porque tu, Senhor, <u>fizeste</u>	
49	ARC D35	como te <u>aprouve</u> .	
= 17 sentenças de Discurso Direto na ARC no modo <i>Realis</i>			
50	ARC B1	e o navio <u>estava para quebrar-se</u> .	<i>Realis</i>
51	ARC B2	e <u>clamava</u> cada um ao seu deus,	
52	ARC B3	e <u>lançavam</u> no mar as fazendas	
53	ARC B4	que <u>estavam</u> no navio,	
54	ARC B6	e <u>dormia</u> um profundo sono.	
55	ARC B7	E <u>dizia</u> cada um ao seu companheiro:	
56	ARC B8	Pois <u>sabiam</u> os homens	
57	ARC B9	que <u>fugia</u> de diante do Senhor,	
58	ARC B10	porque ele lho <u>tinha declarado</u> .	

59	ARC B11	Por que o mar se <u>elevava</u>	
60	ARC B12	e <u>engrossava</u> cada vez mais.	
61	ARC B13	Entretanto, os homens <u>remavam</u> ,	
62	ARC B14	<u>esforçando-se</u>	
63	ARC B17	porquanto o mar se <u>ia embravecendo</u> cada vez mais contra eles.	
= 14 sentenças de Fundo narrativo na ARC no modo <i>Realis</i>			

Tabela 46 - Modo *Irrealis* - ARC

	Nº	CONTEXTO	MODO
1	ARC C2	para <u>fugir</u> de diante da face do Senhor para Társis;	<i>Irrealis</i>
2	ARC C4	que <u>ia</u> para Társis;	
3	ARC C5	para <u>ir</u> com eles para Társis, de diante da face do Senhor.	
4	ARC C6	para que <u>tragasse</u> a Jonas;	
= 4 sentenças de Categoria Intermediária na ARC no modo <i>Irrealis</i>			
5	ARC D1	<u>Levanta-te</u> ,	<i>Irrealis</i>
6	ARC D2	<u>vai</u> à grande cidade de Nínive	
7	ARC D3	e <u>clama</u> contra ela,	
8	ARC D6	<u>Levanta-te</u> ,	
9	ARC D7	<u>invoca</u> o teu Deus;	
10	ARC D8	talvez assim Deus se <u>lembre</u> de nós	
11	ARC D9	para que não <u>pereçamos</u> .	
12	ARC D10	<u>Vinde</u> ,	
13	ARC D11	e <u>lancemos</u> sortes,	
14	ARC D12	para que <u>saibamos</u>	
15	ARC D14	<u>Declara-nos</u> tu, agora,	
16	ARC D24	Que te <u>faremos</u> nós,	
17	ARC D25	para que o mar se <u>acalme</u> ?	
18	ARC D26	<u>Levantai-me</u>	
19	ARC D27	e <u>lançai-me</u> ao mar,	
20	ARC D28	e o mar se <u>aquietará</u> ;	
21	ARC D32	Não <u>pereçamos</u> por causa da vida deste homem,	
22	ARC D33	e não <u>ponhas</u> sobre nós o sangue inocente;	
= 18 sentenças de Discurso Direto na ARC no modo <i>Irrealis</i>			
23	ARC B5	para o <u>aliviarem</u> do seu peso;	<i>Irrealis</i>
24	ARC B15	por <u>alcançar</u> a terra,	
25	ARC B16	mas não <u>podiam</u> ,	
= 3 sentenças de Fundo narrativo na ARC no modo <i>Irrealis</i>			

ANEXO 1: Primeiro Capítulo do livro bíblico de Jonas na versão NVI 2000 – Versão Impressa (Reimpressão 2012), com a numeração dos versículos mantida

Chamado e fuga de Jonas

- 1 - A palavra do Senhor veio a Jonas, filho de Amitai com esta ordem:
- 2 - "Vá depressa à grande cidade de Nínive e pregue contra ela, porque a sua maldade subiu até a minha presença".
- 3 - Mas Jonas fugiu da presença do Senhor, dirigindo-se para Tárzis. Desceu à cidade de Jope, onde encontrou um navio que se destinava àquele porto. Depois de pagar a passagem, embarcou para Tárzis, para fugir do Senhor.
- 4 - O Senhor, porém, fez soprar um forte vento sobre o mar, e caiu uma tempestade tão violenta que o barco ameaçava arrebentar-se.
- 5 - Todos os marinheiros ficaram com medo e cada um clamava ao seu próprio deus. E atiraram as cargas ao mar para tornar mais leve o navio. Enquanto isso, Jonas, que tinha descido para o porão e se deitado, dormia profundamente.
- 6 - O capitão dirigiu-se a ele e disse: "Como você pode ficar aí dormindo? Levante-se e clame ao seu deus! Talvez ele tenha piedade de nós e não morramos".
- 7 - Então os marinheiros combinaram entre si: "Vamos tirar sortes para descobrir quem é o responsável por esta desgraça que se abateu sobre nós". Tiraram sortes, e a sorte caiu sobre Jonas.
- 8 - Por isso lhe perguntaram: "Diga-nos, quem é o responsável por esta calamidade? Qual é a sua profissão? De onde você vem? Qual é a sua terra? A que povo você pertence? "
- 9 - Ele respondeu: "Eu sou hebreu, adorador do Senhor, o Deus dos céus, que fez o mar e a terra".
- 10 - Com isso eles ficaram apavorados e perguntaram: "O que foi que você fez? ", pois sabiam que Jonas estava fugindo do Senhor, porque ele já lhes tinha dito.
- 11 - Visto que o mar estava cada vez mais agitado, eles lhe perguntaram: "O que devemos fazer com você, para que o mar se acalme? "
- 12 - Respondeu ele: "Peguem-me e joguem-me ao mar, e ele se acalmará. Pois eu sei que é por minha causa que esta violenta tempestade caiu sobre vocês".
- 13 - Ao invés disso, os homens se esforçaram ao máximo para remar de volta à terra. Mas não conseguiram, porque o mar tinha ficado ainda mais violento.
- 14 - Então eles clamaram ao Senhor: "Senhor, nós suplicamos, não nos deixes morrer por tirarmos a vida deste homem. Não caia sobre nós a culpa de matar um inocente, porque tu, ó Senhor, fizeste o que desejavas".
- 15 - Então, pegaram Jonas e o lançaram ao mar enfurecido, e este se aquietou.
- 16 - Ao verem isso, os homens adoraram ao Senhor com temor, oferecendo-lhe sacrifício e fazendo-lhe votos.
- 17 - Então o Senhor fez com que um grande peixe engolisse Jonas, e ele ficou dentro do peixe três dias e três noites.

ANEXO 2: Primeiro Capítulo do livro bíblico de Jonas na versão ARC 95 – 4ª edição 2009 -
Versão com os versículos mantidos

A vocação de Jonas, a sua fuga e o seu castigo

1 - E veio a palavra do SENHOR a Jonas, filho de Amitai, dizendo:

2 - Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim.

3 - E Jonas se levantou para fugir de diante da face do SENHOR para Társsis; e, descendo a Jope, achou um navio que ia para Társsis; pagou, pois, a sua passagem e desceu para dentro dele, para ir com eles para Társsis, de diante da face do SENHOR.

4 - Mas o SENHOR mandou ao mar um grande vento, e fez-se no mar uma grande tempestade, e o navio estava para quebrar-se.

5 - Então, temeram os marinheiros, e clamava cada um ao seu deus, e lançavam no mar as fazendas que estavam no navio, para o aliviarem do seu peso; Jonas, porém, desceu aos lugares do porão, e se deitou, e dormia um profundo sono.

6 - E o mestre do navio chegou-se a ele e disse-lhe: Que tens, dormente? Levanta-te, invoca o teu Deus; talvez assim Deus se lembre de nós para que não pereçamos.

7 - E dizia cada um ao seu companheiro: Vinde, e lancemos sortes, para que saibamos por que causa nos sobreveio este mal. E lançaram sortes, e a sorte caiu sobre Jonas.

8 - Então, lhe disseram: Declara-nos tu, agora, por que razão nos sobreveio este mal. Que ocupação é a tua? E donde vens? Qual é a tua terra? E de que povo és tu?

9 - E ele lhes disse: Eu sou hebreu e temo ao SENHOR, o Deus do céu, que fez o mar e a terra seca.

10 - Então, os homens se encheram de grande temor e lhe disseram: Por que fizeste tu isso? Pois sabiam os homens que fugia de diante do SENHOR, porque ele lho tinha declarado.

11 - E disseram-lhe: Que te faremos nós, para que o mar se acalme? Por que o mar se elevava e engrossava cada vez mais.

12 - E ele lhes disse: Levantai-me e lançai-me ao mar, e o mar se aquietará; porque eu sei que, por minha causa, vos sobreveio esta grande tempestade.

13 - Entretanto, os homens remavam, esforçando-se por alcançar a terra, mas não podiam, porquanto o mar se ia embravecendo cada vez mais contra eles.

14 - Então, clamaram ao SENHOR e disseram: Ah! SENHOR! Nós te rogamos! Não pereçamos por causa da vida deste homem, e não ponhas sobre nós o sangue inocente; porque tu, SENHOR, fizeste como te aprouve.

15 - E levantaram Jonas e o lançaram ao mar; e cessou o mar da sua fúria.

16 - Temeram, pois, estes homens ao SENHOR com grande temor; e ofereceram sacrifícios ao SENHOR e fizeram votos.

17 - Deparou, pois, o SENHOR um grande peixe, para que tragasse a Jonas; e esteve Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe.